

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

***A PAISAGEM, AS ALDEIAS E OS MONTES
DE VILA RUIVA E VILA ALVA***

Liliana Caeiro Fragoso

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista

Trabalho efetuado sob a orientação:
do Professor Doutor Miguel Reimão Lopes da Costa

2016

A Paisagem, as Aldeias e os montes de Vila Ruiva e Vila Alva

Declaração de Autoria de Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Liliana Fragoso

Copyright

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

- à minha família, pelo apoio e incentivo prestado. Sem ela nada teria sido possível;

- ao meu professor e orientador, arquiteto Miguel Reimão Costa. Pela sua disponibilidade e pelos sábios conselhos que me deu;

- às pessoas que me "aturaram" durante esta investigação:
 - ao Sr. António Tira -Picos, dono da Herdade do Zambujal, que me deu autorização para estudar a sua propriedade;
 - ao Sr. Manuel Luz e à D^a Maria da Graça Sota, pela disponibilidade e amabilidade que sempre tiveram comigo e pelas visitas guiadas à Herdade e ao Monte do Zambujal;
 - à D^a Alzira Pinto e à D^a Joaquina Seco que foram bastante afáveis para comigo e que tanto me ajudam com os seus testemunhos;
 - a todas as pessoas e instituições que cederem documentos e fotografias antigas (inclusive a Câmara Municipal de Cuba).

- às minhas colegas de mestrado, que tantas dúvidas me esclareceram, demonstrando um enorme espírito de camaradagem.

RESUMO

A bela e singular paisagem do baixo Alentejo está associada a enormes planícies cobertas de cereais e a extensas zonas de montado. Através da presente investigação, e considerando nomeadamente o trabalho de campo e a análise bibliográfica e cartográfica (mapas, fotografias, registos, cadastros e cartas, entre elas as singulares cartas de Augusto Pery, datadas de 1883), procurou-se compreender as diversas unidades de paisagem onde se integra a área de estudo, perceber a sua transformação ao longo do tempo e desenvolver uma análise prospetiva para a evolução das herdades e dos montes alentejanos. Para consolidar os conhecimentos adquiridos anteriormente, foi um objeto de estudo - o monte e a herdade do Zambujal - onde o trabalho de campo foi desenvolvido de modo a compreender não só a sua evolução como a relação com todo o território envolvente.

Tal como o título do trabalho indica, a sua estrutura segue uma sequência escalar, ou seja, começa-se a estudar do geral para o particular: a "paisagem", de seguida a "aldeia" e por fim o "monte". O trabalho está dividido em quatro capítulos: "Paisagem", "Aldeias", "Herdades e Montes Alentejanos" e por último o "Caso de Estudo - Herdade e Monte do Zambujal".

A herdade do Zambujal situa-se entre duas localidades: Vila Ruiva e Vila Alva que constituem duas aldeias pequenas mas muito ricas em património arquitetónico e paisagístico que pertencem ao concelho de Cuba. Na sua paisagem circundante verificam-se algumas particularidades, a nível das culturas, que permitem distinguir a freguesia de Vila Ruiva da freguesia de Vila Alva. Na área objeto de estudo são identificados diversos montes em ruínas entre outros que ainda são ocupados em função das atividades que se desenvolvem na respetiva herdade. É o caso do monte do Zambujal, ainda hoje habitado, cuja principal atividade está relacionada, no presente, com a criação de gado bovino.

Com este estudo pretende-se realçar e valorizar a paisagem alentejana e o conjunto indivisível (herdade + monte), contribuindo para a sua salvaguarda, uma vez que este património vernacular faz parte da cultura de um povo e que infelizmente se encontra em risco eminente.

Palavras chave: Paisagem, Alentejo, Herdade, Monte Alentejano, Monte do Zambujal.

ABSTRACT

The beautiful and unique landscape of the lower Alentejo is associated with huge plains covered with cereal and large areas of mounted. Through this research, and considering in particular the fieldwork and the literature analysis and mapping (maps, photographs, records, entries and letters, including the unique letters of Augusto Pery, dated 1883), we tried to understand the various units landscape which integrates the study area, to realize their transformation over time and develop a prospective analysis for the development of farms and the hills of Alentejo. To consolidate the knowledge acquired previously, was an object of study - the lot and the estate of Zambujal - where fieldwork was developed in order to understand not only their evolution as the relationship with all the surrounding territory.

As the title of the work indicates, its structure follows a climbing sequence, ie starts to study the general to the particular: the "Landscape", then the "village" and finally the "mountain." The work is divided into four section: "Landscape", "Villages", "Estates and Alentejanos Hills" and finally the "Case Study - Estate and Mount Zambujal."

The Zambujal estate is between two locations: Vila Ruiva and Alva that are two small but very rich villages in architectural and landscape heritage belonging to the municipality of Cuba. In its surrounding countryside check are some peculiarities, the level of cultures, for distinguishing the Vila Ruiva parish the parish of Vila Alva. In the study area are identified several hills in ruins and others that are still occupied due to the activities that develop in the respective farm. This is the case of Mount Zambujal, still inhabited, whose main activity is related, in the present, with the creation of cattle.

This study aims to highlight and enhance the Alentejo countryside and indivisible whole (farm + lot), contributing to its preservation, since this vernacular heritage is part of the culture of a people and which unfortunately is at imminent risk.

Key words: Landscape, Alentejo, Farmstead, Alentejo *monte*, *Monte* do Zambujal.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
ÍNDICE GERAL	iv
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
INTRODUÇÃO	1
Delimitação do tema.....	1
Objetivos de Investigação.....	1
Meios e Metodologia de Investigação	2
1. PAISAGEM	3
1.1. Principais agentes e dinâmicas de transformação da paisagem.....	5
1.2. Localização da área de estudo	7
1.3. Unidades de Paisagem	10
1.4. Delimitação e análise da área de estudo	13
1.5. Principais elementos construídos na Paisagem	21
2. ALDEIAS	25
2.1. Análise morfológica	27
2.2. Paisagem envolvente ao aglomerado urbano.....	51
3. HERDADES E MONTES ALENTEJANOS	57
3.1. Herdades Alentejanas	58
3.2. Montes Alentejanos	60
3.2.1. Evolução histórica.....	60
3.2.2. Tipos de montes alentejanos	63
3.2.3. Organização espacial.....	67
3.3. Montes existentes na área de estudo.....	68
4. CASO DE ESTUDO - Herdade e Monte do Zambujal	70
4.1. Herdade do Zambujal	70
4.1.1. Culturas Agrícolas.....	77
4.1.2. Vistas da Herdade do Zambujal (zona do Monte).....	81
4.2. Monte do Zambujal	83
4.2.1. Estruturas mais recentes	85
4.2.2. Vistas do Monte do Zambujal (exterior das estruturas mais recentes)	86

4.2.3. Estrutura mais antiga.....	90
4.2.4. Planta do Monte do Zambujal	94
4.2.5. Descrição dos compartimentos do Monte (estrutura mais antiga).....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
BIBLIOGRAFIA.....	108
Referências bibliográficas	108
Sitiografia	112
ANEXOS.....	114

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1- Feira Medieval 2015- Vila Ruiva (Foto: José Sancho. Edição: Liliana Fragoso)...	3
Figura 1.2- Localização geográfica da área de estudo no distrito de Beja (IGeoE, 2007).....	9
Figura 1.3- Localização geográfica da área de estudo em Portugal Continental (IGeoE, 2007).	9
Figura 1.4- Localização geográfica da área de estudo (IGeoE, 2007).	9
Figura 1.5- Unidades de Paisagem em Portugal Continental: localização geográfica da área de estudo (Cancela d'Abreu <i>et al.</i> , 2004).....	10
Figura 1.6- Unidades de Paisagem 108 e 110 (Cancela d'Abreu <i>et al.</i> , 2004: 1/250 000).....	11
Figura 1.7- Unidades de Paisagem 108 e 110 (Cancela d'Abreu <i>et al.</i> , 2004: 1/250 000).....	11
Figura 1.8- Extrato da carta Unidades de Paisagem 108 e 110: Concelho de Cuba e área de estudo (Cancela d'Abreu <i>et al.</i> , 2004).....	12
Figura 1.9- Áreas edificadas e principais infraestruturas viárias - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).....	13
Figura 1.10- Informação administrativa - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).....	13
Figura 1.11- Hidrografia - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).....	14
Figura 1.12- Hipsometria - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).....	14
Figura 1.13- Vegetação natural e semi- natural com valor de conservação - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).	15
Figura 1.14- Valor ecológico do solo - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).....	15
Figura 1.15- Sobreiro (esquerda) e azinheira (direita) (CALDEIRA CABRAL; TELLES, 2005).....	15
Figura 1.16- Zonas de Predominância Natural dos Carvalhos em Portugal com a área de estudo identificada. (CALDEIRA CABRAL; TELLES, 2005).	16
Figura 1.17- Azinheiras (http://www.plantarumaarvore.org/arvores-e-arbustos.aspx).	16
Figura 1.18- Sobreiros (http://www.plantarumaarvore.org/arvores-e-arbustos.aspx).	16
Figura 1.19- Informação administrativa com o ortofotomapa da área de estudo (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).....	17

Figura 1.20- Conservação da natureza - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).....	17
Figura 1.21- Área de estudo: identificação da Herdade e do Monte a estudar, assim como dos principais elementos construídos na paisagem (1/20 000).	18
Figura 1.22- Área de estudo: linhas de água e curvas de nível (1/20 000).	19
Figura 1.23- Área de estudo: linhas estruturantes da paisagem (1/20 000).	20
Figura 1.24- Ponte Romana de Vila Ruiva (Vítor Oliveira).	21
Figura 1.25- Ponte Romana de Vila Ruiva - calçada (SIPA).....	21
Figura 1.26- Representação esquemática da ponte romana de Vila Ruiva (Documento cedido pelo Sr. Claudino Seco e existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora).	21
Figura 1.27- Ermida de Nossa Senhora da Represa (SIPA).....	22
Figura 1.28- Procissão em honra de Nossa Senhora da Represa: anos 40 (Foto cedida pela D ^a Mavilde Vales).....	23
Figura 1.29- Fonte de Nossa Senhora da Represa com a ermida ao fundo (SIPA).	24
Figura 1.30- Fonte de Nossa Senhora da Represa (SIPA).	24
Figura 1.31- Represa Romana (SIPA).....	24
Figura 1.32- Ermida de São Bartolomeu (SIPA).	24
Figura 2.1- Tipos de povoamento com a localização da área de estudo (Ribeiro, 1955).	25
Figura 2.2- Vila Ruiva "ilha do pico".....	26
Figura 2.3- Aldeias (Fotografia aérea, Google Earth).....	27
Figura 2.4- Vila Alva: localização das hortas (Fotografia aérea, Google Earth).	29
Figura 2.5- Vila Ruiva: localização das hortas (Fotografia aérea, Google Earth).	29
Figura 2.6- Planta geral da aldeia de Vila Ruiva (Borges, 1990).....	30
Figura 2.7- Morfologia da aldeia (1/ 2000).....	31
Figura 2.8- Planta de Vila Ruiva: principais locais (1/2000).....	32
Figura 2.9- Vila Ruiva: localização das hortas (1/2000).....	33
Figura 2.10- Vila Ruiva: localização das hortas.	34
Figura 2.11- Carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883).....	34
Figura 2.12- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1955 (http://www.oapix.org.pt/).	35
Figura 2.13- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 2014 (Vítor Oliveira).....	36
Figura 2.14- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1976 (SIPA).....	36
Figura 2.15- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1943 (SIPA).....	36

Figura 2.16- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1973 (SIPA).....	37
Figura 2.17- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 2014 (http://www.panoramio.com/photo/63317220).	37
Figura 2.18- Igreja da Misericórdia: 2014 (Vítor Oliveira).	37
Figura 2.19- Igreja da Misericórdia: ~1980 (Foto cedida pelo Sr. Luís Fragoso).	37
Figura 2.20- Ermida de São Sebastião.	38
Figura 2.21- Igreja do Senhor da Ladeira: 1996 (SIPA).	38
Figura 2.22- Igreja do Senhor da Ladeira: 1990 (Emília Borges).....	38
Figura 2.23- Traseiras da igreja do Senhor da Ladeira: 2014 (Vítor Oliveira).....	38
Figura 2.24- Janela da Junta de Freguesia de Vila Ruiva (SIPA).	39
Figura 2.25- Junta de Freguesia de Vila Ruiva (SIPA).....	39
Figura 2.26- Suposta localização do castelo de Vila Ruiva com vista sobre a paisagem: 2014 (Vítor Oliveira).	39
Figura 2.27- Representação esquemática do castelo de Vila Ruiva (Documento cedido pelo Sr. Claudino Seco e existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora).	40
Figura 2.28- Junta de Freguesia de Vila Ruiva (SIPA).....	40
Figura 2.29- Ermida do Senhor da Ladeira (SIPA).....	40
Figura 2.30- Igreja da Misericórdia (SIPA).	40
Figura 2.31- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: ~1980 (Foto cedida pelo Sr. Manuel Fragoso).	41
Figura 2.32- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: 2014 (Vítor Oliveira).....	41
Figura 2.33- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: 2015.	42
Figura 2.34- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: ~1980 (Foto cedida pelo Sr. Manuel Fragoso).	42
Figura 2.35- Vista sobre Vila Ruiva: ~1970 (Foto cedida pela D ^a Mavilde Vales).....	42
Figura 2.36- Vista sobre Vila Ruiva: 2013 (Mário Bruno)	42
Figura 2.37- Planta geral da aldeia de Vila Alva	43
Figura 2.38- Morfologia da aldeia (1/ 2000).....	44
Figura 2.39- Planta de Vila Alva: principais locais (1/2000).....	45
Figura 2.40- Vila Alva: localização das hortas (1/2000).	46
Figura 2.41- Vila Alva: localização das hortas.	47
Figura 2.42- Carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883).	47

Figura 2.43- Tanque: 1955 (http://www.oapix.org.pt/).....	47
Figura 2.44- Torre do Relógio: 1955 (http://www.oapix.org.pt/).....	48
Figura 2.45- Vista geral da aldeia de Vila Alva (data desconhecida- http://vilaalva.blogspot.pt/).....	48
Figura 2.46- Vista geral da aldeia de Vila Alva.....	48
Figura 2.47- Igreja de Nossa Senhora da Visitação (SIPA).....	49
Figura 2.48- Capela do Senhor dos Passos (SIPA).....	49
Figura 2.49- Igreja da Misericórdia (SIPA).....	49
Figura 2.50- Ermida de Santo António (data desconhecida- http://vilaalva.blogspot.pt/).....	50
Figura 2.51- Ermida de Santo António.....	50
Figura 2.52- Ermida de Santo António: 1955 (http://www.oapix.org.pt/).....	50
Figura 2.53- Vista de Vila Alva sobre a barragem de Albergaria dos Fusos (João Santos). ...	51
Figura 2.54- Área de estudo - carta agrícola do Concelho de Cuba (Pery, 1883 - 1/20 000)..	53
Figura 2.55- Área de estudo - atual uso do solo. (1/20 000).....	54
Figura 2.56- "Sistema Global de Rega de Alqueva" - ocupação cultural. (http://www.alqueva.com.pt/pt/#/regadio/ocupacao-cultural/11).....	55
Figura 2.57- Área de estudo - carta agrícola- mineral do Concelho de Cuba (Pery, 1883 - 1/20 000).....	56
Figura 3.1- Herdade do Esporão - Reguengos de Monsaraz (http://esporao.com/herdade-do-esporao/mapa/).....	59
Figura 3.2- Divisão Sub-regional da zona 5 segundo o professor Amorim Girão, 1961 (Teles, 2013: p. 92).....	64
Figura 3.3- Exemplo de um Levantamento da Zona Campo de Beja - Monte da Diabrória Beja. Na zona Campo de Beja está localizado o monte do Zambujal - caso de estudo (Teles, 2013: p. 97).	64
Figura 3.4- Construção isolada no contexto natural, Monte das Aldeias, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).....	65
Figura 3.5- Construção simples de carácter nuclear, Monte da Quintinha, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).....	65
Figura 3.6- Construção em fileiras (ou em correnteza), Monte da Herdade Grande, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).....	65
Figura 3.7- Construções de articulações aditivas, Monte das Cortes, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).....	65

Figura 3.8- Conjunto edificado da Herdade do Solar de Água de Peixes (Simões, 2015: p. 299).....	66
Figura 3.9- Construção em aglomerado de formação mais complexa, de carácter quase urbano, Monte de Água de Peixes, Alvito (Teles, 2013: p. 101).	66
Figura 3.10- Fotografia aérea (Google Earth).....	66
Figura 3.11- Extrato da carta agrícola do Concelho de Cuba (Pery, 1883).	68
Figura 3.12- Área de estudo: montes existentes (1/20 000).....	69
Figura 4.1- Limites da herdade do Zambujal	70
Figura 4.2- Linhas estruturantes da paisagem.....	71
Figura 4.3- Esboço de um caminho (Teles, 2013: p. 128).	71
Figura 4.4- Limites da herdade do Zambujal (1/20 000).	72
Figura 4.5- Árvore genealógica da herdade do Zambujal.....	73
Figura 4.6- Herdade do Zambujal: curvas de nível e linhas de águas.....	74
Figura 4.7- Sr. Veríssimos na herdade do Zambujal (Foto cedida pela D ^a Joaquina).	75
Figura 4.8- Extrato da carta de valor ecológico do solo: Concelho de Cuba.	76
Figura 4.9- Extrato da carta agrícola- mineral do concelho de Cuba.	76
Figura 4.10- Extrato da carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883).	77
Figura 4.11- Extrato da carta do uso atual do solo.....	77
Figura 4.12- Extrato da carta agrícola de Pery (herdade do Zambujal em 1883).	78
Figura 4.13- Extrato da carta do uso atual do solo.....	79
Figura 4.14- Extrato da carta agrícola do Concelho de Cuba (Pery, 1883).	81
Figura 4.15- Vinha da herdade do Zambujal (João Santos).....	81
Figura 4.16- Herdade do Zambujal: zona edificada.....	81
Figura 4.17- Vista sobre o olival.....	82
Figura 4.18- Vista sobre o edifício antigo.....	82
Figura 4.19- Vista sobre a herdade.....	82
Figura 4.20- Vista sobre as azinheiras.	82
Figura 4.21- Vista sobre a manjedoura.	82
Figura 4.22- Vista sobre as azinheiras.	82
Figura 4.23- Vista sobre as azinheiras. (A branco é comida embalada para o gado).	82
Figura 4.24- Vista sobre as azinheiras.	82
Figura 4.25- Limites da herdade do Zambujal.	83
Figura 4.26- Extrato da carta agrícola do Concelho de Cuba. (Pery, 1883).	83

Figura 4.27- Construção simples de carácter nuclear, Monte da Quintinha, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).....	84
Figura 4.28- Planta do monte do Zambujal.....	84
Figura 4.29- Edificações da herdade do Zambujal.....	85
Figura 4.30- Estruturas mais recentes.	86
Figura 4.31- Casão grande.	86
Figura 4.32- Malhada dos porcos.	86
Figura 4.33- Atual casa de habitação da D ^a Graça.	86
Figura 4.34- Estruturas mais recentes.	86
Figura 4.35- Sala de convívio - Chaminé.....	87
Figura 4.36- Sala de convívio - interior.	87
Figura 4.37- Oficina - utensílios e equipamentos.	87
Figura 4.38- Oficina - mesa de trabalho.....	87
Figura 4.39- Casão grande - interior.	87
Figura 4.40- Casão grande - Interior.	88
Figura 4.41- Casão grande - interior.	88
Figura 4.42- Casão grande - entrada da casa de convívio.....	88
Figura 4.43- Casão pequeno - interior.....	88
Figura 4.44- Casão pequeno - entrada.....	88
Figura 4.45- Estruturas mais recentes.	88
Figura 4.46- Malhada dos porcos - exterior.	89
Figura 4.47- Exterior da malhada - bebedouros.	89
Figura 4.48- Pormenor da entrada/ saída.	89
Figura 4.49- Exterior da malhada - entrada/ saída para os leitões.	89
Figura 4.50- Bebedouros- exterior da malhada com vista para as estruturas mais antigas.....	89
Figura 4.51- Malhada dos porcos - exterior.	89
Figura 4.52- Interior da malhada - Quartelhas.	90
Figura 4.53- Interior da malhada - Quartelha.....	90
Figura 4.54- Estrutura mais antiga.	90
Figura 4.55- Entrada do palheiro com a filha da D ^a Graça, a Joana.	90
Figura 4.56- Planta do monte do Zambujal.....	90
Figura 4.57- Fachada principal do monte.....	91
Figura 4.58- Neto da D ^a Joaquina no monte do Zambujal (Foto cedida pela D ^a Joaquina).....	91
Figura 4.59- Barracão.....	91

Figura 4.60- Palheiro - portão lateral.	91
Figura 4.61- Neto da D ^a Joaquina no monte do Zambujal (Foto cedida pela D ^a Joaquina)....	91
Figura 4.62- Alpendurada.	91
Figura 4.63- D ^a Joaquina e Sr. Veríssimos em Vila Ruiva.	92
Figura 4.64- D ^a Joaquina e Sr. Veríssimos no monte do Zambujal (Foto cedida pela D ^a Joaquina).....	92
Figura 4.65- Curral - Entrada e saída.	92
Figura 4.66- Curral.	92
Figura 4.67 - Fachada principal do monte do Zambujal - depósito de água.	93
Figura 4.68- Sr. Veríssimos com uma amiga (Foto cedida pela D ^a Joaquina).....	93
Figura 4.69- Sr. Veríssimos com um caçador (Foto cedida pela D ^a Joaquina).....	93
Figura 4.70- Planta do monte do Zambujal (1/200).	94
Figura 4.71- Palheiro - entrada principal.	95
Figura 4.72- Alpendurada.	95
Figura 4.73- Entulho.	95
Figura 4.74- Quarto do vaqueiro.	95
Figura 4.75- Hall de entrada: casa do vaqueiro.....	95
Figura 4.76- Chaminé típica.	96
Figura 4.77- Casão - interior.	96
Figura 4.78- Utensílios agrícolas.	97
Figura 4.79- Portão.....	97
Figura 4.80- Telhado.	97
Figura 4.81- Casa da malta.....	97
Figura 4.82- Chaminé.....	98
Figura 4.83- Cozinha.....	98
Figura 4.84- Dispensa.	98
Figura 4.85- Dispensa - bancada.	98
Figura 4.86- Quartos.	98
Figura 4.87- Quarto - janela.	98
Figura 4.88 - Corredor.....	99
Figura 4.89- Quarto.	99
Figura 4.90- Manjedoura móvel.....	99
Figura 4.91- Casa das bestas.	99
Figura 4.92- Manjedoura fixa.....	99

Figura 4.93- Cavalariça - interior.....	100
Figura 4.94- Casão - interior.....	100
Figura 4.95- Casão - chocalhos.....	100
Figura 4.96- Casão - medicamentos para o gado.....	100
Figura 4.97- Casão - medicamentos para o gado.....	100
Figura 4.98- Casão - biberão para os bezerros.....	100
Figura 4.99- Galinheiro - interior.....	101
Figura 4.100- Galinheiro - entrada e saída para as galinhas).....	101
Figura 4.101- Galinheiro - porta (vista interior).....	101
Figura 4.102- Galinheiro - porta (vista exterior).....	101
Figura 4.103- Forno.....	102
Figura 4.104- Local para armazenar a lenha e as pás.....	102
Figura 4.105- Local para armazenar a lenha e as pás (pormenor).....	102
Figura 4.106- Barracão.....	102
Figura 4.107- Curral - casa de apoio.....	102
Figura 4.108- Curral - entrada e saída.....	102
Figura 4.109- Curral - "manga" (serve para vacinar e colocar brincos ao gado).....	102

INTRODUÇÃO

Delimitação do tema

O tema objeto da presente investigação é a paisagem, as herdades e os montes alentejanos, considerando o Monte do Zambujal enquanto caso de estudo. O Monte do Zambujal situa-se entre duas localidades: Vila Ruiva e Vila Alva, pertencentes ao concelho de Cuba, distrito de Beja. Constituem aldeias pequenas, com pouca população mas muito ricas em património arquitetónico e paisagístico.

O trabalho irá debruçar-se sobre a organização da paisagem, pretendendo-se entender a sua transformação e a relação com as aldeias e com os montes que estão associados a essas aldeias, considerando em especial o Monte do Zambujal. Deste modo, para consolidar a investigação, procede-se de seguida a um estudo sobre a Herdade e o Monte do Zambujal de modo a entender a sua evolução paisagística e produtiva ao longo do tempo.

É importante debruçarmo-nos sobre esta temática, uma vez que os montes alentejanos são muito importantes na cultura do povo alentejano, marcando de forma decisiva a paisagem envolvente e as suas gentes, merecendo deste modo uma investigação aprofundada. Pretende-se assim com este estudo realçar e valorizar os montes alentejanos contribuindo para a salvaguarda do património.

Objetivos de Investigação

Hierarquização de objetivos

O principal objetivo de investigação é perceber a organização da paisagem da área de estudo e a sua evolução ao longo do tempo, assim como caracterizar a Herdade e o Monte do Zambujal, considerando a sua transformação, tanto a nível da paisagem como a nível das estruturas edificadas. Para além deste objetivo fundamental, é possível elencar alguns outros objetivos secundários, como sejam:

- Identificar e caracterizar a unidade de paisagem a que pertencem as freguesias de Vila Ruiva e de Vila Alva;
- Compreender a inter-relação que existe entre o aglomerado urbano e a paisagem envolvente;
- Estudar a ocupação territorial das aldeias e da sua envolvente, ou seja, a ocupação dos usos do solo e perceber a sua modificação ao longo do tempo e inventariar os montes que estão localizados na área de estudo;

- Contribuir para a caracterização da herdade e do monte alentejano e compreender os diferentes tipos de montes e perceber como é que estão organizados;
- Entender a organização do Monte do Zambujal, as diversas dependências e espaços internos e externos, as atividades que são desenvolvidas na respetiva herdade, contribuindo deste modo para o estudo da evolução diacrónica do monte no Alentejo.

Meios e Metodologia de Investigação

As principais estratégias/ metodologias de investigação utilizadas na presente dissertação são:

- **Investigação Histórica.**¹ Esta metodologia tem como finalidade recorrer a acontecimentos do passado e a documentos bibliográficos para conseguir interpretar a paisagem, as aldeias e os montes alentejanos. No decorrer da investigação foi feita uma pesquisa e recolha de dados e evidências históricas/ documentais como é o caso de textos, registos, cadastros, cartas (entre elas as singulares cartas de Pery, datadas de 1883), mapas e fotografias. Evidentemente que todos estes elementos foram submetidos a uma organização, interpretação e apreciação para que a dissertação seja rigorosa em termos científicos.
- **Trabalho de Campo.** Esta metodologia é fundamental neste tipo de trabalho uma vez que é essencial o contato físico com o meio para se perceberem as características do espaço e as suas relações. As visitas de campo permitiram confirmar dados derivados da investigação histórica, através de diversos tipos de levantamento. Além da elaboração de cartografia de registo, foi considerado o inventário fotográfico da área de estudo.
- **Caso de Estudo.** A seleção do monte do Zambujal enquanto caso de estudo adquiriu uma importância fundamental na presente investigação, permitindo verificar alguns dos pressupostos da caracterização genérica dos montes alentejanos.

¹ Cf. GROAT; WANG, 2013.

1. PAISAGEM



Figura 1.1- Feira Medieval 2015- Vila Ruiva (Foto: José Sancho. Edição: Liliana Fragoso).

*"A paisagem é tudo. É um diagnóstico de uma organização humana do território. A paisagem não é natural. É construída com elementos naturais. É do Homem, como uma casa. O Homem faz a paisagem com materiais vivos e com solo duro. É uma construção artificial, baseada nas leis da Natureza (...)."*²

Desde os primórdios que a paisagem é retratada, ainda que sem reflexão conceptual. Atualmente ao falarmos de paisagem, estamos a falar de um termo que tem subentendido a diversidade, a flexibilidade, a complexidade e a transformação.

Segundo Gonçalo Ribeiro Telles (2003) o significado de paisagem é *pais* (região) + *-agem* (agir). Este conceito é bastante abrangente, tratando-se de um sistema muito complexo e dinâmico em que os fatores naturais (fatores abióticos/ bióticos) e culturais atuam de forma mútua, alterando-se reciprocamente ao longo do tempo. Além dos fatores naturais e dos fatores culturais existe também uma componente associada à paisagem: a componente subjetiva, relacionada com as sensações que a paisagem causa ao observador.³ Cada individuo

² TELLES, 2004: p.4.

³ CANCELA D'ABREU *et al*, 2004: Volume I, p. 27.

interpreta a paisagem à sua maneira e a própria paisagem desperta diferentes sentimentos aos observadores.

Através da paisagem poderemos compreender questões relacionadas com a identidade do lugar, o que nos permite fazer uma viagem ao passado e perceber a transformação do território ao longo do tempo. *"O Espaço, a matéria, o tempo (passado e presente) estão objetivamente presentes na paisagem combinam-se e estruturam-se entre eles de forma indistinta, múltipla. Mas é, sobretudo através da sua vivência ao longo do tempo e no tempo que a estrutura (leia-se paisagem) por eles definida se revela na sua total dimensão."*⁴

A paisagem está em constante transformação e isto acontece através de processos naturais em simultâneo com a ação do homem, ou seja, da ação e da interação de fatores naturais com fatores humanos. A identidade da paisagem tem por base características a partir das quais se diferenciam umas das outras, permitindo o seu reconhecimento, tal como acontece com os indivíduos. É a partir da enunciação dessas características que poderemos identificar uma certa paisagem e sabemo-la distinguir, como por exemplo, sabemos fazer a distinção de uma paisagem rural de uma paisagem urbana.

Após a II Guerra Mundial, com a expansão das áreas urbanizadas e edificadas, os limites entre estas duas paisagens (paisagem rural e paisagem urbana) têm-se dissolvido, levando muitas das vezes ao desenvolvimento de áreas urbanas desestruturadas. É neste contexto que Gonçalo Ribeiro Telles enuncia, em 1994, o conceito da Paisagem Global, a partir do qual se pretende *"...que esta segregação entre Urbano e Rural seja ultrapassada, com vista a uma interligação entre elementos vivos e inertes, entre modos de vida campestres e urbanos."*⁵

Para além da interligação e integração destas paisagens é também importante a consideração da identidade do lugar (*genius locci*), bem como, a preservação da história natural e cultural de um determinado lugar.⁶ É essencial compreender a paisagem, respeitar a cultura do povo e agir em conformidade com natureza. *"Mais do que nunca, procuramos hoje estudar o passado para reatar o fio quebrado da tradição, convencidos como estamos que só do esforço das gerações poderá vir obra útil."*⁷

⁴ CARAPINHA, 2005: p. 9.

⁵ MAGALHÃES, 2007: pp. 107-108.

⁶ TELES, 2013: p. 22.

⁷ CALDEIRA CABRAL, 2003: pp. 113-114.

1.1. Principais agentes e dinâmicas de transformação da paisagem

Na difícil fase da reconquista, uma vez que o transporte de mercadorias era complicado, os territórios a Sul do Tejo foram cultivados com cereais para autoconsumo da população. Esta transformação e a ocupação efetiva do solo deveu-se, entre outros agentes, às ordens religiosas. Aos fidalgos que se destacavam no processo da reconquista eram-lhes também doadas enormes extensões de território com a condição de defenderem esse mesmo território. É deste modo que se estabeleceu o "*regimen dos latifúndios, distribuídos com mão pródiga a ordens, mosteiros e ricos homens*"⁸, consolidando-se um modelo de ocupação que só após a revolução liberal assistirá a uma alteração profunda do regime da propriedade com reflexos a nível da produção e das explorações, quando as herdades começaram a ser adquiridas por uma "*nova burguesia de rendeiros e comerciantes*"⁹

O desenvolvimento do sector agrícola do Alentejo passava pelo regime de latifúndio, associado a extensas herdades mas evidentemente que se verificava também a existência da pequena cultura (proveniente da divisão das herdades ou da presença de outro tipo de propriedades) constituídas, entre outros, por pomares, hortas, prados.¹⁰ "*Latifúndio - A empresa agrícola com várias centenas de hectares, sujeitos a um tipo de exploração muito extensivo.*"¹¹

Cada exploração agrícola estava associada a um monte que funcionava como sede de lavoura.¹² A estrutura base de cultivo destas paisagens latifundiárias era marcada efetivamente pela produção intercalada de pousios com o objetivo da terra se adaptar a diferentes culturas. Com o regime extensivo, os campos eram divididos em folhas ou parcelas e eram cultivados alternadamente, adotando um sistema rotativo. Quando a terra ficava sujeita a largos pousios, as pastagens para o gado adquiriam grande importância.¹³

Em 1929, para resolver o problema de carência de produção agrícola, o Estado lançou o mote "Alentejo, celeiro da Nação" com o objetivo de incentivar os agricultores ao cultivo de trigo, concedendo determinados incentivos para o incremento das culturas cerealíferas. Mais tarde,

⁸ PORTAS, 1967: pp. 56-57.

⁹ *Idem*, 1967: p. 57.

¹⁰ TELES, 2013: p. 63.

¹¹ PORTAS, 1967: p. 56.

¹² RIBEIRO, 1945: p. 214.

¹³ TELES, 2013: p. 65.

no ano de 1932, a Campanha do Trigo veio alterar de forma acentuada a paisagem alentejana, conduzindo ao abandono do sistema tradicional de rotatividade de culturas e consecutivamente à exaustão das terras.¹⁴ *"Durante algumas décadas aquele cereal foi a principal base da economia nacional. A capacidade de investimento bem como os incentivos do Estado aliados às características fundiárias, às histórias familiares e sociais, permitiram explorar aquele cereal e contribuir para a pujança da cultura do trigo..."*¹⁵

Segundo Orlando Ribeiro, a agricultura alentejana adaptou-se às planícies soalheiras no Inverno e à grande secura durante o Verão.¹⁶ Até ao século XVIII, a base da exploração agrícola era constituída pelos cereais praganosos de inverno, como por exemplo o trigo e só após esta data é que se introduziu o milho. Aos poucos foram introduzidas outras culturas, como é o caso da vinha, e das novas áreas afetas às culturas arbóreo-arbustivas.¹⁷

Durante este processo, as explorações tiveram que se adaptar às condições do espaço e do clima. Quando se fala em espaço, remete-se para as diferentes características dos terrenos (mais declivosos ou aplanados) e para o modo como estes eram trabalhados, através da força do homem associada ao uso animal.¹⁸ O clima por si só vai, por sua vez, condicionar as atividades agrícolas, uma vez que todas as tarefas agrícolas obedecem ao tempo certo para a sua realização, como por exemplo, no início do Verão é realizada a ceifa e com as primeiras chuvadas é realizada a vindima.

Com a chegada da "revolução industrial":

- 1) Os fertilizantes químicos contribuíram para que os agricultores cultivassem constantemente a sua terra, ou seja a necessidade de descansar a terra foi passada para segundo plano;
- 2) A mecanização progressiva fez com que os solos se tornassem mais frágeis, principalmente após as primeiras chuvadas, contribuindo para a sua erosão;
- 3) A modernização quotidiana, como por exemplo, fazer vida na cidade, fez com que intensificassem as vendas, aumentando a produção e consecutivamente o seu capital.¹⁹

¹⁴ TELES, 2013: p. 178.

¹⁵ SIMÕES, 2015: p. 325.

¹⁶ TELES, 2013: p. 61.

¹⁷ PORTAS, 1967: p. 58.

¹⁸ TELES, 2013: p. 65.

¹⁹ PORTAS, 1967: p. 60.

A mecanização dos meios de produção levou à redução de mão de obra e conseqüentemente ao aumento do desemprego e dos conflitos sociais. Estes fatores contribuíram, já no contexto do pós 25 de Abril, para o modelo da Reforma Agrária que levou os trabalhadores agrícolas a tomarem as terras aos proprietários e a ocuparem-nas com recurso à velhas e novas culturas associadas à criação das UCP'S (Unidades Coletivas de Produção). Posteriormente, já num processo de contrarreforma agrária, este processo seria invertido, contribuindo para a exploração latifundiária dos terrenos.²⁰ Este panorama aconteceu justamente com a herdade que irá ser abordada no presente trabalho, Herdade do Zambujal, localizada no distrito de Beja, Concelho de Cuba.

Em suma, o predomínio dos cereais, as culturas arbóreas (como, por exemplo, a oliveira, o sobreiro, a azinheira e a vinha) e a criação de gado constituíram os produtos fundamentais da agricultura alentejana, marcada ao longo do tempo, no entanto, por uma transformação significativa dos padrões de exploração dos recursos territoriais, onde as áreas matosas adquiriram também uma expressão muito significativa.

1.2. Localização da área de estudo

O território de Portugal é complexo e bastante diversificado. Ao observarmos as diferentes unidades geográficas que caracterizam este território, poderemos distinguir, por exemplo, a paisagem do litoral algarvio da paisagem do interior alentejano. A vegetação, o relevo e o clima são elementos que, *a priori*, nos ajudam a identificar e a fazer essa distinção.

A área de estudo do presente trabalho está situada no Alentejo. "*A provincia do Alemtejo, é uma vasta região situada ao Sul do Tejo e comprehendida entre as latitudes 37°25' e 39°40'; e entre as longitudes referidas ao meridiano de Lisbôa, de 0°21 (w) e 2°15' (E.) É a maior provincia de Portugal pois que tem uma extensão de 2:441.077 hectares. Isto é; quasi um terço da superficie total do nosso paiz.*"²¹ A área de estudo localiza-se, mais especificamente te, no Baixo Alentejo, pertencendo ao concelho de Cuba, a norte de Beja. Esta área apresenta uma superficie de sensivelmente 18 mil hectares. Pertencem ao concelho de Cuba, além da vila de Cuba as aldeias de Vila Ruiva, Vila Alva, Faro do Alentejo e Albergaria dos Fusos.²²

²⁰ TELES, 2013: p. 79.

²¹ VIEIRA DE SÁ, 1911: p.13.

²² BORGES, 1999: p. 9.

Refira-se ainda que o concelho de Cuba está situado no planalto entre o rio Sado e o rio Guadiana.²³ A norte faz fronteira com os concelhos de Évora, Viana do Alentejo e Portel; a sul, com o concelho de Beja; a leste com o concelho da Vidigueira e a oeste com o concelho de Ferreira do Alentejo e Alvito.²⁴

Antes de estudarmos este território e esta paisagem, importa considerar o significado com que estes dois conceitos são entendidos no âmbito da presente dissertação. *"Ao termo «território» atribui-se o significado de área extensa, quase sempre relacionada com uma determinada característica, como seja posse, jurisdição ou uma funcionalidade específica. Mais complexo é o conteúdo do termo «paisagem» ao qual, para além de uma dimensão espacial e estética, está associada uma identidade e carácter – em resultado da combinação única de fatores e processos ecológicos, culturais e socio-económicos –, bem como uma apreciação emotiva por parte de quem a observa ou com ela convive."*²⁵

Segundo Bolos (1992) o termo paisagem deriva *"...de la palabra latina pagus, que significa país. Las lenguas germánicas presentan un claro paralelismo a través de la expresión originaria land, de la que derivan landschaft (alemán), landscape (inglés), Iandschap (holandés), etc. En todos los casos, incorpora un significado de lugar, sector territorial."*

²³ PERY, 1883: p.7.

²⁴ BORGES, 1999: p .9.

²⁵ CANCELA D´ABREU, 2007: p. 73.



Figura 1.3- Localização geográfica da área de estudo em Portugal Continental (IGeoE, 2007).

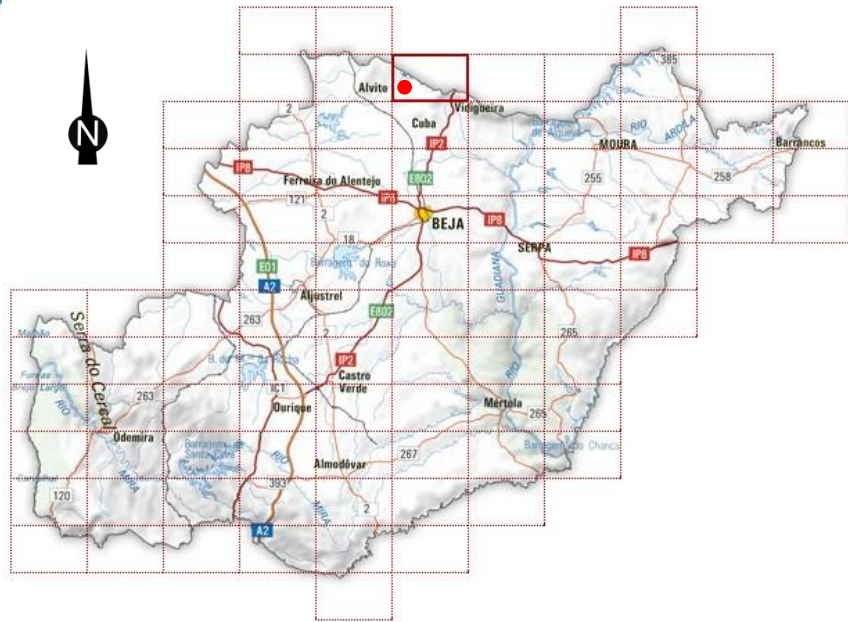


Figura 1.2- Localização geográfica da área de estudo no distrito de Beja (IGeoE, 2007).

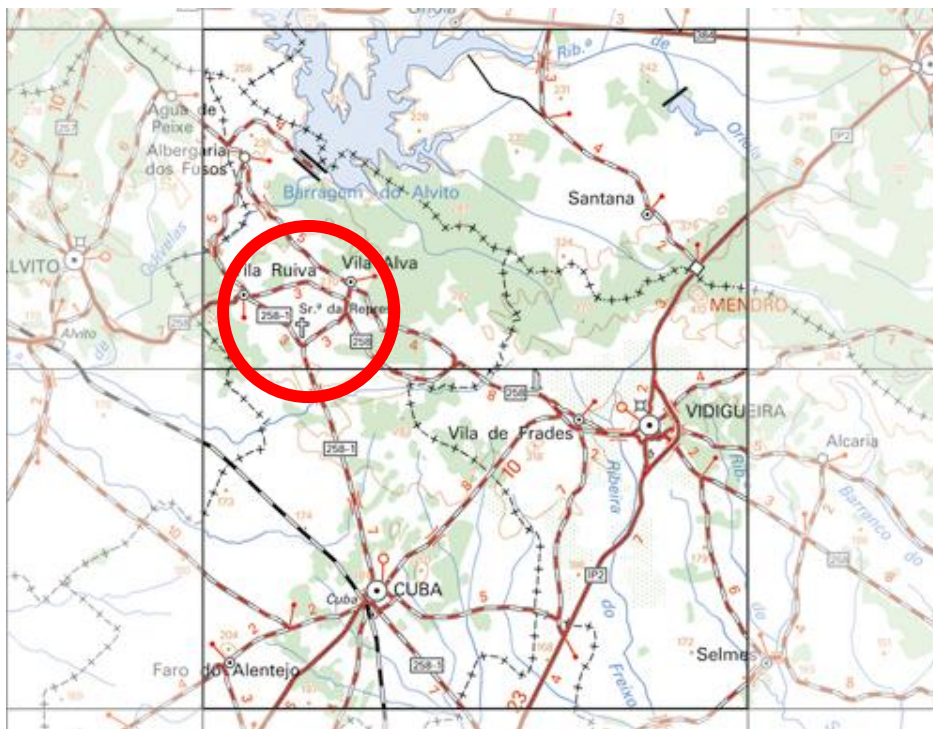


Figura 1.4- Localização geográfica da área de estudo (IGeoE, 2007).

1.3. Unidades de Paisagem

Segundo o estudo "Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental" elaborado pelo Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico da Universidade de Évora (1999- 2001) as unidades de paisagem que foram identificadas são áreas com características homogéneas que se diferenciam da sua envolvente. Foram identificadas 128 unidades de paisagem para Portugal Continental e cada unidade de paisagem tem um carácter bastante particular.

São vários os fatores que podem determinar a sua individualização: "*podem resultar da morfologia ou da natureza geológica, do uso do solo, da proximidade ao oceano, ou da combinação equilibrada de vários fatores.*"²⁶

A paisagem da área de estudo a abordar, é uma paisagem rural onde dominam evidentemente as atividades agrícolas.

Na paisagem rural o que mais se tem transformado ao longo do tempo, pela ação do homem, é a agricultura. "*A agricultura foi-se sempre modificando, mas mantendo-se numa relação próxima e fechada com a comunidade que dela vivia e com o território utilizado.*"²⁷

Como foi referido anteriormente, a área de estudo está localizada no Baixo Alentejo e segundo o professor Amorim Girão, o Baixo e o Alto Alentejo apresentam características regionais que se diferenciam.²⁸

A paisagem do baixo Alentejo está associada a extensas planícies cobertas de cereais, a enormes zonas de montado (sobreiro e azinheira), a áreas destinadas a pastagens e a zonas de vinha e olival. O relevo é pouco acidentado existindo uma certa homogeneidade física. Onde se verifica uma maior variação no relevo é em elementos singulares, como é o caso de serras e rios.²⁹

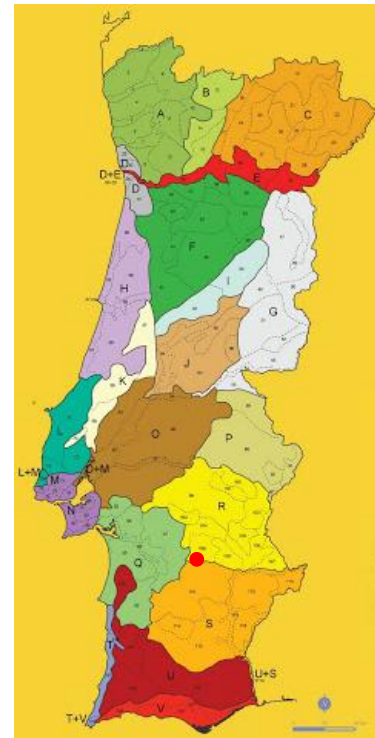


Figura 1.5- Unidades de Paisagem em Portugal Continental: localização geográfica da área de estudo (Cancela d'Abreu et al., 2004).

²⁶ CANCELA D'ABREU et al, 2004: Volume I, p. 11.

²⁷ PINTO-CORREIA in Pessoas e Lugares Nº16, 2004: p. 8.

²⁸ AMARAL, 1941: p. 33.

²⁹ CANCELA D'ABREU et al, 2004: Volume V, p. 79.

- LIMITES DAS UNIDADES DE PAISAGEM
 - LIMITES DAS SUB-UNIDADES DE PAISAGEM
 - LIMITE DO CONCELHO DE CUBA
 - PRINCIPAIS AGLOMERADOS URBANOS
 - SEDES DE FREGUESIAS
 - ESTRADAS
 - ALBUFEIRAS
 - LINHAS DE ÁGUA
- HIPSOMETRIA**
- 50-100M
 - 100-200M
 - 200-400M
- ELEMENTOS SINGULARES**
- (A) BEJA
 - (B) ALBUFEIRA DO ROXO
 - (C) ALBUFEIRA DE ODIVELAS
 - (D) SERRA DE VIANA
 - (E) ALBUFEIRA DO ALVITO

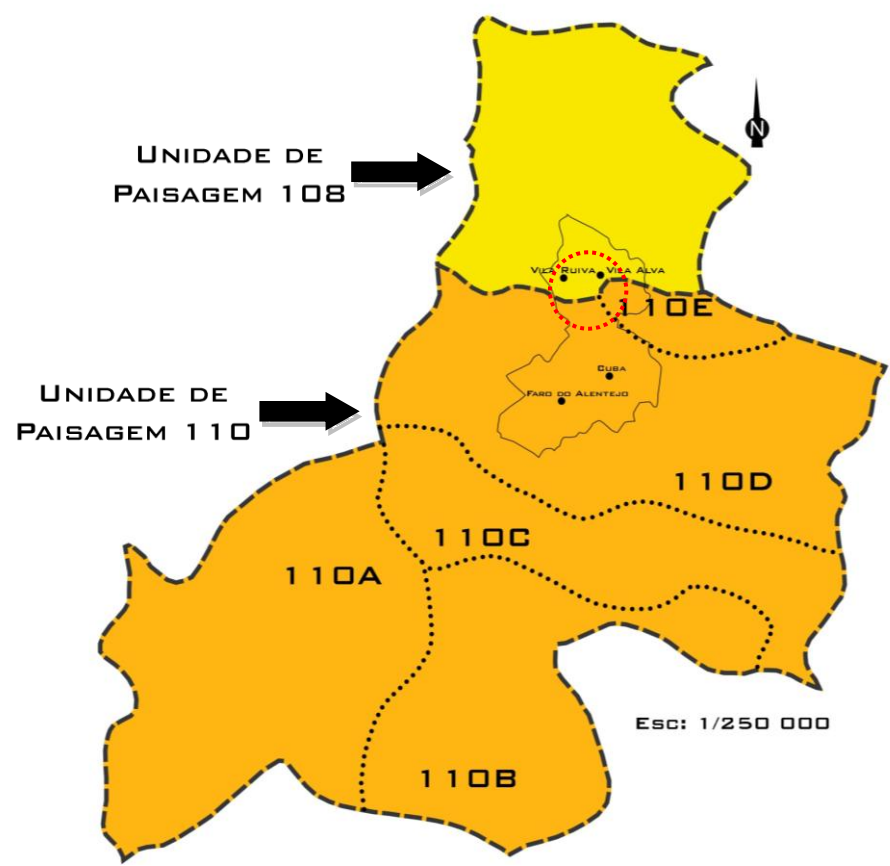


Figura 1.7- Unidades de Paisagem 108 e 110 (Cancela d'Abreu et al., 2004: 1/250 000).

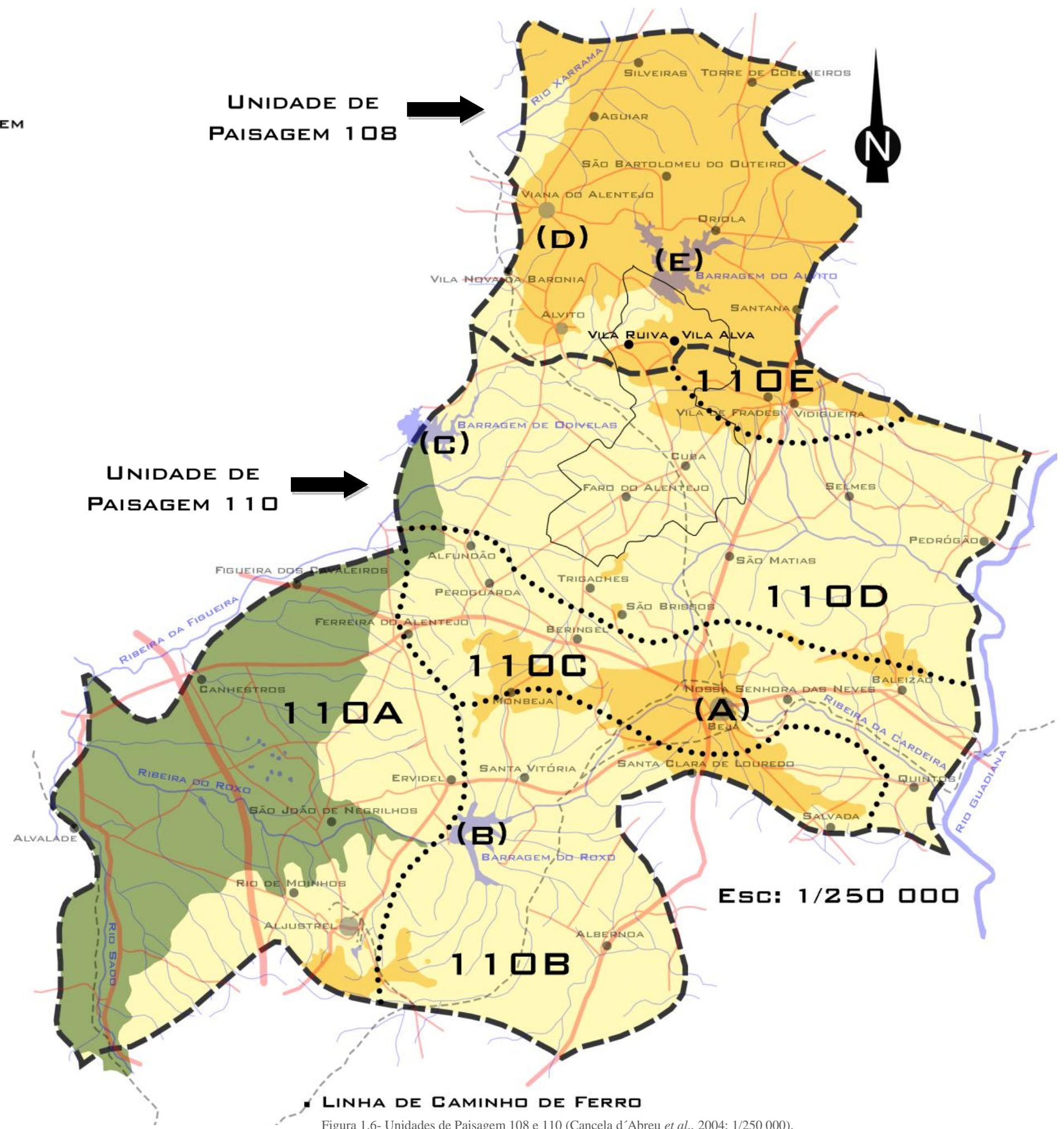


Figura 1.6- Unidades de Paisagem 108 e 110 (Cancela d'Abreu et al., 2004: 1/250 000).

Segundo Cancela d'Abreu *et al.*, relativamente ao Alentejo Central compreende as seguintes unidades de paisagem: 99 (Montados e Campos Abertos do Alentejo Central), 100 (Maçicos Calcários - Borba - Vila Viçosa), 101 (Serra de Ossa), 102 (Terras de Alandroal e Terena), 103 (Serra do Monfurado), 104 (Campos Abertos de Évora), 105 (Campos de Reguengos de Monsaraz), 106 (Albufeira do Alqueva e envolventes), 107 (Terras de Amareleja - Mourão), 108 (Terras de Viana - Alvito) e 109 (Serra de Portel).

Quanto ao Baixo Alentejo, compreende as seguintes unidades de paisagem: 110 (Terras Fortes do Baixo Alentejo), 111 (Vale do Baixo Guadiana e afluentes), 112 (Olivais de Moura e Serpa), 113 (Barrancos), 114 (Campo Branco de Castro Verde), 115 (Campos de Ourique - Almodôvar - Mértola) e 116 (Serras de Serpa e Mértola).

O limite do concelho de Cuba abarca uma parte da unidade de paisagem 108 - Terras de Viana - Alvito e uma parte da unidade de paisagem 110 - Terras Fortes do Baixo Alentejo (incluindo as subunidades 110D e 110E).



Figura 1.8- Extrato da carta Unidades de Paisagem 108 e 110: Concelho de Cuba e área de estudo (Cancela d'Abreu *et al.*, 2004).

A localidade de Cuba pertence á unidade de paisagem 110 (incluindo a subunidade 110D) e as localidades de Vila Ruiva e Vila Alva pertencem à unidade de paisagem 108 enquanto que a área de estudo (limite a vermelho na figura ao lado) pertence à unidade de paisagem 108 e à unidade de paisagem 110 (incluindo as subunidades 110D e 110E).

A sul da unidade de paisagem 108, onde surgem as localidades de Vila Ruiva e de Vila Alva, a paisagem é um pouco mais diversificada comparativamente a toda a unidade. Verifica-se uma forte presença de vinha e de olival formando um mosaico mais reticulado comparativamente ao resto da unidade. Este mosaico tem uma forte expressão na envolvente das povoações acabando por se intercalar com zonas de montado mais distantes.³⁰

Relativamente à unidade de paisagem 110, o que distingue a subunidade 110D da sua unidade de paisagem é a existência de montado articulado com olival.

³⁰ CANCELA D'ABREU *et al.*, 2004: Volume V, p. 68.

Já a subunidade 110E é bastante pequena e é caracterizada por a presença de diversas culturas associadas a pequenas e médias propriedades. É visível a presença de pomares e de pastagens mas é notória a forte presença de vinha e de olival. A paisagem desta subunidade é bastante diferente da paisagem que domina toda a unidade.³¹

1.4. Delimitação e análise da área de estudo

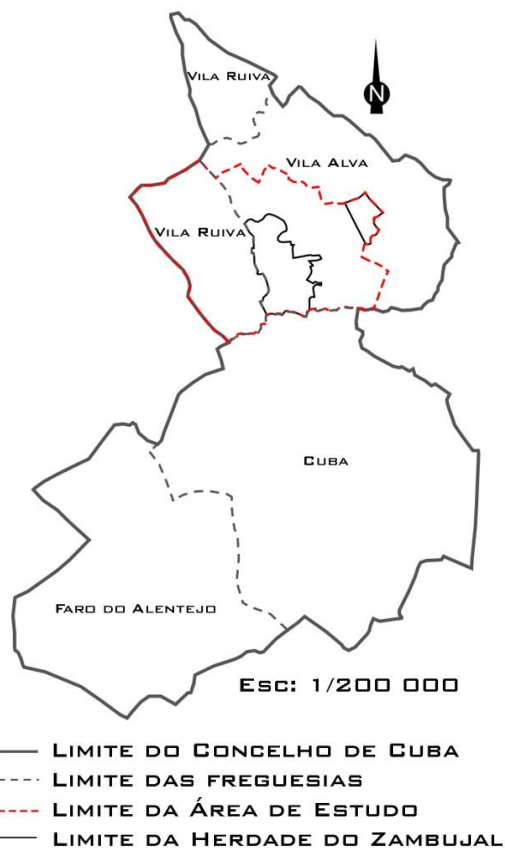


Figura 1.10- Informação administrativa - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).

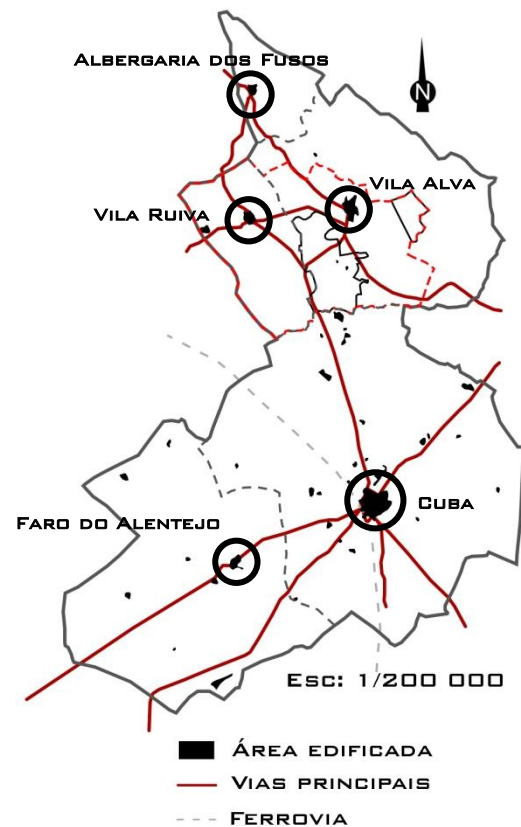


Figura 1.9- Áreas edificadas e principais infraestruturas viárias - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).

A área de estudo do presente trabalho foi delimitada através da consulta das secções cadastrais do Concelho de Cuba (Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica) e através de elementos físicos, que marcam significativamente a paisagem.

O limite da área de estudo está cingido ao limite administrativo da freguesia de Vila Ruiva (zona Sul) e a um dos limites da Herdade do Zambujal, abarcando automaticamente parte da freguesia de Vila Alva.

Relativamente às áreas edificadas, além dos montes, as localidades que se encontram dentro da área de estudo são as antigas aldeias vizinhas: Vila Ruiva e Vila Alva.

³¹ CANCELA D'ABREU *et al.*, 2004: Volume V, p. 86.

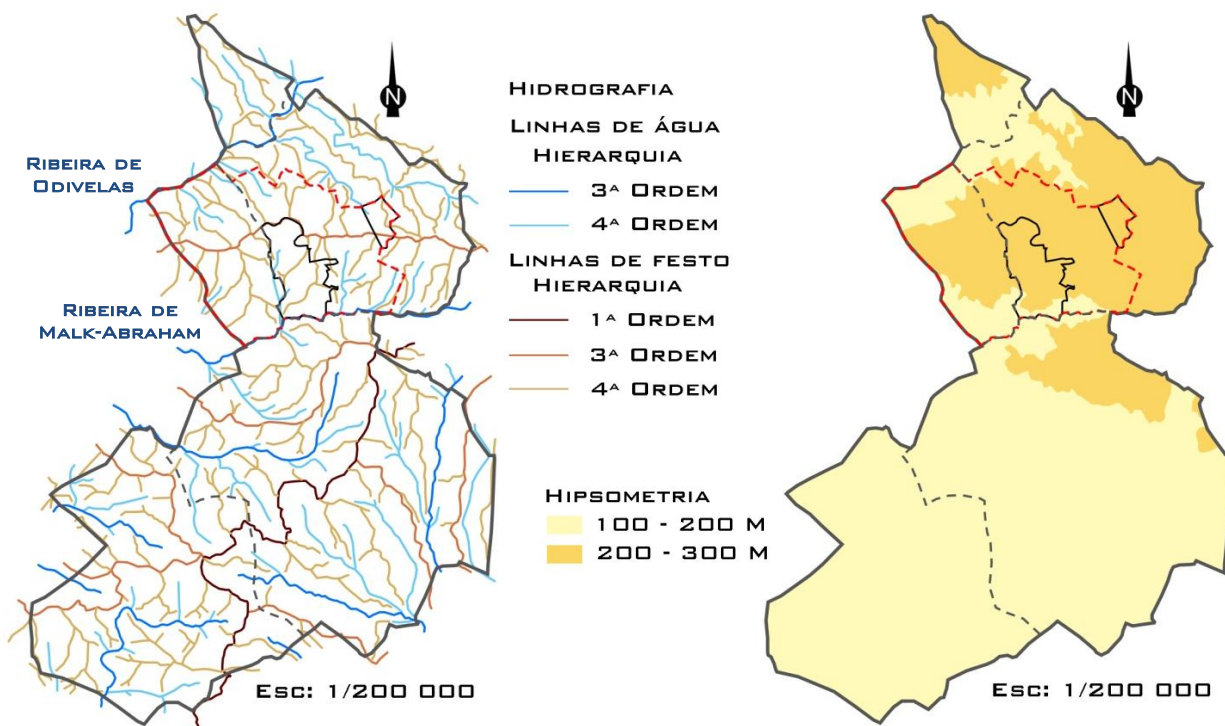


Figura 1.11- Hidrografia - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).
 Figura 1.12- Hipsometria - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).

A ribeira de Odivelas e a ribeira de Malk-Abraham (atualmente conhecida como a ribeira de Malcabrão) atravessam o Concelho de Cuba e dividem, de forma natural, três freguesias.³²

A primeira separa a freguesia de Vila Ruiva (Norte) da freguesia de Vila Alva (Sul). A segunda divide a freguesia de Vila Ruiva (Sul) e a freguesia de Vila Alva da freguesia de Cuba. A ribeira de Odivelas é alimentada pelas águas provenientes da Serra de Portel, já a ribeira de Malk-Abraham é só em períodos chuvosos. Estas duas linhas de água, além dos limites administrativos das freguesias, foram fundamentais para a delimitação da área de estudo.

Segundo Orlando Ribeiro, no sul de Portugal verificam-se maioritariamente terras baixas: "...é a região das planuras e dos planaltos médios, de extensas bacias fluviais deprimidas e terrenos molemente dobrados, com raros retalhos montanhosos..."³³ e é aquilo que se confere no concelho de Cuba.

Na presente carta hipsométrica verificam-se duas situações distintas no concelho e a altitude que predomina na área de estudo é a classe dos 200 a 300 metros. Isto vai de encontro à descrição que Pery fez relativamente ao relevo do concelho de Cuba: "A orographia do concelho apresenta duas feições distintas: montanhoso ao N., plano ao S."³⁴

³² PERY, 1883: p. 7.

³³ RIBEIRO, 1945: p. 60.

³⁴ PERY, 1883: p. 8.

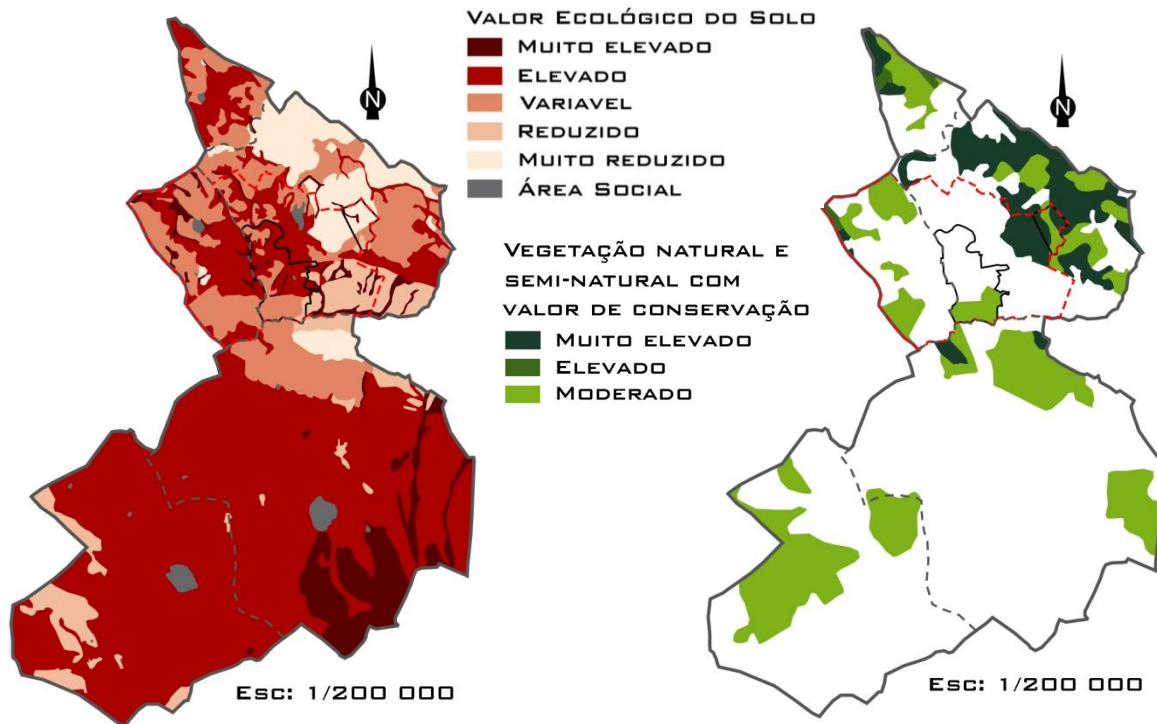


Figura 1.14- Valor ecológico do solo - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).

Figura 1.13- Vegetação natural e semi-natural com valor de conservação - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).

O valor ecológico do solo é classificado de muito elevado, elevado, variável, reduzido, muito reduzido, existindo também áreas sociais. As duas classes que predominam na área de estudo são as classes de valor ecológico elevado e variável. A classe que tem menos expressão na área de estudo é a classe de valor ecológico muito elevado.

As duas classes de valor mais elevado na classificação do valor ecológico do solo (a classe de muito elevado e a classe de elevado), integram a Estrutura Ecológica Nacional e *"representam solos que, potencialmente, apresentam considerável espessura efectiva e os maiores índices de fertilidade, com elevada capacidade de produção de biomassa, bem como solos associados a ecossistemas específicos que interessa preservar, ou que estão associados a sistemas agrícolas ou florestais tradicionais."*³⁵

A vegetação varia consoante a natureza dos solos e do clima.

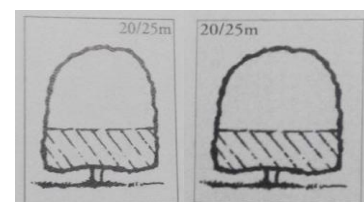


Figura 1.15- Sobreiro (esquerda) e azinheira (direita) (CALDEIRA CABRAL; TELLES, 2005).

³⁵ MAGALHÃES *et al.*, 2008: p. 17.

Quanto à vegetação natural e semi-natural com valor de conservação verifica-se na área de estudo três classes: muito elevado, elevado e moderado. Prevalece as classes com valor de conservação muito elevado e moderado, tratando-se, respetivamente, de áreas de sobreiros (*Quercus suber*) e de azinheiras (*Quercus rotundifolia*).

É essencial a proteção e conservação do montado uma vez que são ecossistemas florestais muito importantes em termos ambientais como em termos socioeconómicos.³⁶

O sobreiro é uma "árvore considerada de folha persistente, mas que no entanto se despe totalmente antes da floração, rebentando logo a seguir. Conserva-se sem folhas cerca de um mês no principio da Primavera."³⁷

A azinheira tem uma "extraordinária adaptação à secura. Planta indispensável como base de revestimento florestal do sul do país. Madeira muito densa, muito dura, com alto poder calorífico. Fruto comestível. Árvore de folha persistente semelhante ao sobreiro."³⁸

Segundo Eusébio Nobre de Carvalho todo o distrito de Beja apresenta um solo fértil e com aptidão para esta arborização:

"Aparecem muitas de azinho e de sobreiro quasi em toda a parte..."³⁹

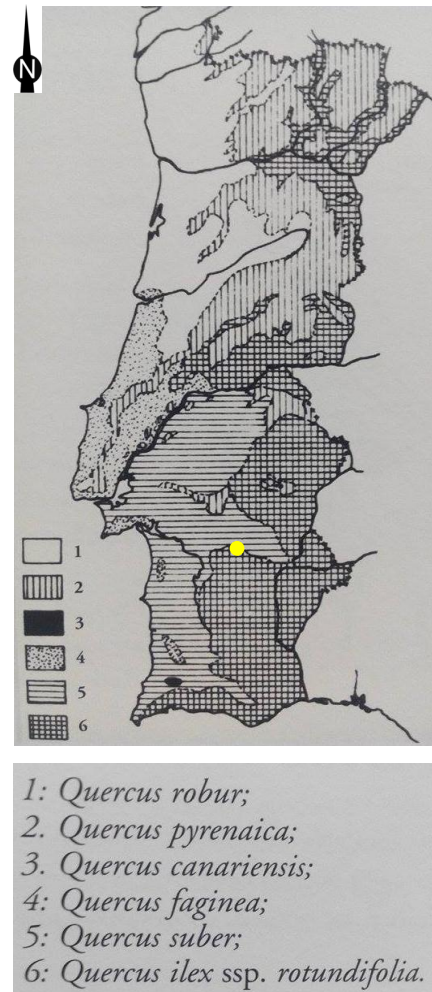


Figura 1.16- Zonas de Predominância Natural dos Carvalhos em Portugal com a área de estudo identificada. (CALDEIRA CABRAL; TELLES, 2005).

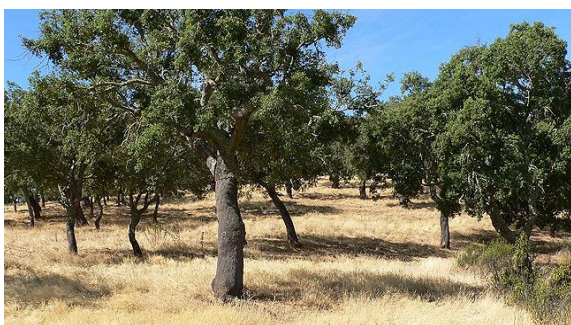


Figura 1.18- Sobreiros
 (<http://www.plantarumaarvore.org/arvores-e-arbustos.aspx>).



Figura 1.17- Azinheiras
 (<http://www.plantarumaarvore.org/arvores-e-arbustos.aspx>).

³⁶ <http://www.quercus.pt/artigos-floresta/2411-a-importancia-dos-montados-de-sobreiro-em-portugal>

³⁷ CALDEIRA CABRAL; TELLES, 2005: p. 71.

³⁸ *Idem*, 2005: p. 60.

³⁹ CARVALHO, 1870: p. 10.

Embora na área de estudo não se verifique, existe na freguesia de Cuba e na freguesia de Faro do Alentejo áreas integradas na Rede Natura 2000. Trata-se de uma rede ecológica composta por Zonas de Proteção Especial e Zonas Especiais de Conservação e é o principal instrumento para a conservação da natureza na União Europeia. O seu principal objetivo é a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, assegurando assim a sua biodiversidade.⁴⁰

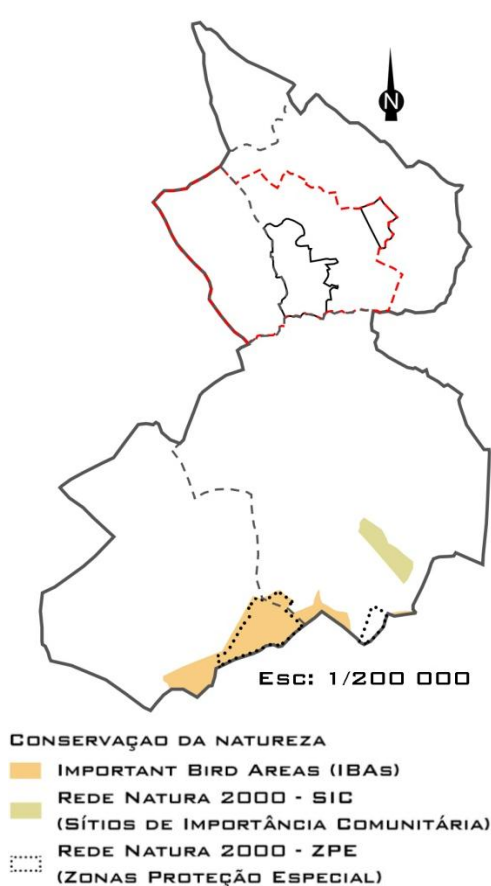


Figura 1.20- Conservação da natureza - Concelho de Cuba (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).

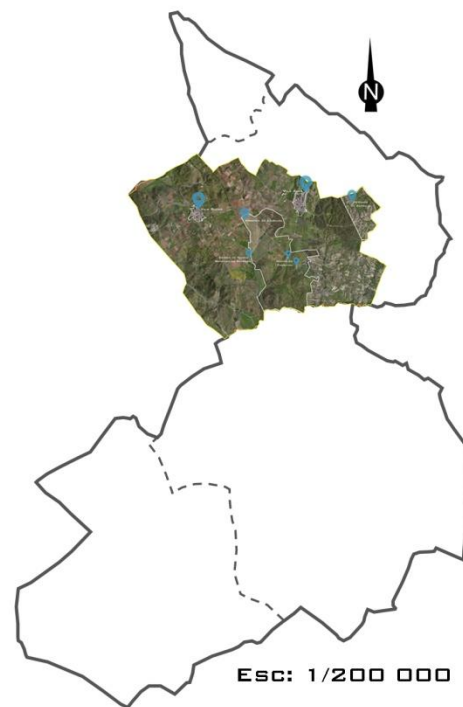


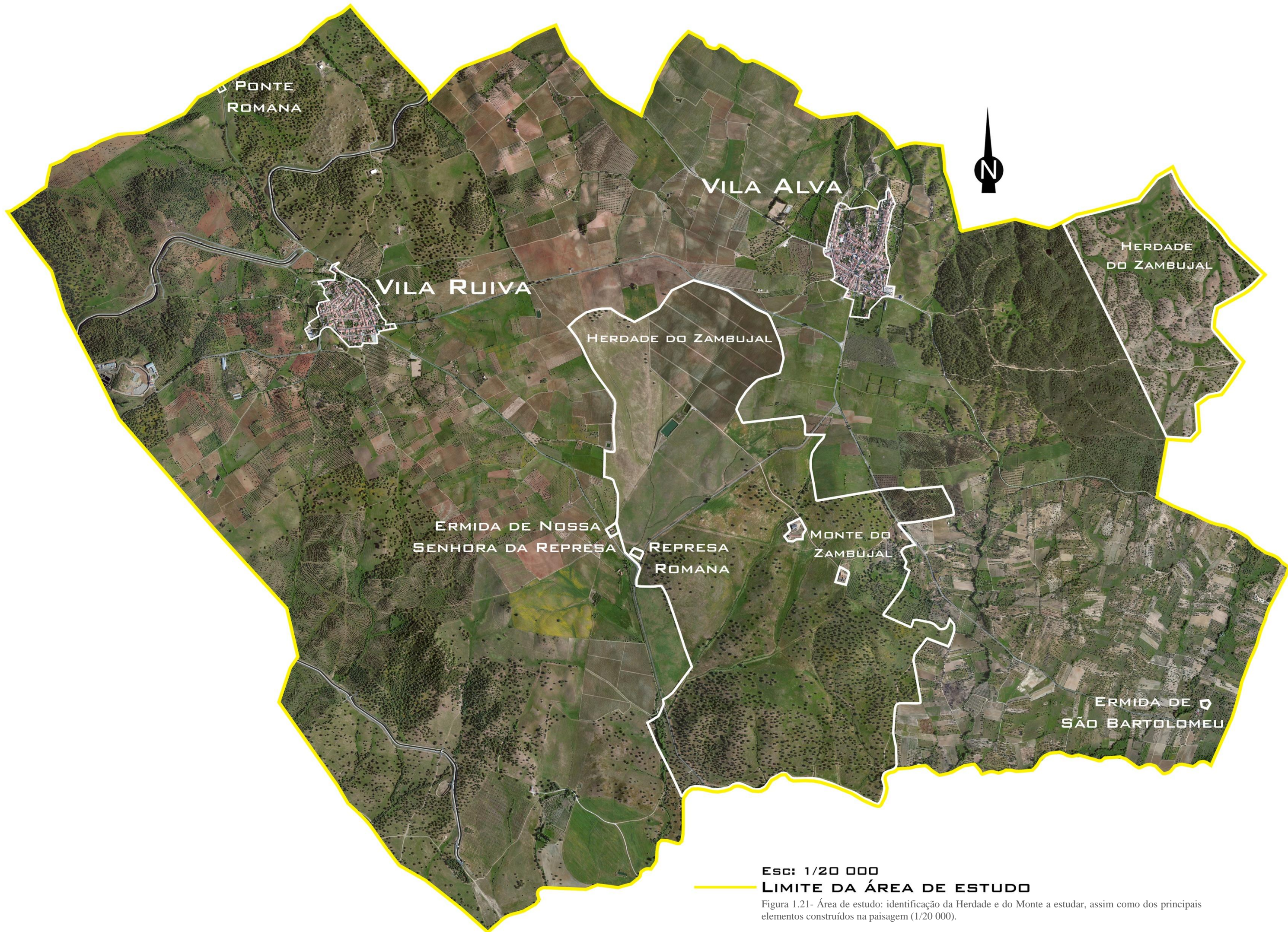
Figura 1.19- Informação administrativa com o ortofotomapa da área de estudo (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral", 1/200 000).

Em resumo, a área de estudo abrange a freguesia de Vila Ruiva (zona Sul) e uma parte da freguesia de Vila Alva, onde se situa a Herdade do Zambujal e o Monte do Zambujal (caso de estudo).

Trata-se de uma paisagem rural, que ao longo do tempo foi sofrendo transformações e que representa a história e a cultura de um povo. *"Paisagem é um conceito pleno de implicações culturais, encontrando-se intimamente relacionado com a história da arte e vulgarmente associado à representação pictórica em que domina um panorama de lugares campestres."*⁴¹

⁴⁰ <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000>

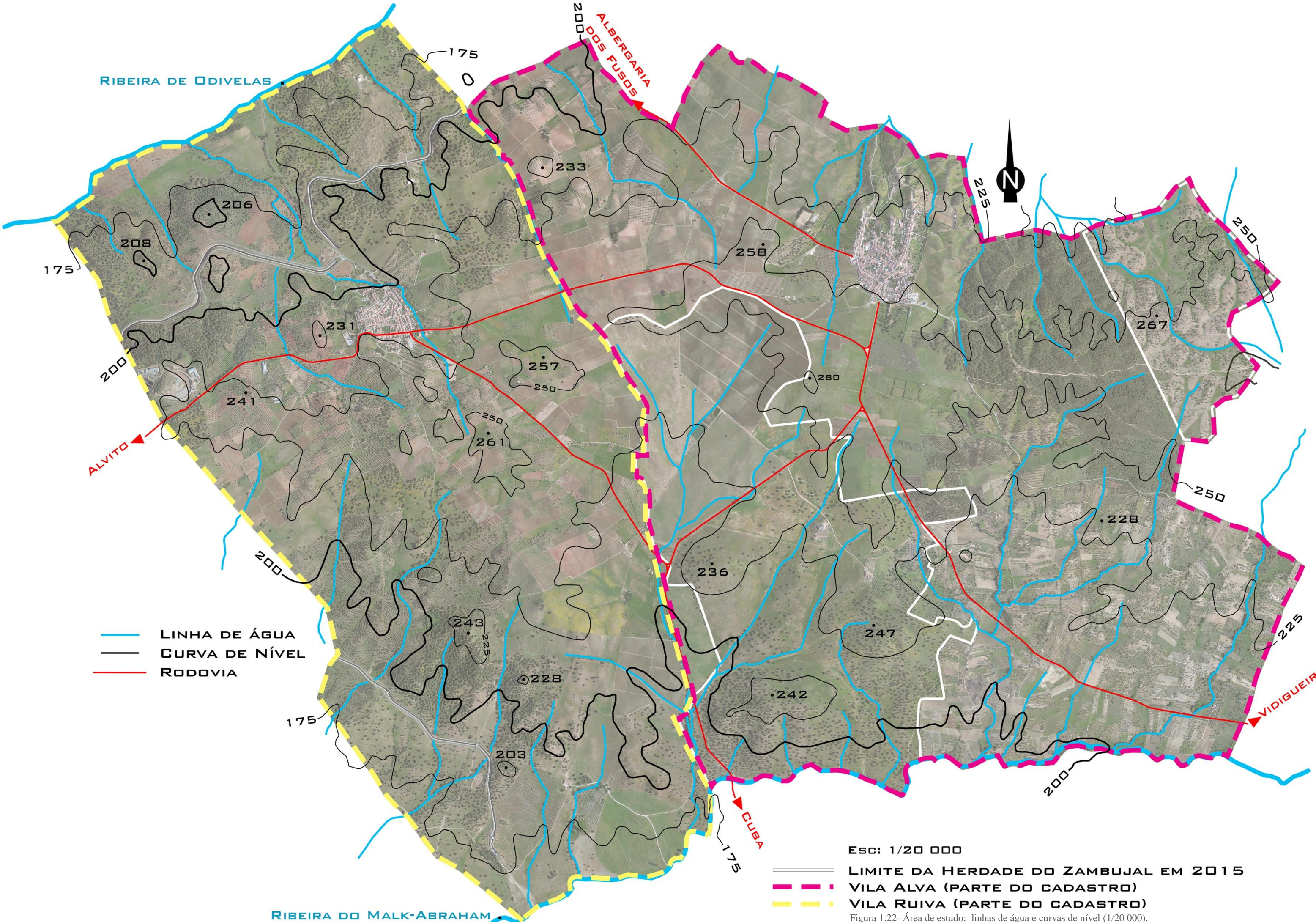
⁴¹ HENRIQUES, 2005: p. 13.



Esc: 1/20 000

— LIMITE DA ÁREA DE ESTUDO

Figura 1.21- Área de estudo: identificação da Herdade e do Monte a estudar, assim como dos principais elementos construídos na paisagem (1/20 000).



RIBEIRA DE ODIVELAS



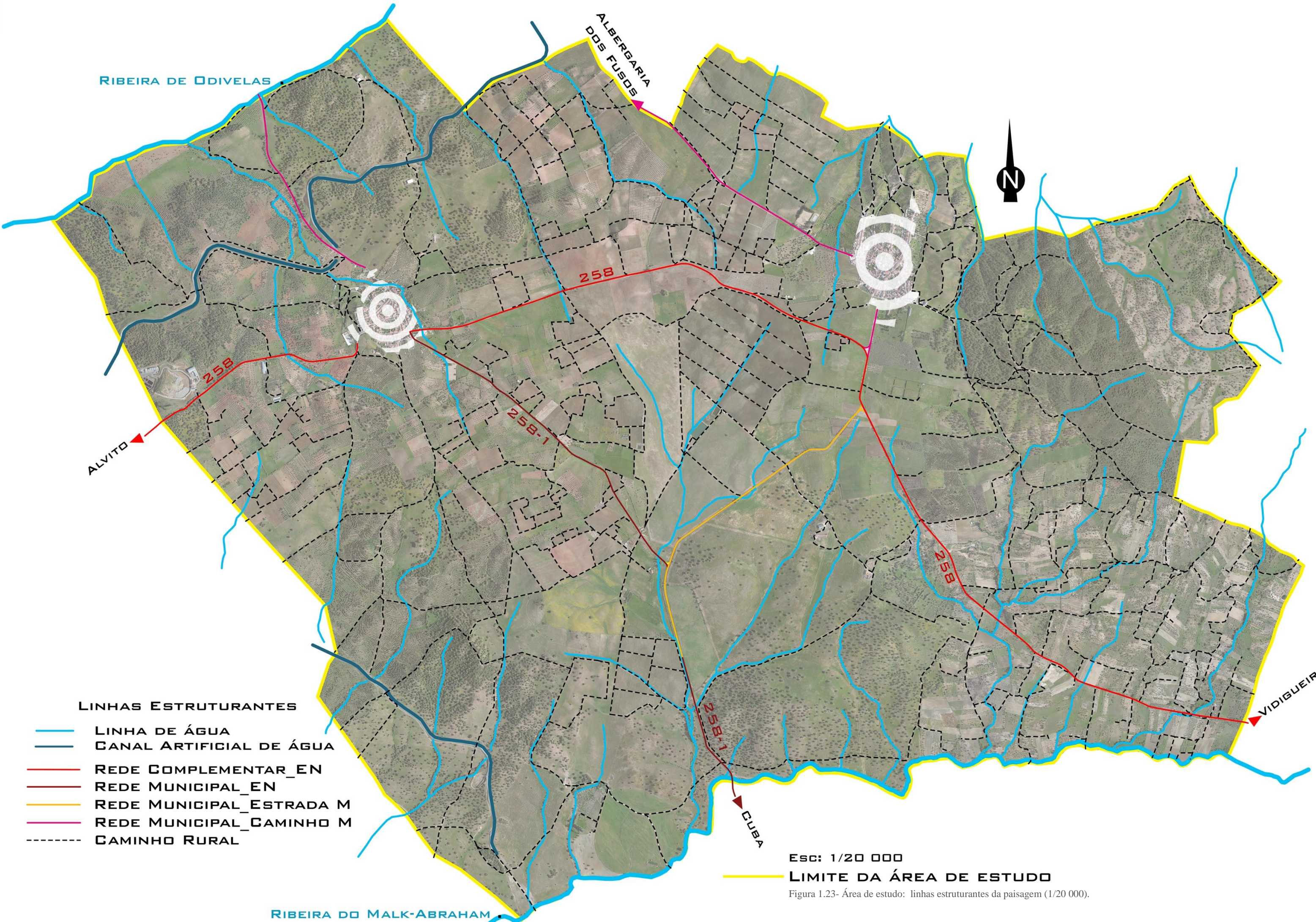
- LINHA DE ÁGUA
- CURVA DE NÍVEL
- RODOVIA

RIBEIRA DO MALK-ABRAHAM

Esc: 1/20 000

- LIMITE DA HERDADE DO ZAMBUJAL EM 2015
- - - VILA ALVA (PARTE DO CADASTRO)
- - - VILA RUIVA (PARTE DO CADASTRO)

Figura 1.22- Área de estudo: linhas de água e curvas de nível (1/20 000).



RIBEIRA DE ODIVELAS

ALBERGARIA
DOS FUSOS



ALVITO

258

258

258-1

258

258-1

CUBA

VIDIGUEIRA

LINHAS ESTRUTURANTES

- LINHA DE ÁGUA
- CANAL ARTIFICIAL DE ÁGUA
- REDE COMPLEMENTAR_EN
- REDE MUNICIPAL_EN
- REDE MUNICIPAL_ESTRADA M
- REDE MUNICIPAL_CAMINHO M
- - - CAMINHO RURAL

Esc: 1/20 000

LIMITE DA ÁREA DE ESTUDO

Figura 1.23- Área de estudo: linhas estruturantes da paisagem (1/20 000).

RIBEIRA DO MALK-ABRAHAM

1.5. Principais elementos construídos na Paisagem

Além destas duas aldeias, os principais elementos que marcam, historicamente e visualmente, a paisagem da área de estudo são: a ponte romana, a ermida de Nossa Senhora da Represa (antiga ermida de São Caetano) e a represa romana.

A ponte romana é considerada Monumento Nacional pelo Decreto nº 47 984, de 6-10-1967.⁴² Localiza-se a 3 km de Vila Ruiva na antiga via romana que ligava Beja a Évora, sobre a Ribeira de Odivelas.⁴³

*"...a la noche fuimos a dormir [el 26 de noviembre] a la villa de Vila Ruiva; una legua antes dejamos sobre nuestra derecha, e inmediato al camino, el lugar de Agua de Peixe [Água de Peixe], y a un cuarto de legua pasamos un río de poco caudal que baja a Odivelas. Este río tiene un puente de algunos arcos de los cuales los que están de la parte de Vila Ruiva son de fábrica romana y servían para dar paso a la vía militar de Évora a Beja."*⁴⁴

O seu comprimento é sensivelmente de 120 m e tem de largura 5m. É composta por vinte e seis arcos intervalados por olhais de volta perfeita.⁴⁵



Figura 1.24- Ponte Romana de Vila Ruiva (Vítor Oliveira).



Figura 1.25- Ponte Romana de Vila Ruiva - calçada (SIPA).



Figura 1.26- Representação esquemática da ponte romana de Vila Ruiva (Documento cedido pelo Sr. Claudino Seco e existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora).

⁴² http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1027

⁴³ BORGES, 1990: p. 114.

⁴⁴ CORNIDE, 1798: p. 399.

⁴⁵ BORGES, 1999: p. 179.

A ermida de Nossa Senhora da Represa (antiga ermida de São Caetano) está situada a 2km de Vila Ruiva e é bastante acarinhada pelas populações das aldeias vizinhas: Vila Ruiva e Vila Alva. A sua história está associada a várias lendas.

Em tempos era uma pobre ermida que conservava também uma casa para romeiros. Reza a lenda que foi o próprio santo, São Caetano, que deixou a sua imagem naquela ermida e ao fim de um tempo a mesma ermida ficou bastante afamada devido à fama dos milagres atribuídos à imagem de São Caetano. Como foi centro de peregrinação as esmolas aumentaram radicalmente, o que permitiu a construção da bela ermida de São Caetano, hoje conhecida como ermida de Nossa Senhora da Represa.⁴⁶

Por curiosidade, no século XVIII era considerada a imagem mais milagrosa de Portugal. A sua construção é datada do século XVI mas teve uma grande reestruturação no século seguinte. A presença de um muro baixo define o espaço onde se encontra a igreja e a antiga casa dos romeiros. Nesta casa é de destacar a chaminé de ressalto.

Relativamente à igreja é composta por duas partes diferentes: o "*alpendre do século XVII e o templo da época de quinhentos*".⁴⁷

Destaca-se a sua beleza interior, nomeadamente os azulejos policromos e do tipo *aves e ramagens* e as pinturas de fresco. Estas são alusivas a São Caetano e com motivos florais datadas de 1679.⁴⁸



Este monumento foi classificado como MIP - Monumento de Interesse Público / ZEP, Portaria n.º 121/2013, DR, 2.ª série, n.º 48 de 08 de Março de 2013.⁴⁹

Figura 1.27- Ermida de Nossa Senhora da Represa (SIPA).

⁴⁶ BORGES 1999: p. 171.

⁴⁷ *Idem*, 1999: p. 172.

⁴⁸ *Idem*, 1999: p. 173.

⁴⁹ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=976

Foram registadas duas lendas populares relativamente ao nome da ermida. Uma das lendas existentes tem a ver com o achado da imagem da Virgem nas ruínas da represa romana, localizada a metros da ermida de São Caetano. A imagem foi levada para a ermida de São Caetano e o povo batizou-a de Nossa Senhora da Represa. A partir desse momento começou a enorme devoção por esta imagem o que causou a mudança de nome da ermida.⁵⁰

Subsiste ainda outra lenda popular, esta consta que aquela construção relativamente perto da ermida seria os alicerces da igreja para honrar Nossa Senhora da Represa. Quando levavam a imagem da virgem para a igreja que lhe estavam a construir, no dia seguinte a imagem encontrava-se na ermida de São Caetano, e assim sucessivamente. Diz-se que Nossa Senhora da Represa queria ficar em terras de Vila Ruiva e não em terras pertencentes a Vila Alva. É de destacar que é uma imagem esculpida em pedra e pintada, sendo uma imagem única.⁵¹

A devoção é tanta que todos os anos, na 2ª Feira-Feira de Pascoela, existe uma romaria à ermida. Antigamente a imagem era levada em braços desde Vila Ruiva até à ermida. Hoje em dia vai de carro em marcha lenta e quem quiser vai a acompanhar. O dia é passado na ermida ou em volta dela existindo um grande convívio entre o povo de Vila Ruiva e de Vila Alva. Ao final da tarde existe a missa e a procissão em sua honra.



Figura 1.28- Procissão em honra de Nossa Senhora da Represa: anos 40 (Foto cedida pela Dª Mavilde Vales).

⁵⁰ BORGES, 1999: p. 181.

⁵¹ *Idem*, 1990: p. 101.

Em frente da ermida de Nossa Senhora da Represa, a poucos metros, existe uma "*fonte de mergulho seiscentista*". Tudo indica que a sua construção estará relacionada com a construção da ermida de Nossa Senhora da Represa.⁵²



Figura 1.29- Fonte de Nossa Senhora da Represa com a ermida ao fundo (SIPA).



Figura 1.30- Fonte de Nossa Senhora da Represa (SIPA).

Relativamente à Represa Romana, como já foi referido anteriormente, existe a poucos metros da ermida vestígios da ocupação romana: um paredão romano. Tratar-se-á do que resta de uma barragem de dimensões reduzidas que tinha como objetivo a recolha de água. Tem ainda, sensivelmente 80 metros de comprimento, 1,6 metros de espessura e 1,8 metros de altura máxima.⁵³



Figura 1.31- Represa Romana (SIPA).

A Ermida de São Bartolomeu trata-se de uma ermida que hoje está em ruínas mas que em tempos foi muito importante, estando aberta ao culto. É visível ainda tinta nas paredes revelando a pintura a fresco que em tempos existiu.⁵⁴



Figura 1.32- Ermida de São Bartolomeu (SIPA).

⁵² http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17000

⁵³ BORGES, 1999: p. 182.

⁵⁴ *Idem.*, 1990: p. 88.

2. ALDEIAS

Os assentamentos são influenciados pelas condições naturais como por exemplo o relevo, o clima e a vegetação, assim como pelas formas de colonização histórica, os modos de vida, os sistemas de exploração e o povoamento.⁵⁵

Para distinguir aglomerações urbanas e rurais, importa considerar o modo como é utilizado o espaço construído: indústria, residência, comércio, administração, circulação e construções agrícolas.⁵⁶

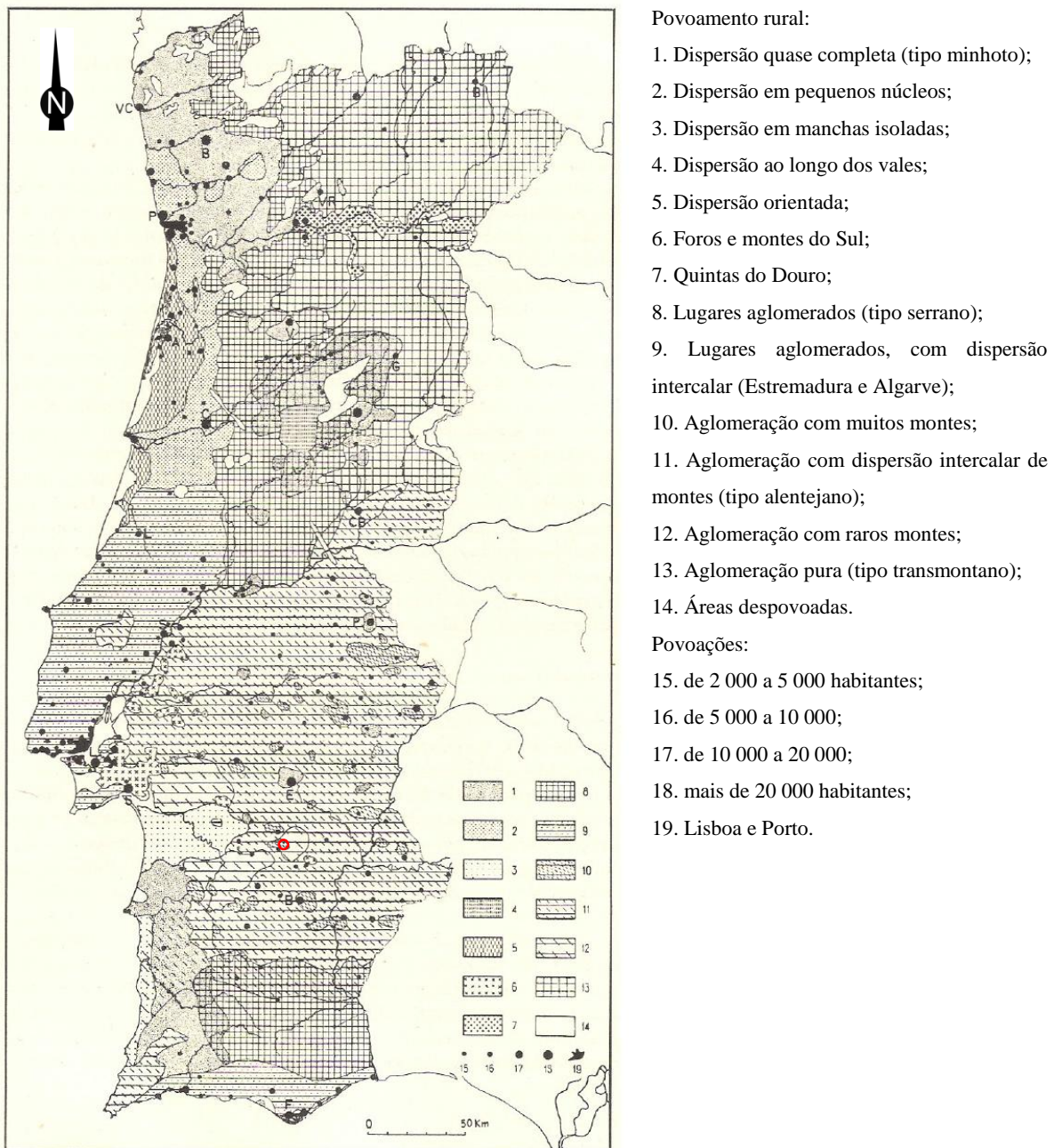


Figura 2.1- Tipos de povoamento com a localização da área de estudo (Ribeiro, 1955).

⁵⁵ RIBEIRO, 1999: p. 867.

⁵⁶ *Idem*, 1999: p. 860.

Segundo Orlando Ribeiro, de norte a sul do país existem vários tipos de povoamento que se distinguem bastante uns dos outros. Observando a figura anterior, verifica-se que o tipo de povoamento da área de estudo (circulo vermelho) corresponde a uma "aglomeração com muitos montes" (tipo 10). *"O povoamento do Alentejo, em aldeias e montes, anda ligado à planície e à secura estival que não prejudica a cultura do trigo.(...) As condições naturais favorecem culturas que, por sua vez, determinam formas de trabalho a que convém certa organização social e económica; o que tudo tem na expressão complexa que é o modo de vida, o seu reflexo. A casa e a povoação amoldam-se às necessidades do homem e também às suas tendências, hábitos e tradições."*⁵⁷

As aldeias são aglomerações rurais e estão rodeadas pelas herdades (explorações agrícolas). Cada herdade alentejana tem o seu monte ou os seus montes que constituem a sede de toda a exploração agrícola. Segundo Orlando Ribeiro o monte alentejano pode considerar-se também uma forma de aglomeração, pela unidade e pelas características que representa.⁵⁸

É de destacar as duas localidades, pertencentes ao concelho de Cuba e presentes na área de estudo: Vila Ruiva e Vila Alva. Tratam-se de duas pequenas aldeias bastante antigas *"não se sabendo ao certo a sua data de fundação."*⁵⁹ *"Ate 1837 cada uma d'estas freguezias constituia um concelho independente. Villa Ruiva e Villa Alva eram os mais antigos; existiam desde os primeiros tempos da monarchia e fizeram parte da generosa doação feita por D. João I ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira, juntamente com a Vidigueira e Villa de Frades."*⁶⁰

Vila Ruiva é conhecida como a "ilha do pico" e os seus habitantes de "ilhéus", uma vez que esta aldeia faz lembrar uma "ilha".

A aldeia foi construída numa zona mais elevada: *"Vila Branca fica no cocuruto de um*



Figura 2.2- Vila Ruiva "ilha do pico".

⁵⁷ RIBEIRO, 1999: p. 867.

⁵⁸ *Idem*, 1999: p. 862.

⁵⁹ BORGES, 1999: p. 149.

⁶⁰ PERY, 1883: p. 11.

monte. As casas agrupam-se, quási tôdas, em tórno da igreja. Outras, porém, fogem a esta vizinhança e encavalitam-se nas encostas. O monte é um insulto à planície."⁶¹ Presume-se que este assentamento urbano esteja relacionado com o castelo que em tempos existiu e que se localizava na zona mais alta da planície.

Vila Alva é bem mais plana e os seus habitantes são conhecidos como "carrapateiros".

Em ambas se registam heranças da pré-história, romanas, árabes, da idade media (a destacar o gótico), da idade moderna (a distinguir o manuelino) e dos séculos XVII e XVIII (referentes à arquitetura, pintura, talha e azulejaria).⁶²

As duas aldeias estão intimamente ligadas, quer através da sua proximidade, quer através das relações sociais das suas comunidades. Atualmente são freguesias rurais com pouca densidade populacional, comportando ainda assim um património arquitetónico e paisagístico muito relevante, sendo de enaltecer o facto de duas aldeias de dimensão reduzida apresentarem um importante inventário artístico.

2.1. Análise morfológica

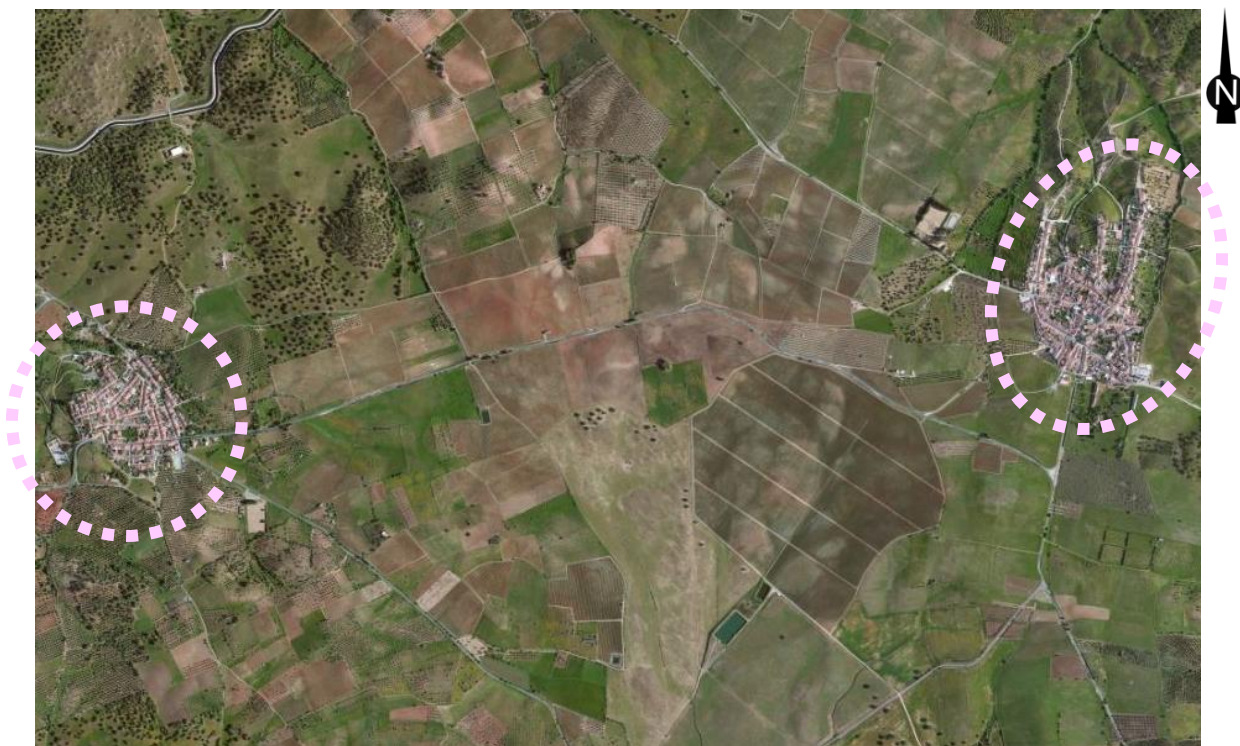


Figura 2.3- Aldeias (Fotografia aérea, Google Earth).

⁶¹ ANDRADE, 1944: p. 7.

⁶² BORGES, 1990: pp. 9-17.

Ao observarmos a imagem percebemos, *a priori*, que as aldeias apresentam diferentes formas. A aldeia de Vila Ruiva tem uma forma mais circular enquanto que a aldeia de Vila Alva tem uma forma mais alongada.

Todos os elementos morfológicos são importantíssimos, não só para fazer uma análise do espaço, assim como perceber a transformação que as aldeias tiveram no território ao longo do tempo.

Elementos morfológico estruturantes:

- a) Limites: a forma do espaço urbano é exponencialmente condicionada pelo relevo. As elevações montanhosas e as linhas de água são barreiras físicas que dificultam os assentamentos urbanos. Por exemplo, a aldeia de Vila Ruiva está mais condicionada pelo relevo do que a aldeia de Vila Alva, uma vez que é mais acidentada.
- b) Vias: são caracterizadas pelo seu perfil e pela sua diretriz (revela se o trajeto é mais sinuoso ou mais linear). O seu pavimento define o tipo de tráfego, local ou atravessamento. Ao longo do seu traçado podem surgir pontos de paragem, como por exemplo as pracetas, praças ou largos. Já os cruzamentos "*...são pontos do espaço urbano, que representam uma mudança de direção...*"⁶³.
- c) Edifícios: é através do edificado que se organiza o espaço urbano e se criam os diferentes espaços identificáveis.
- d) Pontos marcantes: são elementos que são facilmente identificados pelo observador, quer através da sua especialização, volumetria ou simbolismo. São exemplos os monumentos históricos, jardins, equipamentos de referência, entre outros.⁶⁴

Quanto à envolvente destas aldeias os espaços são destinados à produção agrícola: culturas de regadio (áreas mais pequenas) e de sequeiro (áreas de maiores dimensões).

Relativamente às hortas, acompanham efetivamente o sistema hidrográfico (linhas de água) e de certa forma acompanham também as vias/ caminhos rurais ou o edificado. Já as outras áreas de maior dimensão, onde se verifica o olival, o montado, a vinha e as pastagens, abraçam as aldeias e evidentemente os espaços regados.

⁶³ TELES, 2011: pp. 159-161.

⁶⁴ *Idem*, 2011: pp. 159-161.

Os seus elementos morfológicos "*permitem analisar o espaço urbano e identificar entidades com formas próprias e intrínsecas às inter-relações dos elementos de forma considerados.*"⁶⁵






Figura 2.5- Vila Ruiva: localização das hortas (Fotografia aérea, Google Earth).





Figura 2.4- Vila Alva: localização das hortas (Fotografia aérea, Google Earth).


⁶⁵ TELES, 2011: p. 159.

Figura 2.7- Morfologia da aldeia (1/2000).

-  EDIFICAÇÃO NOTÁVEL
-  RESTAURAÇÃO E COMERCIO
-  SERVIÇOS E ESPAÇOS CULTURAIS/ DESPORTIVOS

-  VEGETAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO
-  VEGETAÇÃO NO ESPAÇO PRIVADO

- 1- JARDIM DO LARGO DA RÉPUBLICA (ANTIGA PRAÇA DA RÉPUBLICA)
- 2- LARGO DA FÁBRICA
- 3- LARGO DA IGREJA
- 4- LARGO DO HOSPITAL
- 5- LARGO DA FONTE

-  VILA RUIVA
ESC: 1/2000

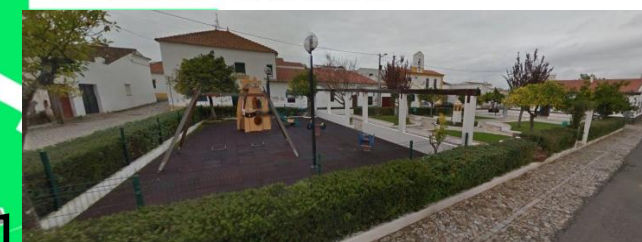


Figura 2.8- Planta de Vila Ruiva: principais locais (1/2000).

PRINCIPAIS LOCAIS

- 1 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO (MATRIZ)
- 2 IGREJA DA MISERICÓRDIA (CASA MORTUÁRIA)
- 3 IGREJA DO SENHOR DA LADEIRA
- 4 ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO
- 5 JUNTA DE FREGUESIA / CORREIOS (CASA DA CÂMARA/ANTIGA CADEIA)
- 6 JARDIM PÚBLICO
- 7 FARMÁCIA
- 8 JARDIM DE INFÂNCIA
- 9 ESCOLA PRIMÁRIA (ENCERRADA)
- 10 POLIDESPORTIVO
- 11 CAMPO DE FUTEBOL
- 12 CEMITÉRIO
- 13 CENTRO CULTURAL
- 14 POSTO MÉDICO
- 15 CAPPAS INSECTOZZO
- 16 FONTE/ TANQUE PÚBLICO/ CHAFARIZ
- 17 LOCAL ONDE ESTAVA SITUADO O CASTELO
- 18 ANTIGA FÁBRICA DE AZEITE

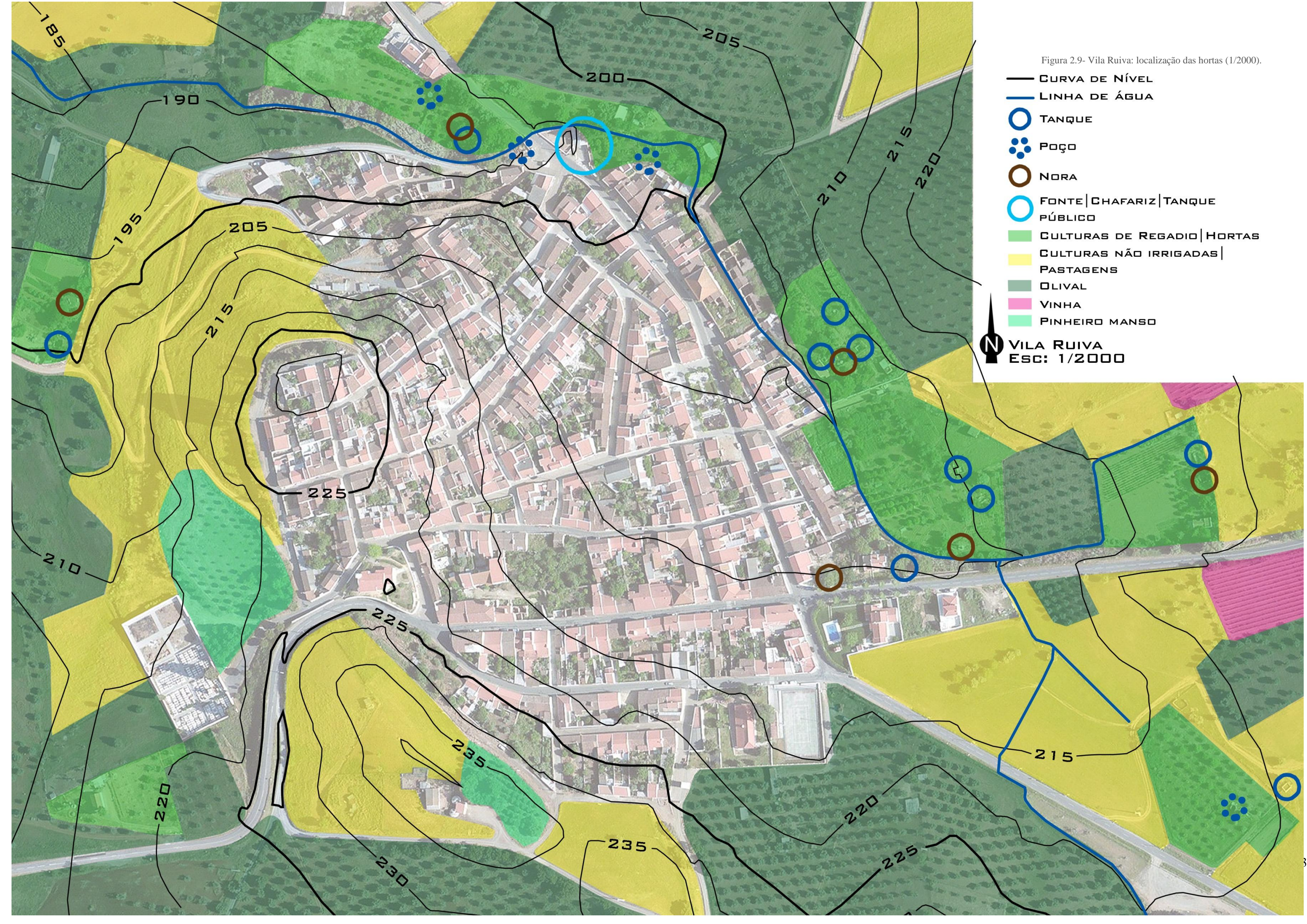


VILA RUIVA
ESC: 1/2000



Figura 2.9- Vila Ruiva: localização das hortas (1/2000).

- CURVA DE NÍVEL
 - LINHA DE ÁGUA
 - TANQUE
 - POÇO
 - NORA
 - FONTE | CHAFARIZ | TANQUE PÚBLICO
 - CULTURAS DE REGADIO | HORTAS
 - CULTURAS NÃO IRRIGADAS | PASTAGENS
 - OLIVAL
 - VINHA
 - PINHEIRO MANSO
- N** VILA RUIVA
Esc: 1/2000



A aldeia de Vila Ruiva, como todas as aldeias rurais, oferece poucos serviços e equipamentos ao habitante e a falta de emprego faz com que as pessoas procurem outros locais e consequentemente, procurem melhores condições de vida.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (censos 2011), residiam em Vila Ruiva 467 pessoas e existiam 206 famílias.⁶⁶ A população residente atual, de certo que já não apresenta este número, tendo em diminuir gradualmente.

Muitos são aqueles que a sua fonte de rendimento é a agricultura sendo, deste modo, a produção agrícola bastante importante para a região.

Junto à aldeia de Vila Ruiva, além de hortas/ pomares, verifica-se a presença olivais, vinhas, pastagens e pequenas áreas de pinheiro manso.

Todas as áreas regadas estão localizadas próximo das linhas de água e no geral, estes espaços hortícolas tem tanques, poços e noras. Os tanques eram abastecidos ou por noras ou por poços que se localizavam na sua proximidade.

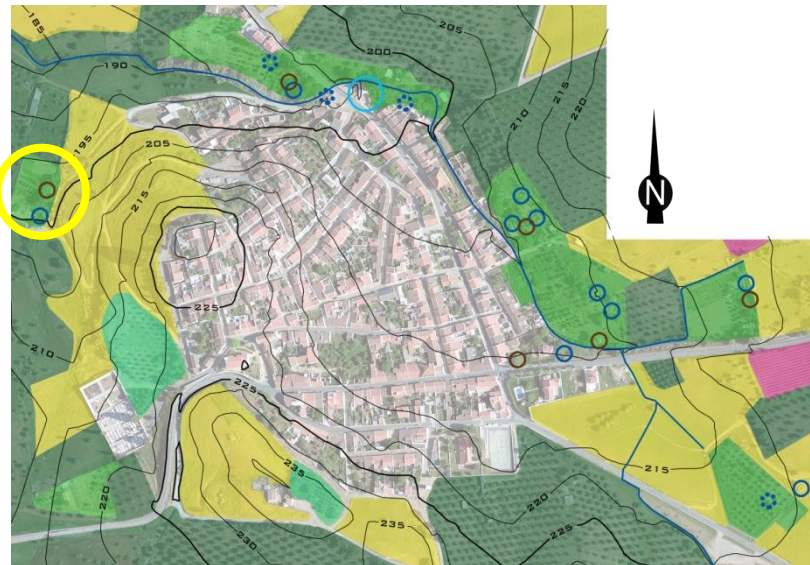


Figura 2.10- Vila Ruiva: localização das hortas.

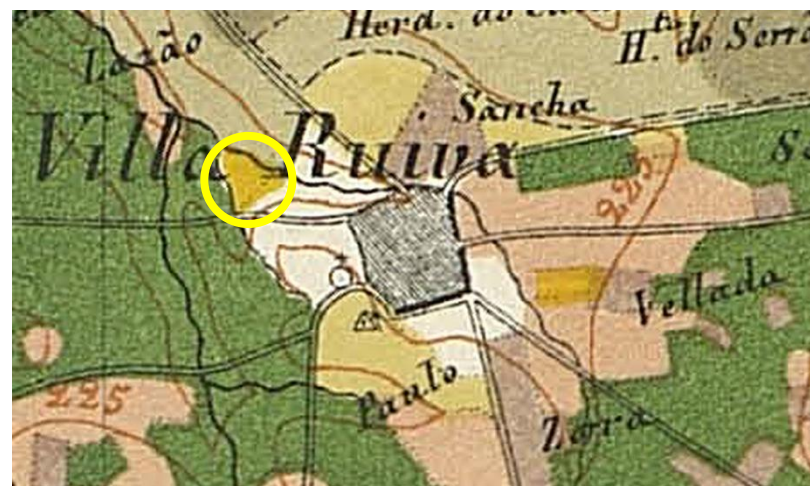


Figura 2.11- Carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883).

Comparando o uso atual do solo com a carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883), verifica-se que atualmente existe uma horta que já existia em 1883. Essa horta chama-se horta do Sobral.

⁶⁶ <http://mapas.ine.pt/map.phtml>

Muitos são os quintais das casas de Vila Ruiva que serviam tradicionalmente ao uso hortícola, sendo marcados pela presença de poços e até mesmo noras.

Relativamente aos locais de interesse que a aldeia apresenta, e para além da paisagem e dos locais de lazer, é de destacar o "Cappas Insectozoo". Trata-se de um irreverente Museu Vivo de Insectos Sociais, sendo o seu proprietário e investigador o Sr. João Pedro Cappas e Sousa, habitante de Vila Ruiva. *"Este Laboratório- Museu de caracter didático dá ao visitante a possibilidade de apreciar as fabulosas sociedades de insetos no seu dia a dia."*⁶⁷

Quanto aos locais de importância histórica destacam-se a igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação (classificada como Imóvel de Interesse Público)⁶⁸, a igreja da Misericórdia (onde possivelmente em tempos remotos foi um hospital)⁶⁹, a ermida de São Sebastião, a igreja do Senhor da Ladeira e o edifício da Junta de Freguesia (antiga cadeia). Fora da aldeia mas bastante perto distingue-se ainda a ermida de Nossa Senhora da Represa (antiga ermida de São Caetano), a represa Romana e a ponte Romana (classificada de Monumento Nacional).⁷⁰

Em tempos longínquos existiu um castelo, havendo ainda documentos que fazem referência ao próprio e às suas muralhas. Atualmente só é visível o local onde se ergueu e onde se desmoronou.

A imponente igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação



Figura 2.12- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1955 (<http://www.oapix.org.pt/>).

é o edifício-símbolo da aldeia e é facilmente identificada por todos os visitantes, constituindo um elemento marcante.

⁶⁷ <http://www.cappas-insectozoo.com.pt/>

⁶⁸ BORGES, 1990: p. 98.

⁶⁹ <http://www.cm-cuba.pt/>

⁷⁰ BORGES, 1990: pp. 95- 117.

Não se sabe a data da sua construção, tratando-se de um templo gótico que sofreu algumas

alterações ao longo do tempo. O seu exterior está totalmente caiado de branco e o seu interior apresenta lindíssimas pinturas a fresco de diferentes períodos (século XIV, XV, XVI e XVIII).⁷¹



Figura 2.13- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 2014 (Vítor Oliveira).



Figura 2.14- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1976 (SIPA).



Figura 2.15- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1943 (SIPA).

⁷¹ BORGES, 1990: p. 99.



Figura 2.16- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 1973 (SIPA).



Figura 2.17- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação: 2014 (<http://www.panoramio.com/photo/63317220>).

Em 1978 a Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais levou a cabo uma campanha de obras em toda a igreja, permitindo assim a descoberta das fantásticas pinturas a fresco que podemos observar atualmente.⁷²

Além das pinturas a fresco, verifica-se a existência de azulejaria, imagens de santos, talha policroma e pedras tumulares. A padroeira desta igreja é a Nossa Senhora da Encarnação.

Nas traseiras da igreja Matriz, está localizada a igreja da Misericórdia.

A igreja da Misericórdia é relativamente pequena e terá sido construída entre 1571 e 1576 mas em 1732 as obras de restauro alteraram totalmente o seu traçado. Passado algum tempo a igreja esteve ao abandono, entrando inclusive em ruínas. Foi restaurada pela segunda vez no ano de 1986.⁷³



Figura 2.18- Igreja da Misericórdia: 2014 (Vítor Oliveira).

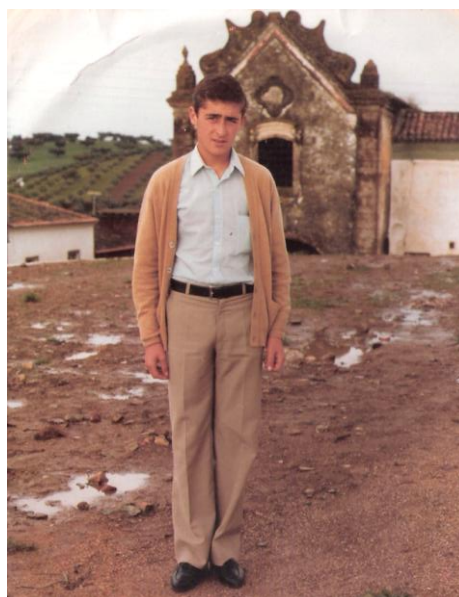


Figura 2.19- Igreja da Misericórdia: ~1980 (Foto cedida pelo Sr. Luís Fragoso).

⁷² BORGES, 1990: p. 99.

⁷³ *Idem*, 1990: p. 103.

No seu interior podemos observar um coro, um púlpito, azulejaria, pinturas a fresco e pedras tumulares. Hoje em dia é a chamada igreja mortuária, onde se realizam os funerais.

A ermida de S. Sebastião é um pequeno templo, bastante simples. Não se sabe a data da sua construção mas no ano de 1758 já havia registo deste edifício. Em 1989 foram realizadas obras de restauro no edifício que em períodos anteriores chegou a servir de palheiro.⁷⁴



Figura 2.20- Ermida de São Sebastião.

No seu interior podemos observar uma bela decoração pictórica. Atualmente não tem qualquer tipo de utilização.

Segundo Emília Borges a igreja do Senhor da Ladeira foi a primeira igreja matriz de Vila Ruiva, embora não se saiba a data da sua construção. "*No século passado, em 1886, Pinho Leal, reproduzindo informações prestadas por outrem, refere-se às ruínas de «uma igreja antiquíssima, de estilo romano», a qual teria sido a primeira matriz da Vila e que teria a invocação do Senhor da Ladeira.*"⁷⁵

Nos anos de 1995 e 1996 foi alvo de recuperação⁷⁶, encontrando-se atualmente toda caiada de branco, por dentro e por fora.

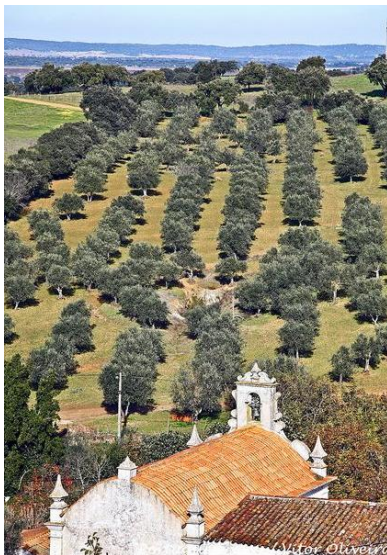


Figura 2.23- Traseiras da igreja do Senhor da Ladeira: 2014 (Vitor Oliveira).



Figura 2.21- Igreja do Senhor da Ladeira: 1996 (SIPA).



Figura 2.22- Igreja do Senhor da Ladeira: 1990 (Emília Borges).

⁷⁴ BORGES, 1990: p. 110.

⁷⁵ *Idem*, 1990: p. 112.

⁷⁶ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=978

O atual edifício da Junta de Freguesia foi em tempos a antiga cadeia de Vila Ruiva. Na sua entrada ainda são visíveis algumas pedras que pertenciam ao antigo pelourinho existente na aldeia.⁷⁷

Atualmente a farmácia também funciona neste edifício.

Em frente está localizado o jardim público que é também chamado de rossio (pelas pessoas mais velhas). Nesse espaço visível na imagem (chamado o largo da junta) é onde se realizam pequenos mercados/ pequenas feiras.



Figura 2.25- Junta de Freguesia de Vila Ruiva (SIPA).



Figura 2.24- Janela da Junta de Freguesia de Vila Ruiva (SIPA).

Relativamente ao castelo, outrora existente em Vila Ruiva, sabe-se da sua existência devido a diversos documentos históricos que lhe fazem referência. Localizava-se, evidentemente, no ponto mais alto da aldeia e tinha vista sobre todo o território.



Figura 2.26- Suposta localização do castelo de Vila Ruiva com vista sobre a paisagem: 2014 (Vítor Oliveira).

⁷⁷ BORGES, 1990: p. 113.

Nesta representação julgo já ser visível, além do castelo, o edifício da cadeia (atual Junta de Freguesia de Vila Ruiva), a igreja da Misericórdia e a igreja do Senhor da Ladeira.



Figura 2.27- Representação esquemática do castelo de Vila Ruiva (Documento cedido pelo Sr. Claudino Seco e existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora).



Figura 2.30- Igreja da Misericórdia (SIPA).



Figura 2.29- Ermida do Senhor da Ladeira (SIPA).



Figura 2.28- Junta de Freguesia de Vila Ruiva (SIPA).

Existem vários documentos escritos que comprovam a existência do castelo, ajudando-nos também a perceber como era a paisagem existente.

"Noviembre 26 [de 1798]. (...) Desde Agua de Peixe [Água de Peixe] a Vila Ruiva es una continua de mata de alcornoques, encinas y olivos que se extienden a derecha e izquierda. Villarubia [Vila Ruiva] está situada en una falda de un serrezuela y su contorno, a donde no ofrece los árboles ya dichos, se halla plantado de viñas. En lo más alto de la población se halla situado un gran castillo de forma cuadrada y cuyos contornos se defienden por cuatro o seis torres. De Villarubia [Vila Ruiva] se sube una cuestecita y luego se baja a una extensa llanura en la que, a distancia de una legua, se halla la villa de la Cuba. La serrezuela en cuya falda se halla asentada Vila Ruiva es una de las cadenas subalternas que tienen su

origen en la Sierra Morena y que, entrando en Portugal por Moura, va a terminar en la Sierra de Palmela, entre Lisboa y Setúbal."⁷⁸

Esta descrição confirma a presença do castelo. Quanto à paisagem existente na época, de Água de Peixes até Vila Ruiva o que predominava abundantemente eram sobreiros

e oliveiras. Já em torno da localidade de Vila Ruiva existiam vinhas. Hoje em dia é muito reduzida essa cultura em torno da aldeia.

Fialho de Almeida, numa das suas obras também aborda este castelo. "*Castello de Villa Ruiva. - Entre a massa de casas e a igreja, ha uma especie de pequeno outeiro ou*

pudim de terra, coberto de herva, e cuja fôrma e destroços podem ao forasteiro passar despercebidos. Observando porém o monticulo de mais perto, depara-se-nos uma especie de polyedro de base rectangular, rampado nas faces, e com especies de dilatações conico-truncadas nos cantos. E o miolo ou enchimento macisso das esplanadas e torres do antigo castello de Villa Ruiva, que as pilhagens vandalicas e desmazelos dos seculos pouco a pouco esfolando da sua nobre armadura de cantarias architectonicas."⁷⁹



Figura 2.31- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: ~1980 (Foto cedida pelo Sr. Manuel Fragoso).



Figura 2.32- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: 2014 (Vítor Oliveira).

⁷⁸ CORNIDE, 1798: p. 399.

⁷⁹ FIALHO D'ALMEIDA, 1921: pp. 130-331.



Figura 2.34- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: ~1980 (Foto cedida pelo Sr. Manuel Fragoso).



Figura 2.33- Suposta localização do castelo com vista sobre a paisagem: 2015.

Augusto Pery, já numa época mais tardia, faz também referência ao castelo de Vila Ruiva. *"Os marqueses de Ferreira, depois duques de Cadaval, que habitavam o castello de Villa Ruiva, de que hoje resta apenas um pedaço de parede de torre de menagem, eram também donatarios de Albergaria dos Fusos, pequenissima aldeia para a qual obtiveram os privilegios de villa..."*⁸⁰



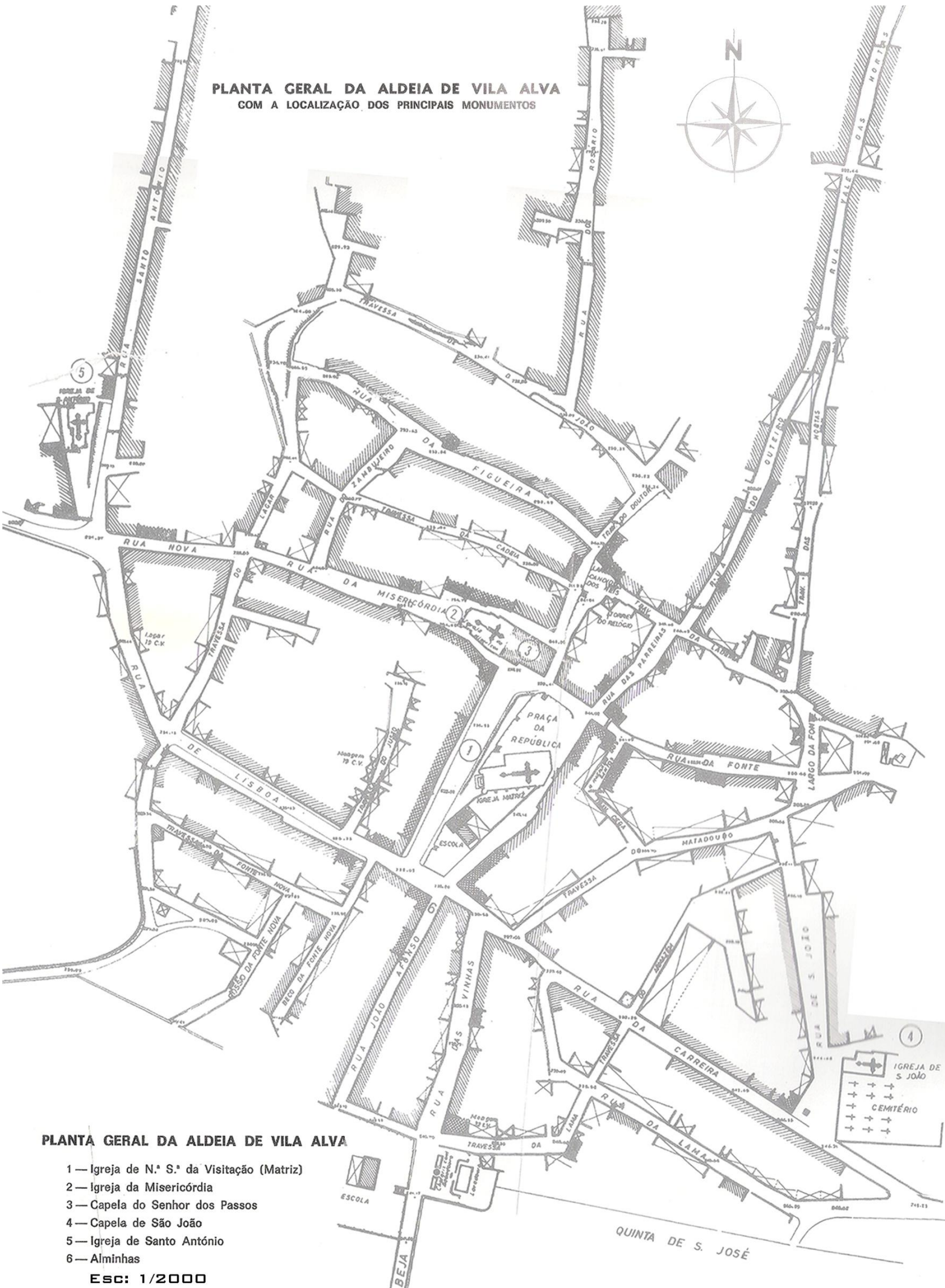
Figura 2.35- Vista sobre Vila Ruiva: ~1970 (Foto cedida pela D^a Mavilde Vales).



Figura 2.36- Vista sobre Vila Ruiva: 2013 (Mário Bruno)

⁸⁰ PERY, 1883: p. 11.

**PLANTA GERAL DA ALDEIA DE VILA ALVA
COM A LOCALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS MONUMENTOS**



PLANTA GERAL DA ALDEIA DE VILA ALVA

- 1 — Igreja de N.ª S.ª da Visitação (Matriz)
- 2 — Igreja da Misericórdia
- 3 — Capela do Senhor dos Passos
- 4 — Capela de São João
- 5 — Igreja de Santo António
- 6 — Alminhas

Esc: 1/2000

Figura 2.37- Planta geral da aldeia de Vila Alva
(Borges, 1990).



1








2



3

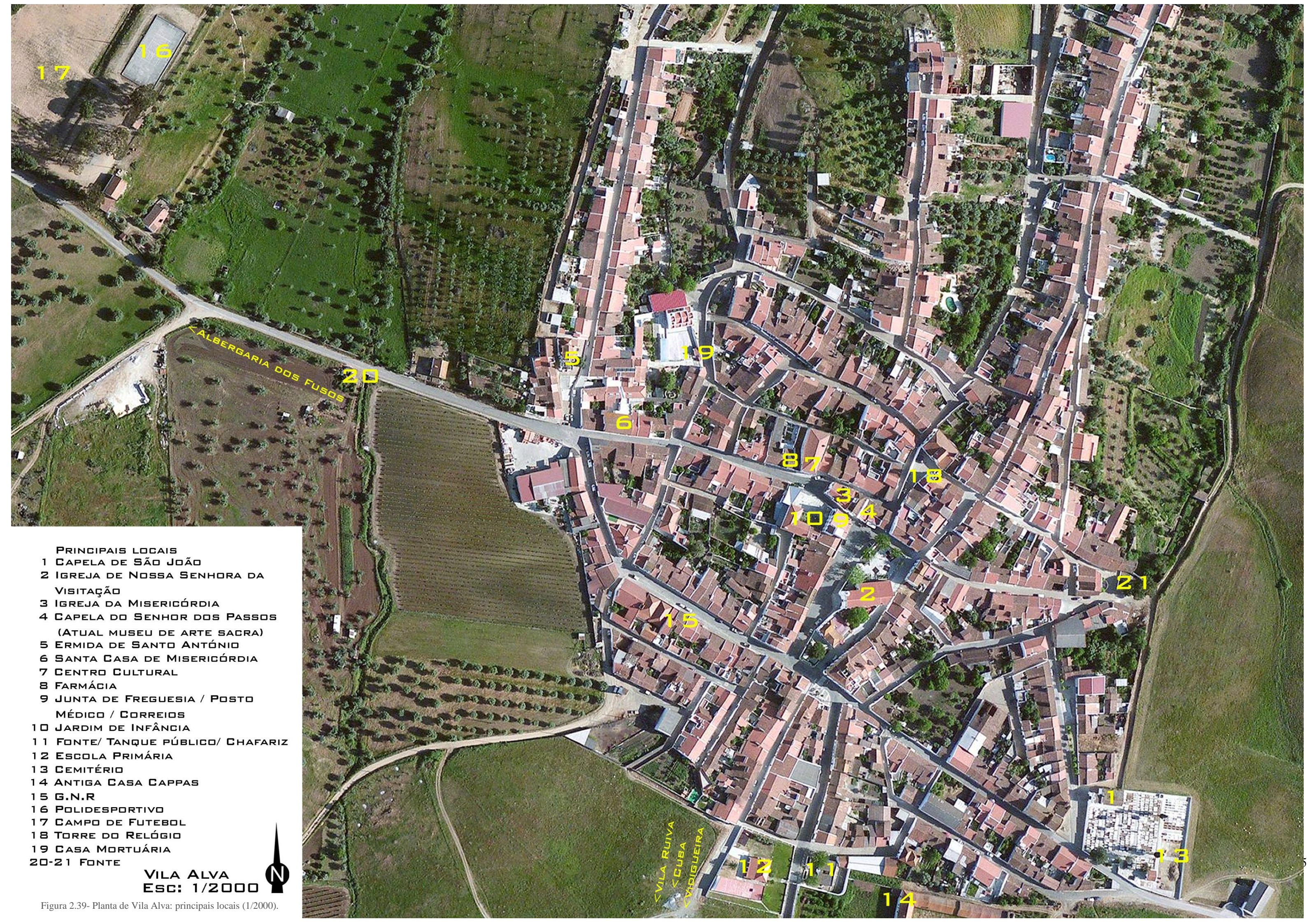
Figura 2.38- Morfologia da aldeia (1/ 2000).

-  EDIFICAÇÃO NOTÁVEL
-  RESTAURAÇÃO E COMERCIO
-  SERVIÇOS E ESPAÇOS CULTURAIS/ DESPORTIVOS
-  VEGETAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO
-  VEGETAÇÃO NO ESPAÇO PRIVADO

- 1- PRAÇA DA REPÚBLICA
- 2- LARGO LUIS DE CAMÕES (ANTIGO LARGO DA FONTE)
- 3- LARGO DOUTOR GUERREIRO BICO (ANTIGO LARGO CÂNDIDO DOS REIS)

VILA ALVA
ESC: 1/2000





- PRINCIPAIS LOCAIS**
- 1 CAPELA DE SÃO JOÃO
 - 2 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO
 - 3 IGREJA DA MISERICÓRDIA
 - 4 CAPELA DO SENHOR DOS PASSOS (ATUAL MUSEU DE ARTE SACRA)
 - 5 ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO
 - 6 SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
 - 7 CENTRO CULTURAL
 - 8 FARMÁCIA
 - 9 JUNTA DE FREGUESIA / POSTO MÉDICO / CORREIOS
 - 10 JARDIM DE INFÂNCIA
 - 11 FONTE/ TANQUE PÚBLICO/ CHAFARIZ
 - 12 ESCOLA PRIMÁRIA
 - 13 CEMITÉRIO
 - 14 ANTIGA CASA CAPPAS
 - 15 G.N.R
 - 16 POLIDESPORTIVO
 - 17 CAMPO DE FUTEBOL
 - 18 TORRE DO RELÓGIO
 - 19 CASA MORTUÁRIA
 - 20-21 FONTE

VILA ALVA
Esc: 1/2000



Figura 2.39- Planta de Vila Alva: principais locais (1/2000).

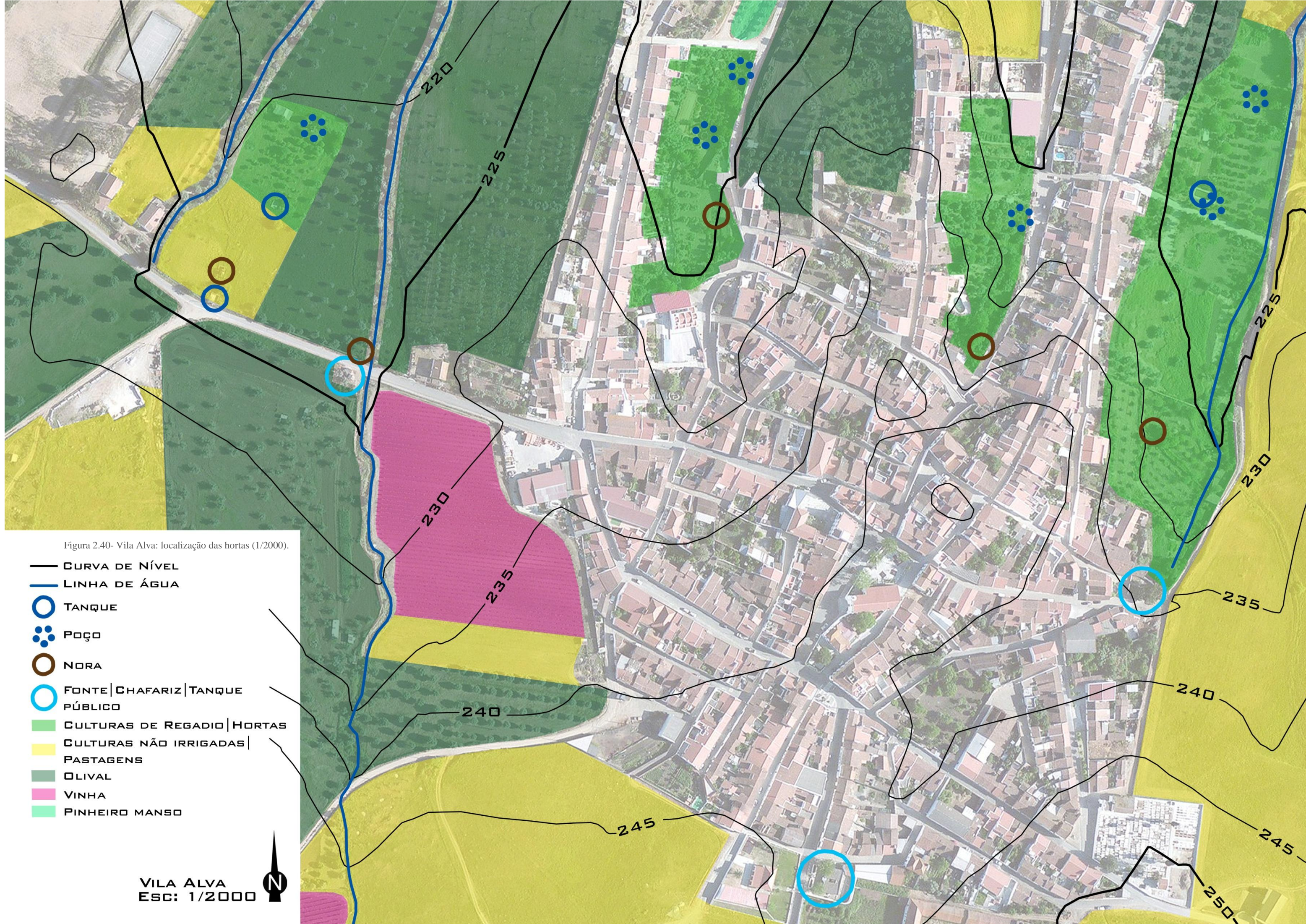


Figura 2.40- Vila Alva: localização das hortas (1/2000).

- CURVA DE NÍVEL
- LINHA DE ÁGUA
- TANQUE
- POÇO
- NORA
- FONTE | CHAFARIZ | TANQUE PÚBLICO
- CULTURAS DE REGADIO | HORTAS
- CULTURAS NÃO IRRIGADAS | PASTAGENS
- OLIVAL
- VINHA
- PINHEIRO MANSO

VILA ALVA
Esc: 1/2000



A realidade da aldeia de Vila Alva, é exatamente a mesma da aldeia de Vila Ruiva. O principal facto da desertificação é a falta de emprego que obriga as pessoas a procurarem outros locais para residir.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (censos 2011), residiam em Vila Alva 514

pessoas e existiam 182 famílias.⁸¹ Hoje esse número de certo que já diminuiu mais um pouco.

Vila Alva, tal como Vila Ruiva é cercada por hortas/pomares, olivais, vinhas, pastagens e pequenas áreas

de pinheiro manso.

Na primeira imagem podemos observar que todas as áreas regadas têm tanques, poços e noras.

Comparando o uso atual do solo com a carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883), verifica-se que atualmente existem hortas que já existiam em 1883. Estas estão associadas à linha de água (visível nas imagens) e estão localizadas no denominado "Vale das Hortas".

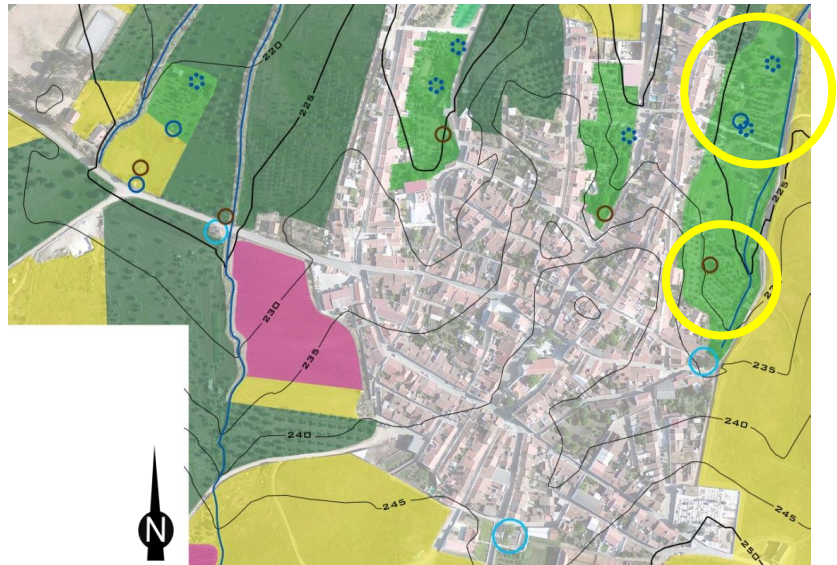


Figura 2.41- Vila Alva: localização das hortas.



Figura 2.42- Carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883).

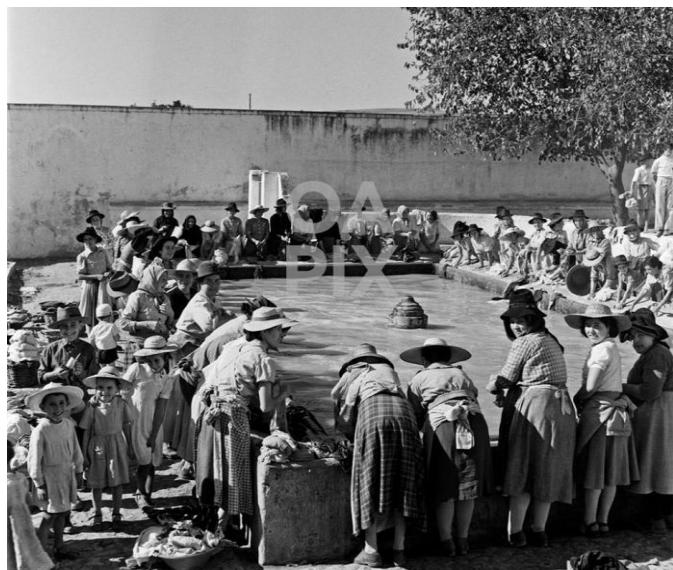
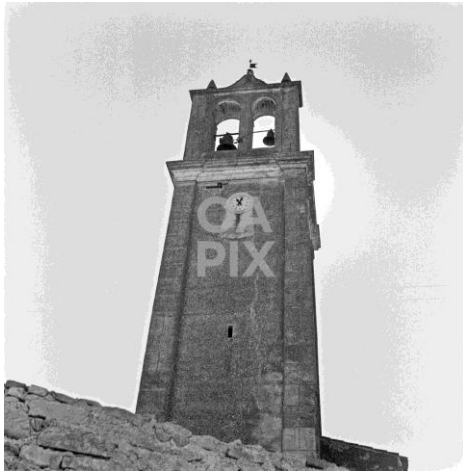


Figura 2.43- Tanque: 1955 (<http://www.oapix.org.pt/>).

⁸¹ <http://mapas.ine.pt/map.phtml>



Um elemento marcante na aldeia de Vila Alva é a Torre do Relógio que é visível nas figuras datadas de 1955.

Na aldeia é de destacar a igreja de Nossa Senhora da Visitação (classificada como Imóvel de Interesse Público), a igreja da Misericórdia, a capela do Senhor dos Passos, a capela de São João e a ermida de Santo António. Fora da aldeia mas bastante próxima dela existe a ermida de São Bartolomeu (atualmente em

Figura 2.44- Torre do Relógio: 1955 ruínas mas com importância histórica), a Anta da (http://www.oapix.org.pt/).

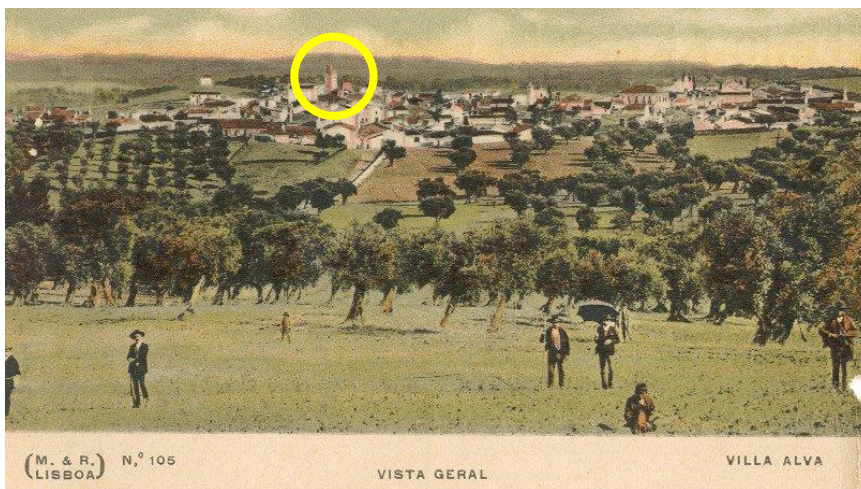


Figura 2.45- Vista geral da aldeia de Vila Alva (data desconhecida- http://vilaalva.blogspot.pt).

Fareloa, e a Anta de Cima.

Ao compararmos as figuras ao lado, a introdução da vinha é a principal diferença que podemos observar na paisagem.

O olivar é sem dúvida a cultura que mais predomina.



Figura 2.46- Vista geral da aldeia de Vila Alva.

A Capela de São João localiza-se junto ao cemitério e em 1758 já estava aberta ao culto, não se conhecendo a data exata da sua construção.

O templo é antecedido por um alpendre onde se pode encontrar uma laje

tumular. No seu interior destacam-se os azulejos policromos seiscentistas, imagens de santos, um púlpito de talha dourada e telas pintadas a óleo.

Nesse mesmo largo (Largo de São João) encontramos um cruzeiro.

Quanto à igreja de Nossa Senhora da Visitação, não se sabe a data da sua fundação. É classificada como Imóvel de Interesse Público.⁸²

O seu exterior está caiado de branco mas o seu interior é



Figura 2.47- Igreja de Nossa Senhora da Visitação (SIPA).

bastante adornado. Ai podemos encontrar lindíssimos painéis de azulejos, talha dourada, imagens de santos, retábulos, pinturas a óleo, um púlpito e uma pedra tumular. A padroeira desta igreja é a Nossa Senhora da Visitação.

A igreja da Misericórdia foi construída no ano de 1658 e tem ligações à Capela do Senhor dos Passos que se encontra colocada perpendicularmente a esta.⁸³

É uma igreja relativamente pequena que contem no seu interior uma enorme riqueza, distinguindo-se o coro, um púlpito de talha dourada, imagens de santos, azulejaria, pinturas a óleo e pinturas a fresco.



Figura 2.49- Igreja da Misericórdia (SIPA).



Figura 2.48- Capela do Senhor dos Passos (SIPA).

⁸² BORGES, 1990: p. 70.

⁸³ *Idem*, 1990: p. 75.

A Capela do Senhor dos Passos passa quase despercebida uma vez que se situa junto e perpendicularmente à igreja da Misericórdia.

Pensa-se que a data da sua fundação esteja situada no final do século XVII ou princípios do século XVIII. Nesta igreja só existe

um altar e nele está presente a imagem do Senhor dos Passos datada do século XVII.

Podemos encontrar também um núcleo de pinturas a óleo e um vasto tesouro composto por diversos objetos de prata e de ouro. Além deste importante património, foi concebido um pequeno museu que contem parte do espólio artístico e arqueológico do concelho. O pequeno museu localiza-se "*na nave da Igreja*

da Misericórdia, sacristia e dependências anexas que comunicam com a Capela do Senhor dos Passos." e é composto por peças de várias épocas onde se destaca achados arqueológicos, pedras tumulares, imagens de diversos santos, crucifixos (de marfim e de madeira) e peças de prata, ouro, seda e couro.⁸⁴

A Ermida de Santo António em 1758 já estava aberta ao culto mas não se sabe a data da sua construção.⁸⁵

Os vestígios de pinturas murais remetem para o estilo maneirista.⁸⁶



Figura 2.50- Ermida de Santo António (data desconhecida-<http://vilaalva.blogspot.pt/>).

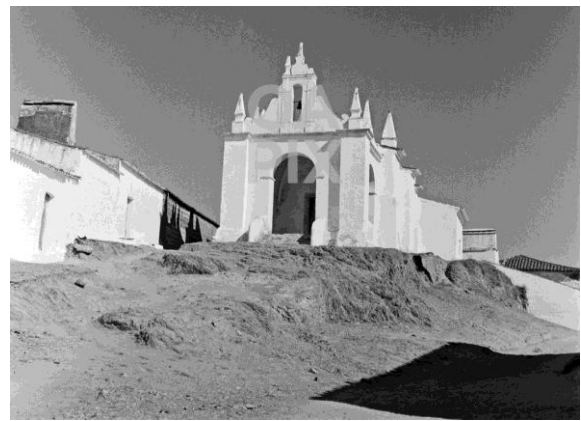


Figura 2.52- Ermida de Santo António: 1955 (<http://www.oapix.org.pt/>).



Figura 2.51- Ermida de Santo António

⁸⁴ BORGES, 1990: pp. 79 - 82.

⁸⁵ *Idem*, 1990: p. 86.

⁸⁶ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4314

2.2. Paisagem envolvente ao aglomerado urbano

A ocupação e conseqüente transformação do território alentejano sucedeu durante milénios deixando várias marcas expressas na paisagem.

Sem dúvida que as duas aldeias são elementos de extrema importância na área de estudo mas claramente que existem outros elementos construídos e naturais que marcam e definem também a paisagem. “(...) a aldeia tem algo de entidade imaginada e mítica, já que a história da sociedade rural se constitui em torno desta forma social, agreste e amena, que marca a paisagem e que, mesmo quando se esvazia de gente, parece lembrar, como testemunho, o microcosmos de gente que lhe deu forma (...)”⁸⁷

As estradas também são elementos introduzidos pelo homem e que marcam a paisagem. As principais rodovias que atravessam esta área são: estrada nacional 258 e 258-1.

Relativamente aos elementos naturais, numa escala mais perceptível, verifica-se com maior detalhe as duas linhas de água, presentes no território, que ajudam a delimitar a área de estudo: a norte, a ribeira de Odivelas e a sul, a ribeira de Malk-Abraham.⁸⁸

Em suma a paisagem envolvente ao aglomerado urbano, observando mais atentamente, percebe-se que existe uma diferença na paisagem entre a freguesia de Vila Ruiva e a freguesia de Vila Alva. Essa diferença existe sobretudo a nível do uso do solo, mais concretamente, da forma como as culturas estão organizadas no território e da sua transformação ao longo do tempo.

Segundo Gonçalo Ribeiro Telles, a forma da paisagem e a biodiversidade são muitíssimo importantes. "A paisagem é mais rica, quanto mais polivalente. A segurança é maior numa paisagem polivalente, do que numa paisagem só com uma valência. Uma polivalência é uma paisagem que tem vinho, seara, rega, pomares..."⁸⁹



Figura 2.53- Vista de Vila Alva sobre a barragem de Albergaria dos Fusos (João Santos).

⁸⁷ Joaquim Pais de Brito citado por João Emílio Alves in Cidades- Comunidades e Territórios, 2004: p. 44.

⁸⁸ PERY, 1883: p.7.

No que diz respeito ao uso do solo fez-se um estudo mais aprofundado. Relativamente à ocupação dos usos do solo, para perceber a sua modificação desde a segunda metade do século XIX até à atualidade, recorreu-se à carta agrícola de 1883 do autor Gerardo Augusto Pery (documento histórico, único e com bastante rigor), a imagens aéreas (ortofotomapa) e a visitas de campo.

Atualmente, na área de estudo, verificam-se diferentes ocupações associadas a distintos usos: eucalipto, sobreiro, azinheira, pinheiro manso, culturas não irrigadas, vinha, olival, pomar, pastagem, milho charca, canal artificial de água e áreas construídas.

Na freguesia de Vila Ruiva os usos do solo que predominam são: o sobreiro, a azinheira, o milho e o olival, já na zona da freguesia de Vila Alva a vinha, o olival e as pastagens ocupam mais o território. Como foi referido antes, observa-se facilmente a diferença de como as culturas estão organizadas entre o território de Vila Ruiva e de Vila Alva, indo de encontro às unidades e subunidades de paisagens referidas anteriormente.

A sudeste da freguesia de Vila Alva, o mosaico que se observa é diferente do mosaico que se vê na freguesia de Vila Ruiva. Trata-se da subunidade 110E possuindo características bastante particulares que são facilmente identificáveis e a diferem da área envolvente. Estamos a falar de um mosaico bastante repartido sendo as áreas existentes de dimensões reduzida. Isto deve-se ao facto da presença de pequenas e médias propriedades.⁹⁰

A carta agrícola de Pery para o concelho de Cuba, apresenta as diferentes utilizações do solo precisamente em 1883. A legenda apresenta 12 convenções: culturas arvenses, vinhas, olivais, chaparral de azinho ou sobro, montado de azinho, montado de azinho e sobro, montado de sobro, pinhais, hortas e pomares, pousios e pastagens naturais, charneca e solo improdutivo.⁹¹

Na área de estudo, em 1883, verificam-se todos os usos do solo referidos acima, exceto duas convenções: chaparral de azinho ou sobro e pinhais. Esta carta além de nos ajudar a perceber a modificação que houve no uso do solo desde 1883 até aos dias de hoje, dá-nos a informação dos limites das herdades e os montes existentes daquela época. O aprofundado estudo de Pery é uma fonte importantíssima que ajuda a perceber e interpretar a paisagem.

Com a ajuda cadastral e com a ajuda do Sr. Manuel delineou-se o limite atual da Herdade do Zambujal e ao observar as cartas de Gerardo A. Pery verifica-se que existiu um aumento territorial da Herdade do Zambujal.

⁸⁹ TELLES, 2004: p.5.

⁹⁰ CANCELA D'ABREU *et al.*, 2004: Volume V, p. 86

⁹¹ PERY, 1883

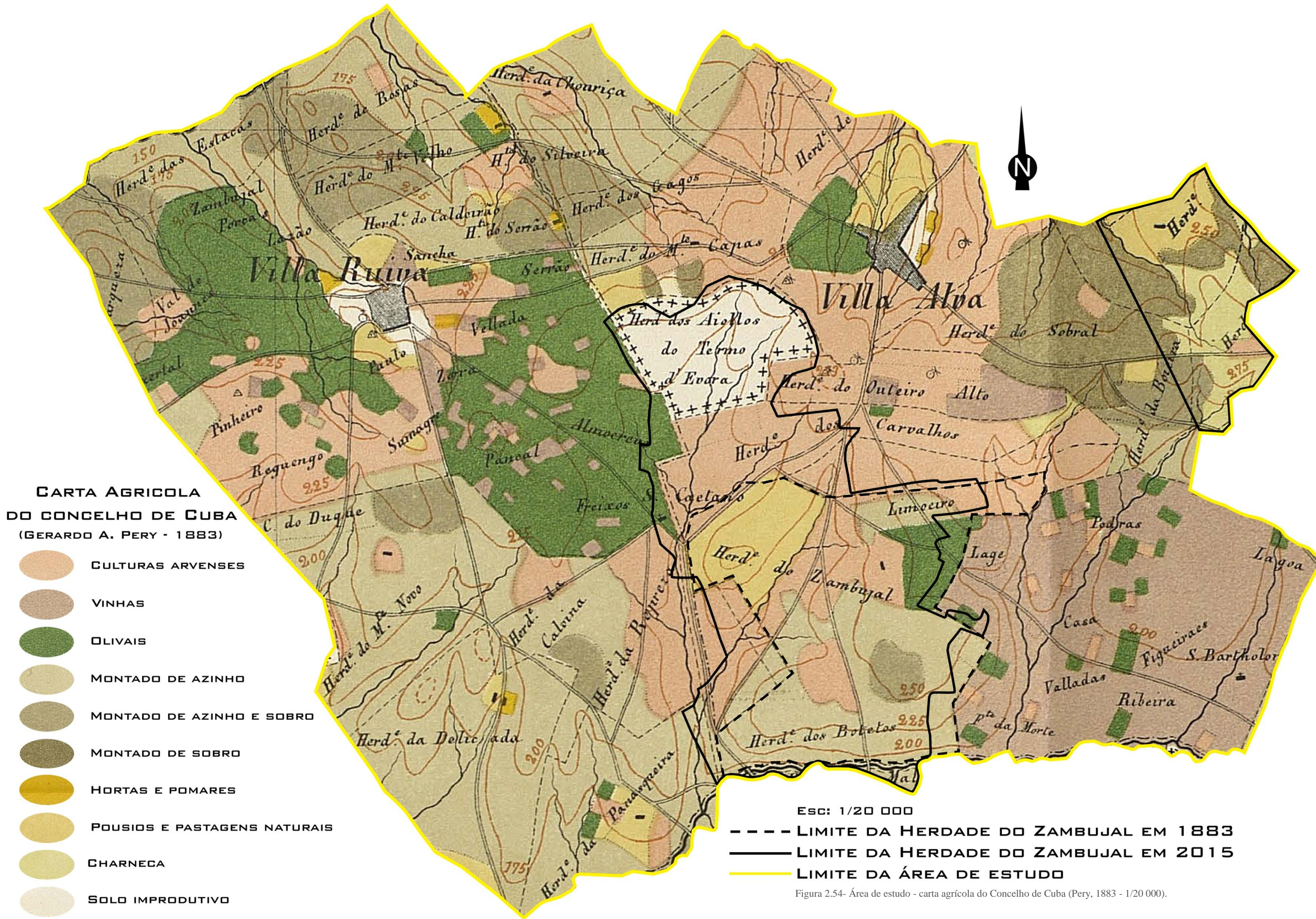


Figura 2.54- Área de estudo - carta agrícola do Concelho de Cuba (Pery, 1883 - 1/20 000).

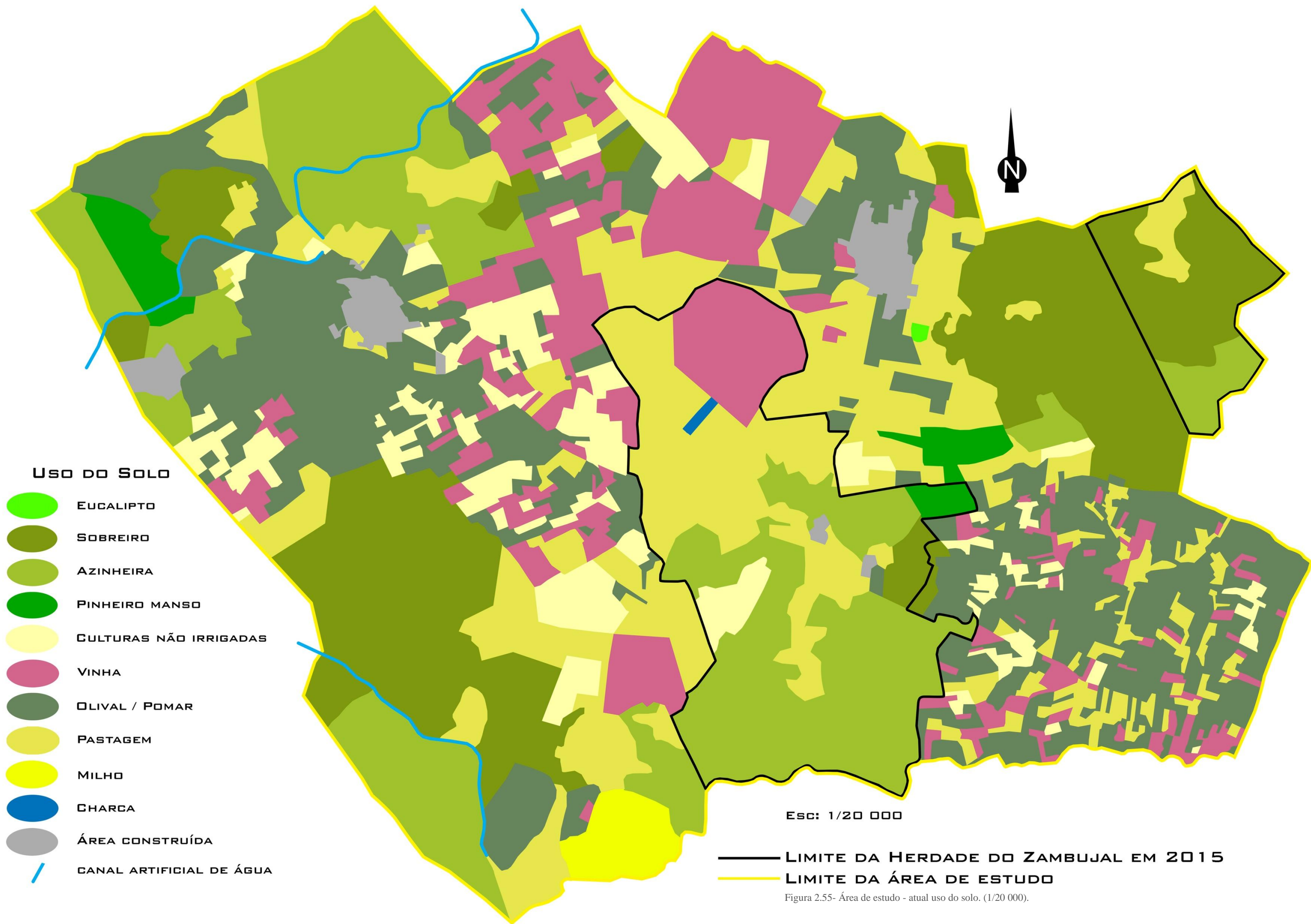


Figura 2.55- Área de estudo - atual uso do solo. (1/20 000).

Comparando a carta agrícola de Pery e a carta de uso atual do solo, verifica-se atualmente, pequenas áreas, de pinheiro manso, de milho e de eucalipto. Em 1883 não existiam estas culturas na área de estudo. Além da introdução destas três culturas, as culturas visíveis em 1883 são basicamente as mesmas da atualidade. A principal transformação é que algumas apresentam atualmente uma forma diferente e em áreas mais pequenas enquanto que outras se expandiram no território.

Outra alteração que se verifica claramente na paisagem são os canais de água que atravessam a área de estudo. Estes canais fazem parte do "Sistema Global de Rega de Alqueva" que é um projeto prioritariamente agrícola e tem como principal objetivo disponibilizar água.⁹²

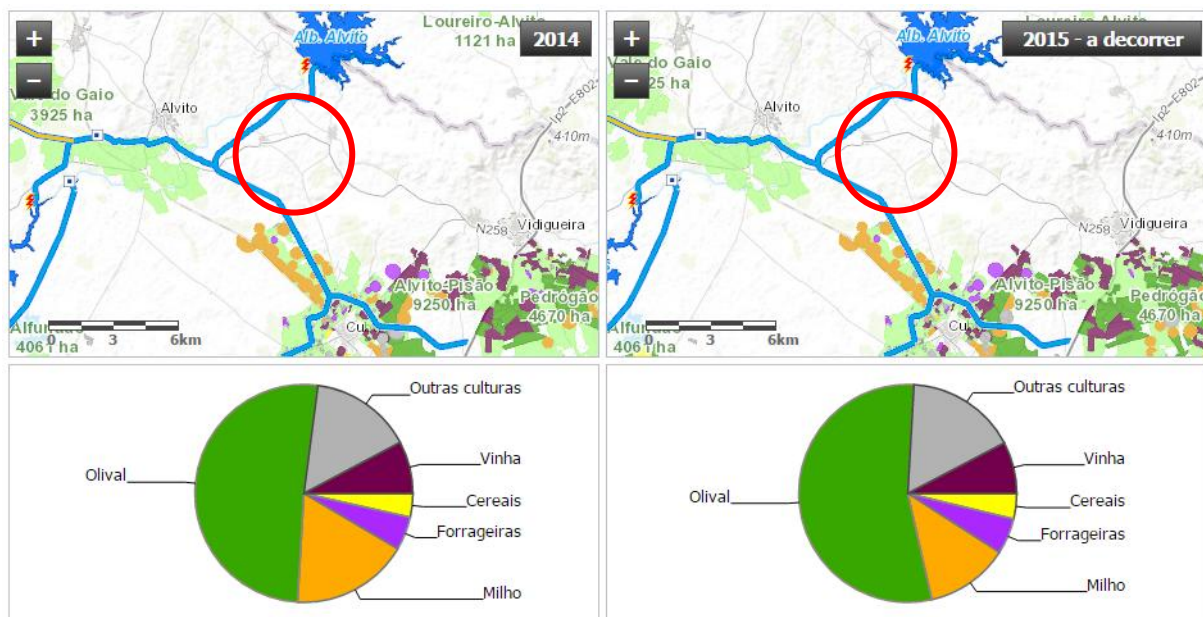


Figura 2.56- "Sistema Global de Rega de Alqueva" - ocupação cultural. (<http://www.alqueva.com.pt/pt/#/regadio/ocupacao-cultural/11>).

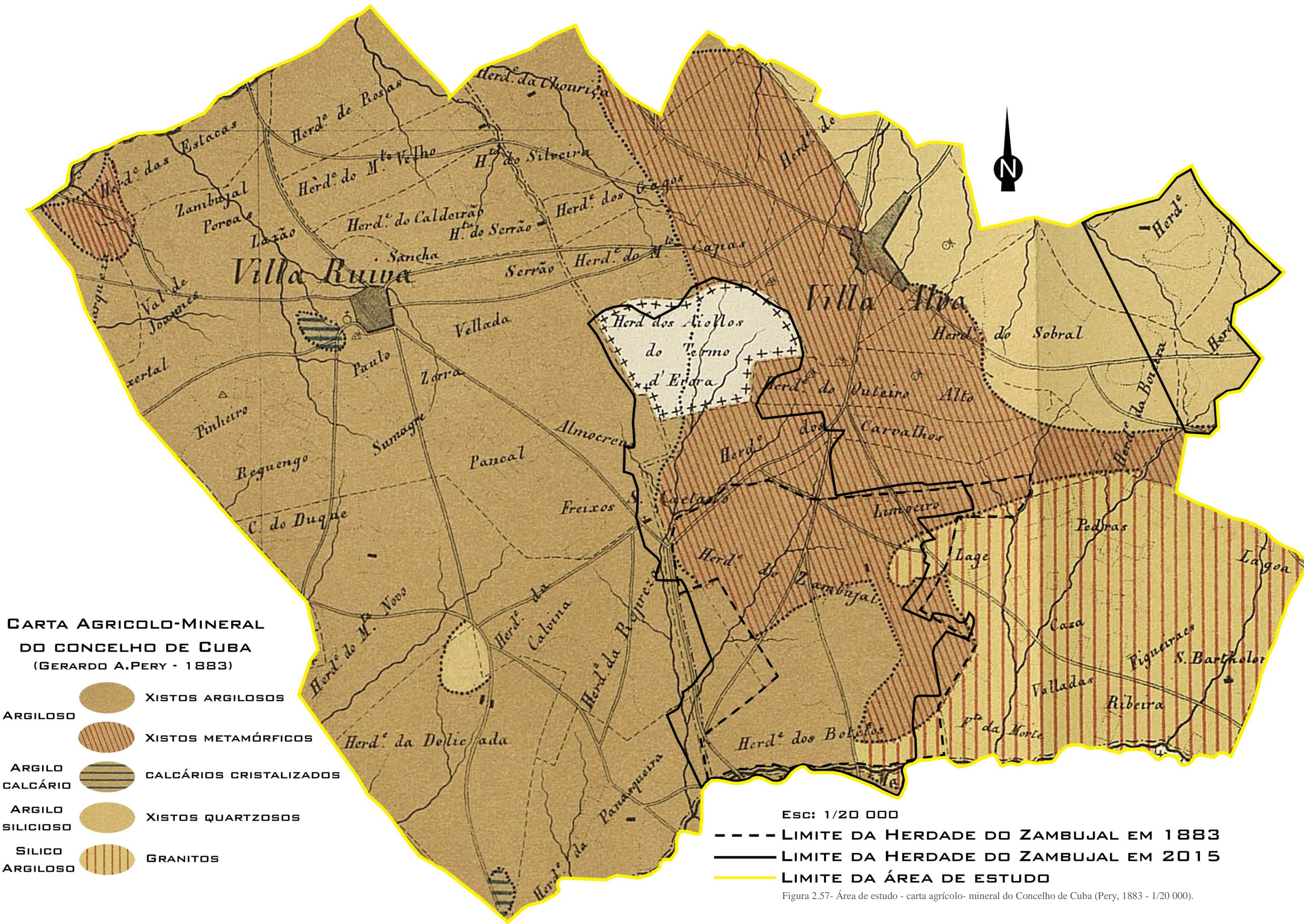
Na figura a cima podemos observar que a área de estudo (circulo vermelho) beneficia pouco deste sistema. Regista-se somente um caso e é bastante recente. Estamos a falar evidentemente da introdução do milho na área de estudo (ver carta de uso atual do solo).

Há também agricultores que recorrem a esta água para encher depósitos e consecutivamente regar as suas culturas ou para matar a sede ao gado.

Por um lado, supondo que esta área beneficiava abundantemente deste sistema, haveriam certamente outras culturas no território (culturas de regadio), contribuindo efetivamente ainda mais para a alteração da paisagem.

Esta situação é já uma realidade na freguesia de Cuba, onde cada vez mais se verificam extensas culturas de regadio irrigadas por enormes pivot.

⁹² <http://www.alqueva.com.pt/pt/#/regadio/sistema-global-de-rega/3>



Esc: 1/20 000

--- LIMITE DA HERDADE DO ZAMBUJAL EM 1883
 ——— LIMITE DA HERDADE DO ZAMBUJAL EM 2015
 ——— LIMITE DA ÁREA DE ESTUDO

Figura 2.57- Área de estudo - carta agrícola- mineral do Concelho de Cuba (Pery, 1883 - 1/20 000).

A carta agrícola-mineral de Gerardo A. Pery permite de uma forma ainda mais clara compreender os limites das herdades em 1883.

Segundo Pery, a constituição geológica do concelho de Cuba é muito idêntica á do concelho de Beja. Na área de estudo verificam-se solos: argilosos (xistos argilosos e xistos metamórficos), argilo calcário (calcários cristalizados), argilo silicioso (xistos quartzosos) e silico argiloso (granitos).⁹³

Observa-se de uma forma muito clara que na freguesia de Vila Ruiva (Sul) predominam os xistos argilosos. Na freguesia de Vila Alva (parte que está incluída na área de estudo) o que prevalece são os xistos metamórficos.

3. HERDADES E MONTES ALENTEJANOS

O modo como um território é povoado indica-nos a forma de como a vida é organizada, moldando consecutivamente a paisagem.⁹⁴ *"O conhecimento do meio geográfico em que um povo se fixou, em que sobreviveu através dos séculos, em que criou uma cultura, no sentido antropológico do termo, e amanhou sua leira com carinhoso e esforçado cultivo, constitui um rico e fecundo património desse povo. De geração em geração, ele transmite, através da escrita e da tradição oral, a expressão de todo o saber acumulado sobre as terras em que aprendeu a semear e a colher, os rios e os mares em que navegou, os caminhos por onde percorreu o terrunho, as cidades que construiu, as indústrias que soube criar, as forças naturais que o seu engenho aproveitou".*⁹⁵

A paisagem alentejana, tal como outras paisagens de Portugal, apresenta características particulares que fazem parte da sua identidade local: *"É o Alentejo de todas as provincias portuguezas a que encerra caracteres individuaes mais typicos."*⁹⁶

Uma das principais exclusividades desta região são as vastas herdades e os típicos montes que saltam à vista de qualquer um, naquela sagrada planície alentejana.

As herdades e os montes alentejanos estão intimamente ligados sendo o monte a habitação de uma herdade. Basicamente o monte é a sede da lavoura praticada na herdade.⁹⁷

⁹³ PERY, 1883

⁹⁴ TELES, 2013: p. 69.

⁹⁵ Santa-Ritta citado por Nuno Lecoq in A Herdade da Contenda. Uma paisagem Única como Paisagem de Referência, 2014: p. 99.

⁹⁶ VIEIRA DE SÁ, 191: p. 59.

⁹⁷ PICÃO, 1947: p. 1.

3.1. Herdades Alentejanas

O que é a herdade?

Herdade: "*s.f. Propriedade rural extensa; grande extensão de terra situada na zona rural.*"⁹⁸

As herdades tendem a constituir explorações agrícolas de enormes dimensões, ainda que existam também existem herdades de dimensões mais reduzidas. Estas estendiam-se até às aldeias.⁹⁹ "*Em geral, os campos do Alentejo, à parte os arredores das povoações, são divididos em grandes tratos de terreno que se denominam herdades.(...) O conjunto de herdades que constituem uma lavoura designa-se por cómodo*"¹⁰⁰

As herdades não surgiram por acaso, ou seja, existem razões subjacentes a este modelo de ocupação e organização do espaço rural alentejano. Os aspetos geográfico e morfológicos do meio ditam a organização.¹⁰¹ Os solos com baixa fertilidade, o clima seco e a carência de água contribuíram para esta organização, explorando extensivamente áreas enormes.¹⁰²

Posto o sistema extensivo em prática que se caracteriza: "*...pela rotação de culturas e utilização de pousio, onde a excessiva exploração do solo poderia reduzir a sua aptidão agrícola.*"¹⁰³ cada herdade era dividida de três a seis parcelas que se semeiam alternadamente. Cada parcela é denominada de *folha* e cada folha subdivide-se em *tornas*.¹⁰⁴

Relativamente à ocupação das herdades, verificavam-se principalmente, e ainda hoje se verificam, os montados (azinho e sobro), pastagens e culturas cerealíferas. "*...as herdades do Alentejo, analisadas de relance sobre um ponto de vista geral, constituem vastíssimos horizontes em que, a par dos arvoredos de azinho e sobro nos terrenos "dobrados" e montuosos, se vêem planícies enormes aplicadas às culturas cerealíferas ou a pastagens para gados manadios.*"¹⁰⁵

Segundo José da Silva Picão, a lavoura é uma exploração agrícola-pecuária existente numa herdade e o seu dono é designado de *lavrador*. Não confundir lavrador com *senhorio* porque o senhorio era o proprietário da herdade.¹⁰⁶

Lavrador: "*s.m. Indivíduo que lavra; quem realiza seu trabalho na lavoura; agricultor.*"¹⁰⁷

⁹⁸ <http://www.dicio.com.br/herdade/>

⁹⁹ TELES, 2013: p. 70.

¹⁰⁰ PICÃO, 1947: p. 1.

¹⁰¹ TELES, 2013: p. 73.

¹⁰² RIBEIRO, 1945: p. 232.

¹⁰³ TELES, 2013: p. 73.

¹⁰⁴ PICÃO, 1947: pp. 4-5.

¹⁰⁵ *Idem*, 1947: p. 3

¹⁰⁶ *Idem*, 1947: p. 1.

Senhorio: "*s.m. Direito de um senhor sobre alguma coisa; mando, autoridade, senhoria.*"¹⁰⁸

Quando surgiu o regime dos latifúndios, os senhorios, ou seja, aos donos das herdades cingiam-se a três classes: "*as ordens religiosas, os titulares e os morgados.*"¹⁰⁹ Evidentemente eram os homens mais ricos e com mais poder que possuíam centenas e centenas de hectares e lucravam com a sua exploração extensiva.¹¹⁰

Hoje em dia qualquer pessoa pode ser proprietária, independentemente de qualquer camada social, possuindo ou não qualquer tipo de poder.

Quanto à sua dimensão, evidentemente que havia e há herdades muito grandes, médias e pequenas. As maiores eram apelidadas de *defesa* e as mais pequenas de *malatecas* ou *charaviscas*. Todas as herdades, independentemente da dimensão são limitadas e separadas por *linhas* ou *extremas*.¹¹¹ "*No Alentejo há herdades de 20.000 ha e, em muitos sítios, a propriedade tende ainda a concentrar-se.*"¹¹²

As herdades possuem nomes próprios associados muitas vezes ao nome dos primeiros proprietários: "*...os Falcatos; a do Brito; a do Chaves, a do Pinto...*". Por vezes já bastante alterados do nome original: "*...Meimoas por Amimoas; Álvaro Anes por Alvaranha; Cochixola por Quexola.*" Por outro lado existem também herdades que adotaram o diminutivo de herdades vizinhas: "*...Alcobaça, Alcobacinha; Paço, Passinho; Cangoas, Cagoinhas...*". Acontece também haver herdades juntas com o mesmo nome: "*...Pereira de Cima, Pereira de Baixo, Abegoaria de Cima, Abegoaria de Baixo...*".¹¹³



Figura 3.1- Herdade do Esporão - Reguengos de Monsaraz (<http://esporao.com/herdade-do-esporao/mapa/>).

¹⁰⁷ <http://www.dicio.com.br/lavrador/>

¹⁰⁸ <http://www.dicio.com.br/senhorio/>

¹⁰⁹ PICÃO, 1947: p. 6.

¹¹⁰ PORTAS, 1967: p.56.

¹¹¹ PICÃO, 1947: pp. 4-5.

¹¹² RIBEIRO, 1945: p. 120.

¹¹³ PICÃO, 1947: p. 2.

3.2. Montes Alentejanos

O que é o monte?

*"Corresponde, regra geral, a uma edificação ou um conjunto de edificações associadas a uma mesma exploração agrícola, como ocorre do Baixo Algarve às serras a ocidente, ou do Alentejo à serra de Aracena, na região vizinha espanhola da Andaluzia."*¹¹⁴

O monte é uma forma de povoamento de uma área rural e é sem dúvida uma das marcas mais importantes deixada pelos nossos antepassados na paisagem alentejana. *"O tradicional monte alentejano é um tipo de habitat constituído, pelo menos até finais dos anos 70, por estruturas arquitectónicas detentoras, em muitos casos, de um património vernáculo inigualável."*¹¹⁵

Segundo Orlando Ribeiro destacam-se duas formas de povoamento na morfologia do povoamento alentejano: a aldeia e o monte. Na aldeia o povoamento é mais concentrado, sendo este de menor ou maior dimensão e tem uma função habitacional. O monte também tem essa função mas o que domina é a função agrícola. Dependendo do seu tipo, o monte pode adquirir diversas dimensões para albergar os seus habitantes/ trabalhadores.¹¹⁶

*"O património rural construído é uma das expressões mais evidentes desta identidade, sendo quase sempre reservado para a sua descrição um espaço à parte dos temas privilegiados de caracterização da arquitetura vernacular do Baixo Algarve ou do Alentejo."*¹¹⁷

3.2.1. Evolução histórica

*"A Arquitectura Popular do Alentejo é também paisagem cultural. A sua ligação à terra, com geometrias fortemente horizontalizadas, num aconchego terno e silencioso faz dela e da envolvente uma exaltação poética. A sua serenidade e limpidez torna-a etérea, quase cósmica. É profundamente solitária estando todavia acompanhada. A sua riqueza é a sua singeleza, não haverá muita expressão arquitectónica em que o quase nada em termos formais possa representar tanto. Estas meia metáforas são paradigma para a sua narração enquanto obra arquitectónica de Mestres anónimos"*¹¹⁸

¹¹⁴ COSTA in Materiais, Sistemas e Técnicas de Construção Tradicional, 2007: p. 24.

¹¹⁵ MASCARENHAS *et al.*, 2014: p. 2.

¹¹⁶ TELES, 2013: p. 69.

¹¹⁷ COSTA, 2008: p. 8.

¹¹⁸ MESTRE *et al.*, citado por Mascarenhas *et al.*, in O monte alentejano na encruzilhada do tempo, 2014: p. 5.

A atual identidade do monte alentejano resultou de diversos ciclos históricos e económicos ao longo de décadas. O monte alentejano traduz uma sequência de intervenções do mesmo lugar ao longo de diversas gerações.

A chegada dos romanos veio trazer uma nova realidade social, económica e territorial. O grande exemplo disso são as *Villas*, ou vilas romanas que foram construídas sobre edificações já existente. As vilas romanas "*são grandes unidades produtivas, organizadas como uma pequena urbe, a partir de um núcleo central, constituído pela casa-pátio e pelas diversas dependências agrícolas, como também pelos banhos e construções com fins lúdicos.*"¹¹⁹

Segundo Orlando Ribeiro, a romanização contribuiu para uma significativa transformação na paisagem e no quotidiano das populações. A herdade alentejana corresponde ao latifúndio romano e o monte corresponde à *villa rústica*.¹²⁰

Com a chegada dos muçulmanos, surgiram outras formas de habitar o espaço privado e as urbes ganharam uma nova imagem. As casas-pátio são o grande exemplo de aproveitar o espaço privado exterior.¹²¹

O período medieval cristão veio trazer alterações significativas a nível do território, principalmente com a formação da grande propriedade. Deu-se início a uma ocupação individualista da terra onde os terrenos eram divididas por morgadios, coutos reais e principalmente por terrenos ofertados pela Casa Real às ordens religiosas.¹²² "*Antigamente os donos das herdades resumiam-se, a bem dizer, nas três classes predominantes: as ordens religiosas, os titulares e os morgados.*"¹²³ Associada a esta organização surge a "paisagem militarizada", onde o território era ocupado estrategicamente e defendido por pequenos castelos e atalaias.¹²⁴

Os séculos XV e XVI foram determinantes para a evolução dos famigerados montes alentejanos.

Aqui as cidades foram redesenhadas com base no "estilo manuelino" e os montes também foram alvo de alterações significativas, já que "*...as casas dos montes recebem*

¹¹⁹ MESTRE, 2009: p. 2.

¹²⁰ RIBEIRO, 1945: p. 89.

¹²¹ MESTRE, 2009: p. 3.

¹²² *Idem*, 2009: p. 3

¹²³ PICÃO, 1947: p. 6.

¹²⁴ TELES, 2013: p. 109.

melhoramentos ou são neste período erguidas e tornam-se nalguns casos moradas sazonais de prolongadas estadias."¹²⁵

Outro período em que se verificou um grande desenvolvimento nos montes foi após o primeiro quartel do século XVI, surgindo uma nova linguagem renascentista que teve como consequência o reforço da "arquitetura nacional". *"Contudo ao permanecerem os volumes acentuadamente horizontalizados, austeros e proporcionados, em função das coberturas muito abatidas, manteve-se uma certa expressão unificadora da nossa tradição. Mais tarde, George Kubler haveria por designá-la por "Arquitectura Chã" ("Portuguese Plain Architecture").*"¹²⁶

A Restauração da Independência não veio só renovar a imagem do monte como também contribuiu para a sua reconstrução absoluta em alguns casos. Foi neste período que lhes foram introduzidas as capelas e os enormes salões com lareira de cantaria. *"Esta nova realidade ilustrada pelo "Barroco Rural" será porventura aquela que consagrou a forma e a expressão da maioria dos actuais montes, principalmente aqueles que foram construídos de raiz nesse período ou inclusivamente já no dobrar do séc. XVIII para o séc. XIX. Quanto aos que apenas foram ampliados ou redesenhados mantêm ainda memórias anteriores, reintegradas de forma oculta ou ainda timidamente visíveis, revelando na sua tipologia adições consecutivas, na senda da longa tradição acumulativa.*"¹²⁷

Depois das invasões francesas, o liberalismo singrou em Portugal, resultando na extinção das ordens religiosas e na alteração do regime predial que remete para uma mudança em termos políticos e económicos.¹²⁸

No século XX (década de 30), o Estado Novo e as políticas promovidas por este, marcam claramente o território e a vida rural alentejana levando a uma crise económica nos anos 60 e 70. *"A utopia de uns e o oportunismo de muitos, nascidos na cidade e fortemente politizados, ocupam também algumas casas dos montes contribuindo para a sua degradação e perda de muito património móvel, bem como de alfaiais e artesanato de grande relevância cultural.*"¹²⁹

¹²⁵ MESTRE, 2009: p. 4.

¹²⁶ *Idem*, 2009: pp. 5- 6.

¹²⁷ *Idem*, 2009: pp. 5- 6.

¹²⁸ TELES, 2013: p. 110.

¹²⁹ MESTRE, 2009: p. 10.

A chegada do 25 de Abril de 1974 trouxe causou muitíssimas mudanças a diversos níveis, inclusive nos montes e sobretudo nas ocupações das herdades.¹³⁰

3.2.2. Tipos de montes alentejanos

Os montes podiam variar tanto na construção como na sua capacidade.

Segundo José da Silva Picão eram divididos em cinco classes.

Os montes que se inserem na primeira classe são os mais ostentados e os mais antigos. Os que eram mais abastados, normalmente os maiores, tinham capela e em tempos capelão. *"...aparência acastelada, solarengos, com torres e ameias, de dois andares, cercados por alto muro, que deixa de permeio o pátio de entrada."*¹³¹

Os montes de segunda classe não são tão ostentados como os da primeira classe mas são os mais confortáveis e possuem uma enorme capacidade de alojamento. Apresentam uma arquitetura mais moderna. *"«Cómodos» há deste género cuja superioridade em alojamentos é manifesta sobre os outros (...) denotam no seu todo uma feição mais alegre e moderna. Compõem-se geralmente de casas altas e baixas, com janelas e portados rectangulares, sem que em volta os resguarde qualquer espécie de muro."*¹³²

Relativamente aos montes de terceira classe inserem-se aqueles onde a respetiva capacidade de alojar é inferior aos montes de primeira e segunda classe. Independentemente de serem mais debilitados a nível de acomodação, estes apresentam alojamento suficiente para uma lavoura razoável/ média. *"...Com pátio murado ou sem ele, uns ao rés-do-chão, e outros com sobrados, possuem em geral alojamento suficiente para uma lavoura mediana."*¹³³

A estrutura do monte dependia muito dos proprietários. Se o proprietário fosse muito rico eventualmente o edifício seria mais ostentado, o seu investimento seria consoante a sua riqueza ou consoante a imagem que queria fazer passar para o exterior.¹³⁴

Por fim, os montes de quarta classe são montes que oferecem poucas casas (casas térreas), ou seja, oferecem o necessário para fazer uma lavoura pequena. *"...os de poucas casas ao rés-do-chão, em número restrito ao indispensável a uma lavoura relativamente pequena."* enquanto que os montes de quinta classe são designados de montarecos e normalmente quem os habitava eram os guardas, os pastores, os caseiros entre outros. Eram compostos de três a seis

¹³⁰ MESTRE, 2009: p. 10.

¹³¹ PICÃO, 1947: p. 12.

¹³² *Idem*, 1947: p. 12.

¹³³ *Idem*, 1947: p. 12.

¹³⁴ MASCARENHAS *et al.*, 2004: p. 4.

casas baixas. "(...) os dos três a seis casitas baixas, incluindo dependências..., estes montarecos habitam-nos os guardas, pastores, caseiros, etc."¹³⁵



Figura 3.2- Divisão Sub-regional da zona 5 segundo o professor Amorim Girão, 1961 (Teles, 2013: p. 92).

No século XX surge uma obra importantíssima sobre a arquitetura vernacular portuguesa: a *Arquitetura Popular em Portugal (1955-1960)* que resultou do Inquérito à *Arquitetura Regional Portuguesa*. "Trata-se de um extenso trabalho de investigação e de trabalho de campo, acerca das tipologias da arquitetura habitacional popular tradicional, bem como da morfologia dos povoados, urbanos e rurais, do qual resultaram vários levantamentos desenhados e fotográficos."¹³⁶

Os arquitetos Frederico George, António

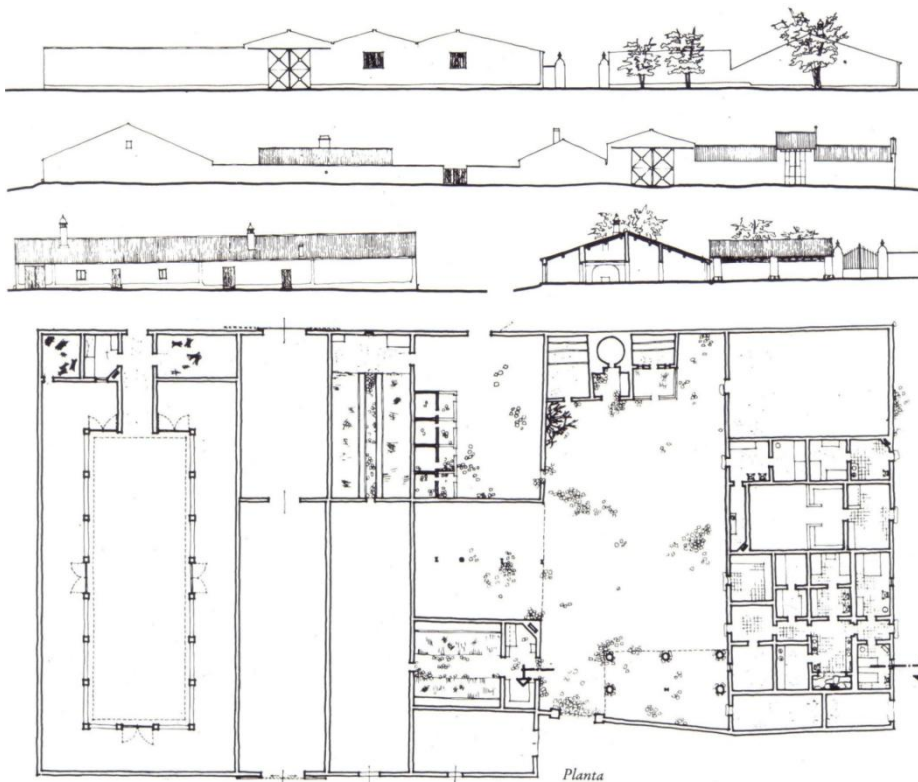


Figura 3.3- Exemplo de um Levantamento da Zona Campo de Beja - Monte da Diabrória Beja. Na zona Campo de Beja está localizado o monte do Zambujal - caso de estudo (Teles, 2013: p. 97).

Azevedo Gomes e Alfredo da Mata Antunes foram os responsáveis pela área do Alentejo (Zona 5 do Inquérito). Esta equipa observou dois grandes grupos de construções: o monte (construção isolada) e a casa da aldeia (aglomerados populacionais).¹³⁷

Posteriormente

¹³⁵ PICÃO, 1947: p. 12.

¹³⁶ TELES, 2013: p. 91.

¹³⁷ *Idem*, 2013: p. 91-93.

dividiram a Zona em Sub-Zonas de modo a explorarem a arquitetura de cada uma Sub-Zona: Areias, Barros, Borba, Plataforma de Évora, Campo de Beja, Além- Guadiana e Ribatejo do Norte.

Mais tarde, o arquiteto Jorge Cruz Pinto diferenciou cinco situações de montes no Alentejo:

"- *construções simples de carácter nuclear;*

- *isolada no contexto natural;*

- *situações de fileiras (ou em correnteza);*

- *articulações aditivas;*

- *e aglomerado de formação mais complexa, de carácter quase urbano.*"¹³⁸

As figuras que se seguem são exemplos das cinco situações identificadas.

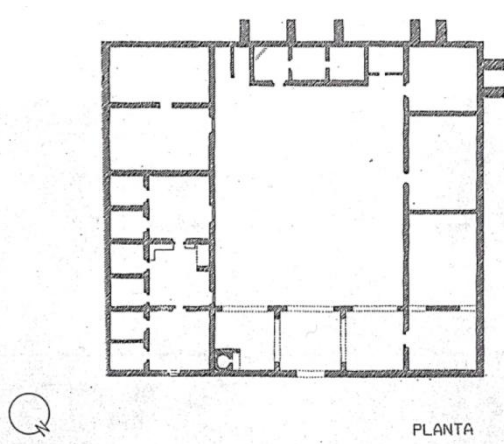


Figura 3.5- Construção simples de carácter nuclear, Monte da Quintinha, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).

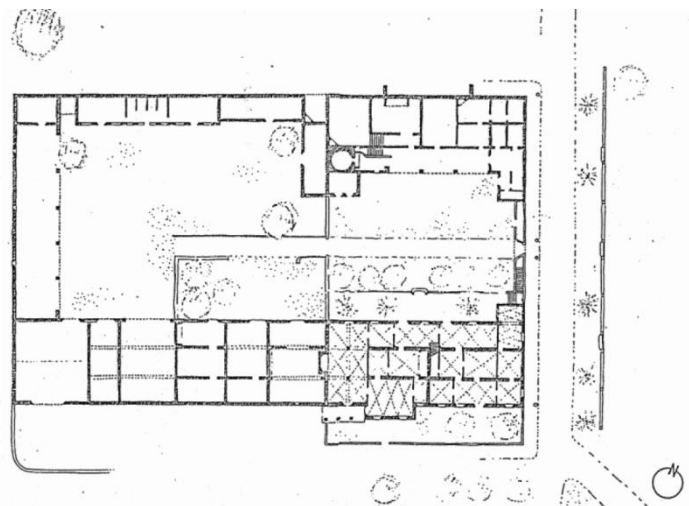


Figura 3.4- Construção isolada no contexto natural, Monte das Aldeias, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).

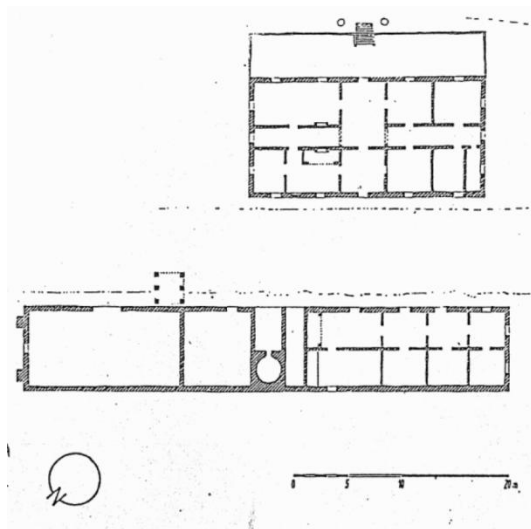


Figura 3.6- Construção em fileiras (ou em correnteza), Monte da Herdade Grande, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).

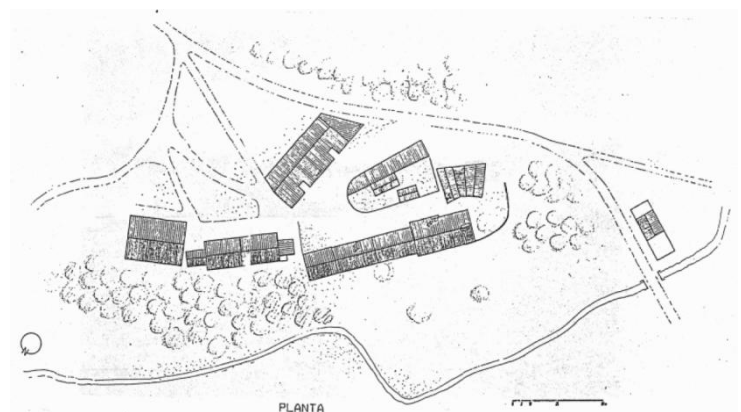


Figura 3.7- Construções de articulações aditivas, Monte das Cortes, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).

¹³⁸ TELES, 2013: p. 100.

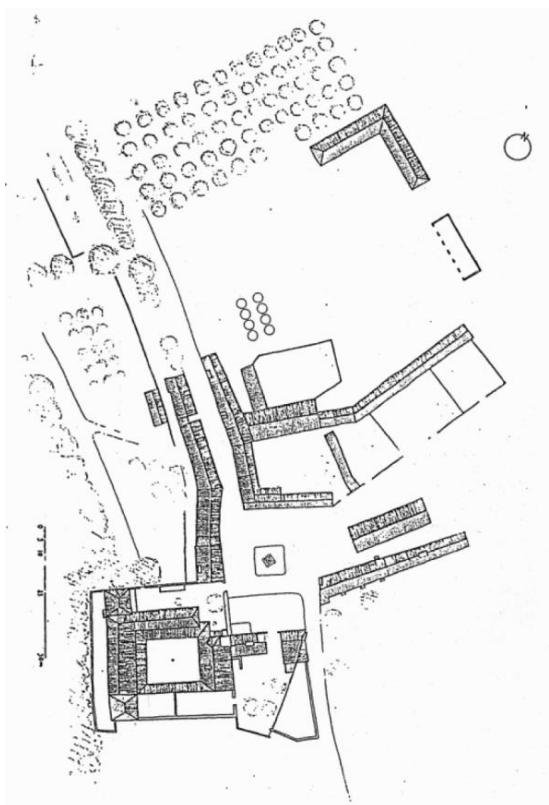


Figura 3.9- Construção em aglomerado de formação mais complexa, de carácter quase urbano, Monte de Água de Peixes, Alvito (Teles, 2013: p. 101).



Figura 3.8- Conjunto edificado da Herdade do Solar de Água de Peixes (Simões, 2015: p. 299).



Figura 3.10- Fotografia aérea (Google Earth).

Esta construção localiza-se, sensivelmente, a 6 km da aldeia de Vila Ruiva.

A quinta com o solar quinhentista de Água de Peixes está localizada no concelho de Alvito, distrito de Évora. Pertenceu à Casa de Bragança e posteriormente aos Duques de Cadaval ocupando uma posição central na Herdade de Água de Peixes. "IIP - Imóvel de Interesse Público, Decreto nº 23 122, DG, 1ª série, nº 231 de 11 Outubro 1933. O Solar/ Paço de Água de Peixes/ Palácio dos Duques de Cadaval classificado como MN - Monumento Nacional, Decreto nº 5/2002, DR, 1ª série, nº 42 de 19 Fevereiro 2000."¹³⁹

¹³⁹ SIMÕES, 2015: p. 161.

3.2.3. Organização espacial

O monte, disperso geograficamente por toda a região alentejana, ao longo dos séculos foi-se transformando, ampliando-se, modernizando-se e adquirindo frequentemente uma hierarquização social e arquitetónica ao longo do tempo.¹⁴⁰ O tijolo, a cal e a taipa eram os materiais de construção mais utilizados na zona.¹⁴¹

Segundo Picão, os montes traduzem o fruto de todo o trabalho que lá é praticado, como por exemplo os melhores produtos que a terra lhes dá e a favorável criação de gado. As construções dos montes alentejanos adaptam-se às vilas ou aldeias, sendo compostos por: habitações para uso doméstico; inúmeras casas para determinados fins e diversas dependências exteriores. Relativamente às dependências existentes num monte, aparecem três grandes grupos: a casa de habitação (exclusivamente destinada ao lavrador e à sua família que compreende a casa de entrada, quartos, dispensa, cozinha, amassaria, sala de jantar, etc), as acomodações agrícolas e pecuárias (inclusive a casa dos assalariados) e os arredores.

As acomodações agrícolas e pecuárias, abrangem a casa de rações, celeiros, queijaria, forno, casa de lã, cavalariças, palheiros, cocheira, atafona, casinha dos ganhões, casinha do abegão, loja dos ferreiros, galinheiro, casa dos pintos, chiqueiro, cabanas, curral, entre outros.¹⁴²

Quanto aos arredores dos montes alentejanos, são zonas fundamentais para as práticas agrícolas e pecuárias, onde podemos encontrar a eira, o poço, os chafarizes, as malhadas dos porcos, o bardo das cabras, a quinta, a horta ou o quinchoso.¹⁴³ *"N'elles se encontra o pequeno solar do lavrador, a habitação dos creados da lavoura e as restantes dependencias de que necessita uma casa d'esta ordem. Muito proximo d'elles existe um recinto fechado constituindo a tapada, e a horta quase sempre n'um nivel inferior e n'um ponto aonde existe a agua, senão á farta, pelo menos a sufficiente para as necessidades da rega."*¹⁴⁴

Segundo João Alberto Correia, a área principal do monte era onde as atividades diurnas se desenvolviam (cozinha). Os quartos, estavam diretamente ligados à cozinha e apresentavam dimensões reduzidas. Por norma existiam só um ou dois quartos.¹⁴⁵

¹⁴⁰ SIMÕES, 2015: p. 329.

¹⁴¹ TELES, 2013: p. 113.

¹⁴² PICÃO, 1947: pp. 15 - 21.

¹⁴³ *Idem*, 1947: pp. 21 - 23.

¹⁴⁴ VIEIRA DE SÁ, 1911: pp 64 - 65.

¹⁴⁵ TELES, 2013: p. 102.

3.3. Montes existentes na área de estudo

Os montes existentes na área de estudo são: Monte das Rosas, Monte Velho, Monte Palma, Monte da Panasqueira, Monte da Chouriça, Monte da Silveira, Monte do Serrão, Monte da Granja e Monte do Zambujal.

Os que se encontram na freguesia de Vila Ruiva (Sul) são: Monte das Rosas, Monte Palma e Monte da Panasqueira. O Monte da Delicada segundo as cartas de Pery localizava-se também nesta freguesia em 1883. Hoje só resta a ruína da habitação.

Os Monte que estão habitados são: Monte da Panasqueira e o Monte Palma.

Na freguesia de Vila Alva, os montes presentes na área de estudo são: Monte da Chouriça, Monte da Silveira, Monte do Serrão, Monte Velho, Monte do Zambujal e Monte da Granja. Tal como o Monte da Delicada, segundo Pery, o Monte da Granja localizava-se na área de estudo e atualmente está em ruínas. Os que atualmente estão habitados são: o Monte da Chouriça e o Monte do Zambujal.

Como os montes são casas de habitação nas herdades, tem o mesmo nome da sua herdade, por exemplo: Monte da Chouriça, Herdade da Chouriça; Monte Velho, Herdade do Monte Velho. *"Um dos característicos mais notáveis da província transtagana, são os montes, isto é, as casas de residência nas herdades, que simultaneamente e por via de regra se aplicam também a sedes das lavouras que se exploram nas mesmas herdades."*¹⁴⁶

Podemos observar na figura abaixo, duas herdades delimitadas e o seu respetivo monte.



Figura 3.11- Extrato da carta agrícola do Concelho de Cuba (Pery, 1883).

¹⁴⁶ PICÃO, 1947: p. 11.

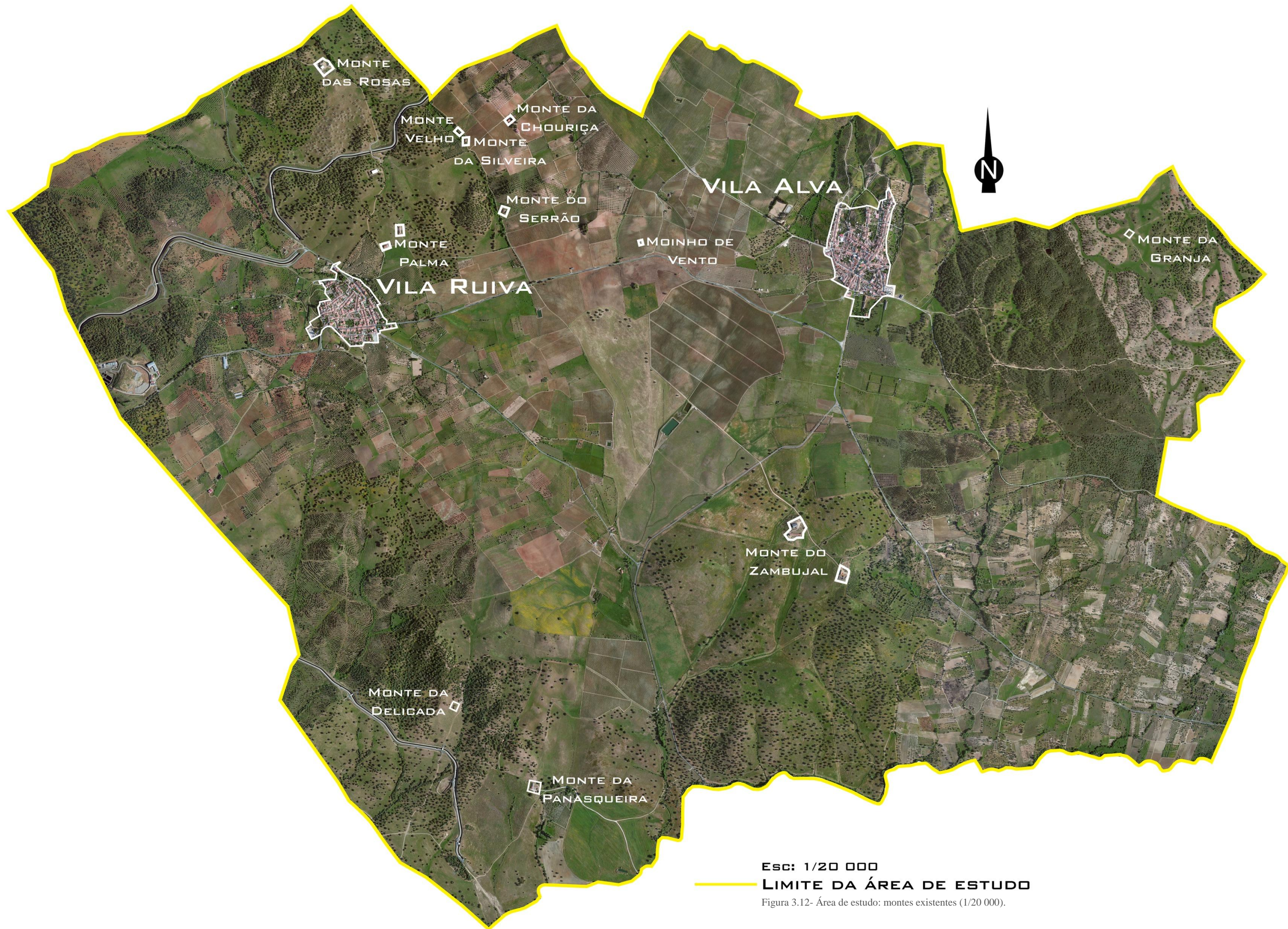


Figura 3.12- Área de estudo: montes existentes (1/20 000).

4. CASO DE ESTUDO - Herdade e Monte do Zambujal

4.1. Herdade do Zambujal

"Pelo Alentejo, ao longo de mais de 5000 anos, que as particularidades da região, como o clima, a riqueza mineralífera e a rede hidrográfica, favoreceram a sedentarização de vários povos, com hábitos e características diferentes, que cedo lhe deram uma diversidade cultural marcante."¹⁴⁷

A Herdade do Zambujal localiza-se na freguesia de Vila Alva e está dividida em duas partes.

Uma das suas partes faz fronteira com a freguesia de Vila Ruiva (Sul) e é a parte maior e mais antiga da herdade.

A principal linha de água verificada na herdade é a ribeira Malk-Abraham (atualmente conhecida como a ribeira de Malcabrão).

Através dos limites visíveis na imagem ao lado, é perceptível o

aumento que a herdade teve deste 1883 até à atualidade.

O limite a tracejado representa a herdade do Zambujal em 1883, segundo Pery e a sua área tem cerca de 259 ha.

A linha contínua representa o atual limite. Este foi delimitado com a ajuda do cadastro e segundo o Sr. Manuel (atual manajeiro).¹⁴⁸

Como podemos observar a herdade do Zambujal está dividida em duas áreas. A área onde se encontra o monte tem cerca de 433 ha e a outra área mais pequena tem cerca de 105 ha.

Em suma, a área total da herdade do Zambujal tem sensivelmente 538 ha.

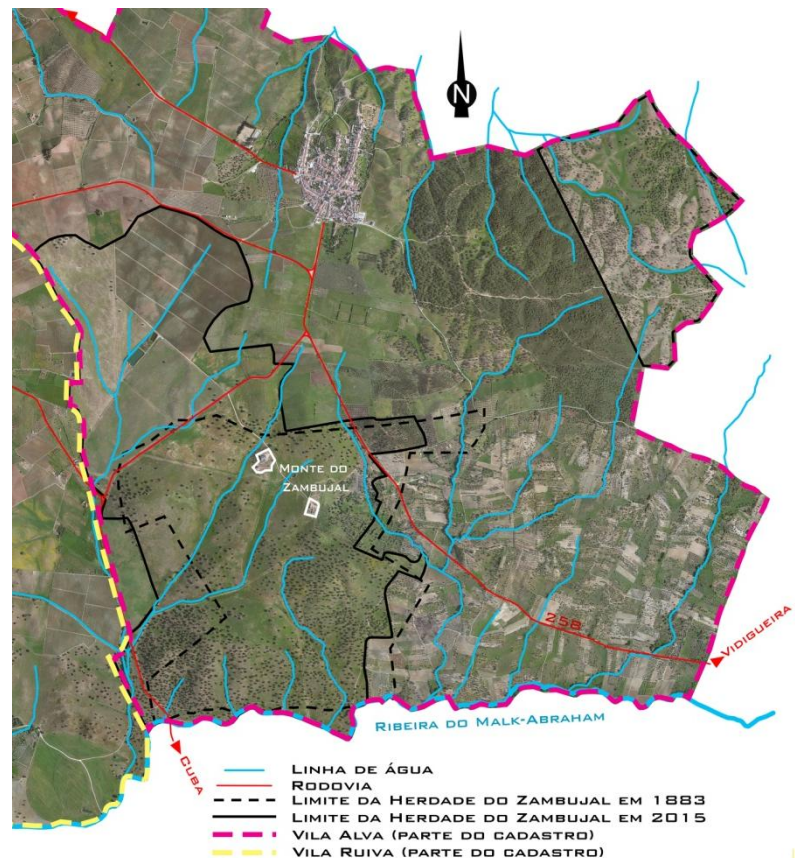


Figura 4.1- Limites da herdade do Zambujal

¹⁴⁷ TELES, 2013: p. 125.

¹⁴⁸ Ver anexo IV (Questionário)

"Os povos "emigrantes" desde logo estabeleceram contactos e comunicações, fundando uma profunda humanização da paisagem. Assim, as vias de comunicação são elementos particulares e importantes de estudo, que fazem parte de um todo."¹⁴⁹

As linhas estruturantes da paisagem são linhas que definem e organizam o território.

Na área de estudo foi identificado dois tipos de linhas estruturantes: as naturais (linhas de água) e as

introduzidas pelo homem (canal artificial de água e toda a rede viária).

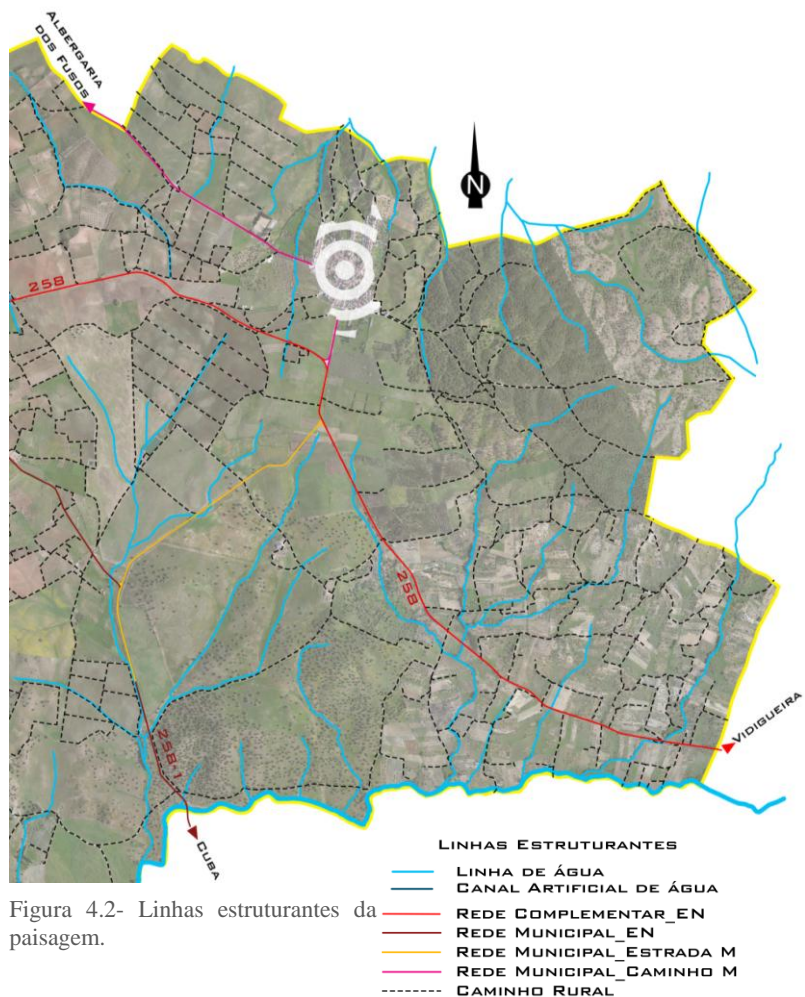


Figura 4.2- Linhas estruturantes da paisagem.

Toda a rede viária foi introduzida com um propósito extremamente importante uma vez que faz a ligação entre os povoados concentrados e os dispersos, os montes.

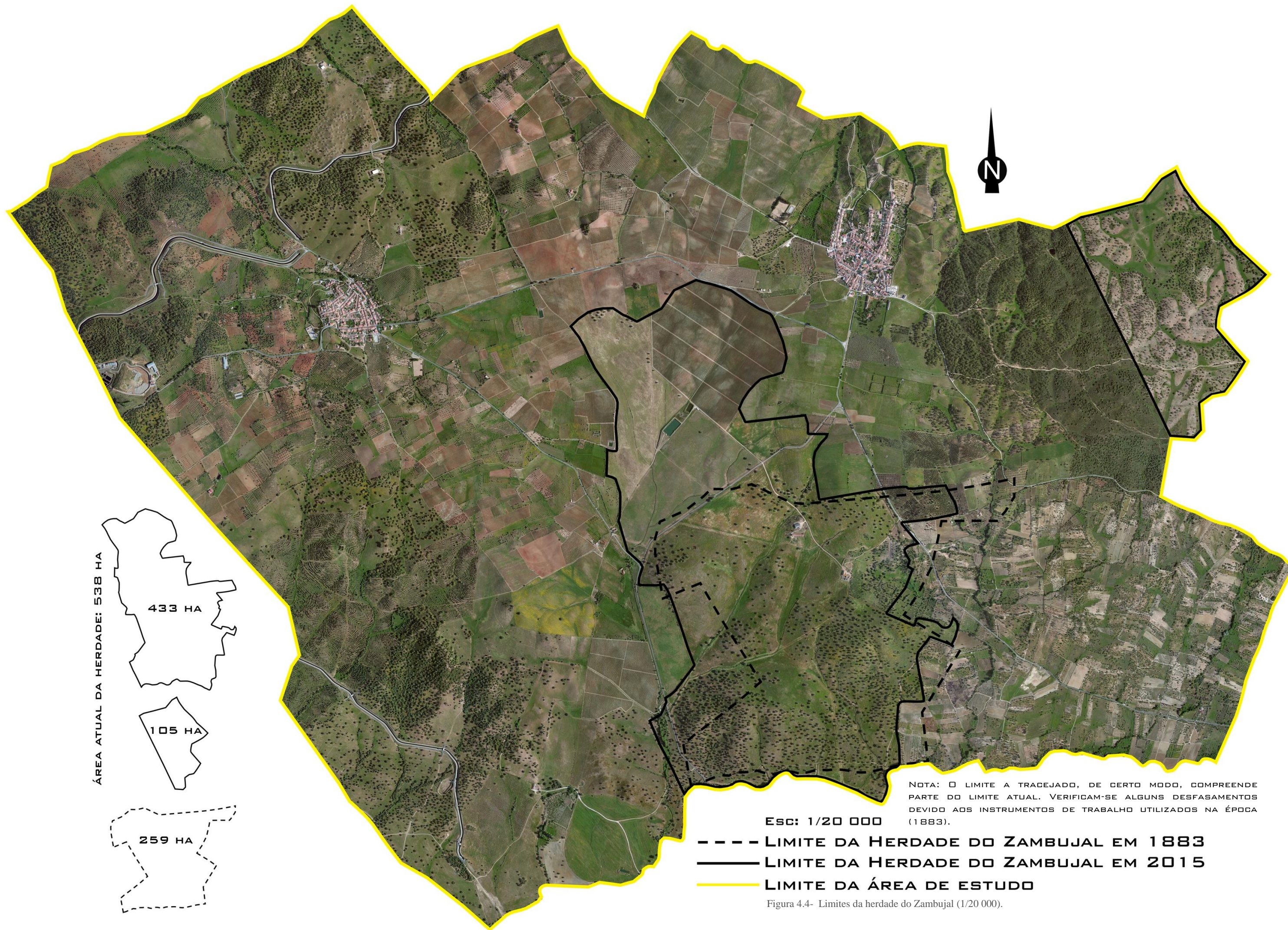
Ao observarmos a imagem a cima podemos ver a complexidade desta rede. Além de caminhos rurais, existe uma estrada municipal (amarelo torrado) que atravessa a herdade do Zambujal.

Normalmente os caminhos rurais são acompanhados por uma vedação que é composta por estacas de madeiras juntamente de arame farpado. Estas vedações não só ajudam a definir o limite do caminho, como servem para controlar o gado e separar as diferentes culturas.



Figura 4.3- Esboço de um caminho (Teles, 2013: p. 128).

¹⁴⁹ TELES, 2013: p. 125.



ÁREA ATUAL DA HERDADE: 538 HA

433 HA

105 HA

259 HA

NOTA: O LIMITE A TRACEJADO, DE CERTO MODO, COMPREENDE PARTE DO LIMITE ATUAL. VERIFICAM-SE ALGUNS DESFASAMENTOS DEVIDO AOS INSTRUMENTOS DE TRABALHO UTILIZADOS NA ÉPOCA (1883).

Esc: 1/20 000

- LIMITE DA HERDADE DO ZAMBUJAL EM 1883
- LIMITE DA HERDADE DO ZAMBUJAL EM 2015
- LIMITE DA ÁREA DE ESTUDO

Figura 4.4- Limites da herdade do Zambujal (1/20 000).

Ao longo do trabalho foram realizados diversos questionários que foram essenciais para perceber determinados aspetos relacionados, não só com a alteração da paisagem, mas também com a história do herdade e do monte do Zambujal.

Posto isto, foi possível esboçar uma espécie de árvore genealógica da herdade.

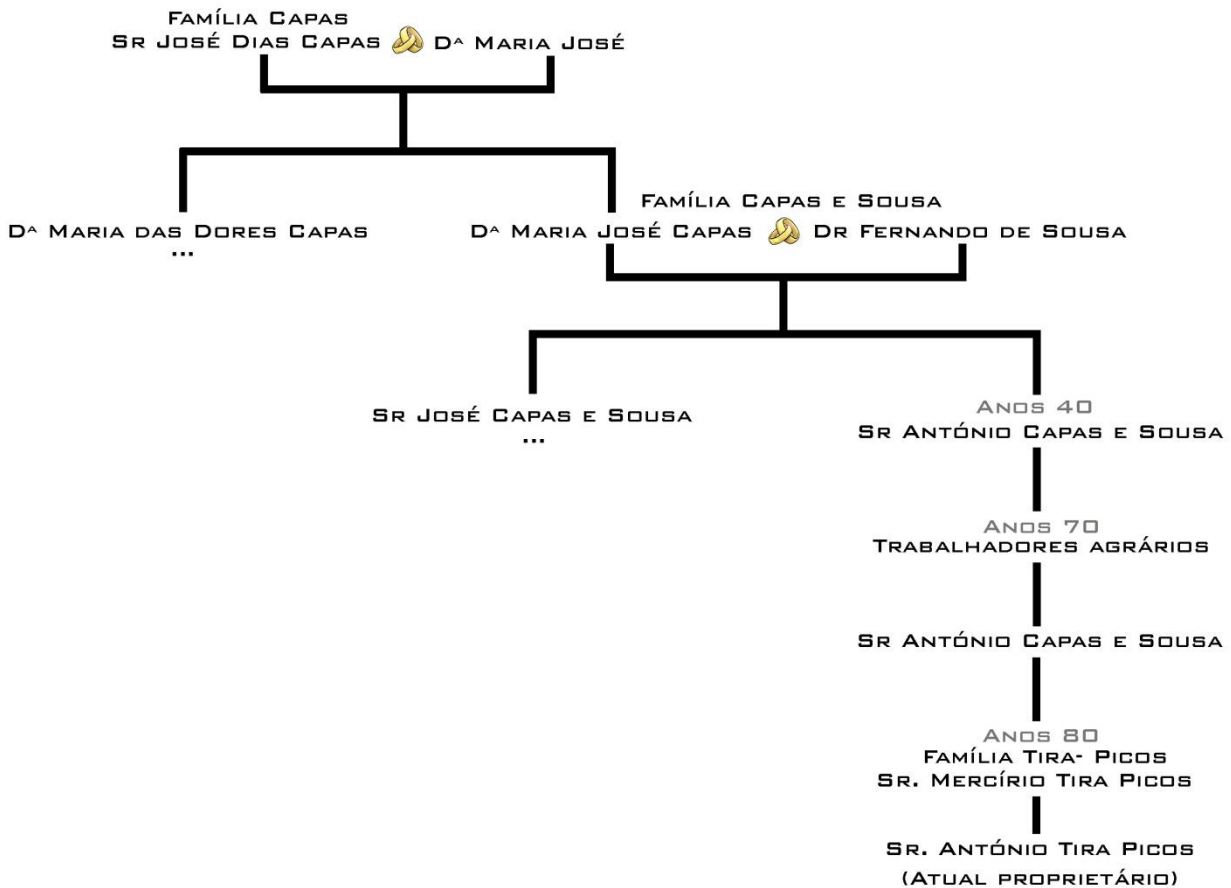


Figura 4.5- Árvore genealógica da herdade do Zambujal.

A família Capas possuía já um vasto território e ao longo do tempo foi adquirindo mais terras. Segundo a D^a Gertrudes (antiga trabalhadora da "casa Capas"), a herdade do Zambujal foi comprada nos anos 40 pela D^a Maria José Capas para oferecer como prenda de aniversário ao seu filho António Capas e Sousa.

Com a revolução agrária a herdade foi expropriada e foi ocupada por alguns trabalhadores que trabalhavam no monte juntamente com outros trabalhadores rurais. Uns anos mais tarde, com a ajuda do governo (contrarreforma-agrária), a herdade voltou novamente para o dono, Sr. António Capas.

Posteriormente, nos anos 80 a herdade é vendida ao Sr. Mercírio Tira Picos. O Sr. António Miguel Correia Tira-Picos, filho do Sr. Mercírio é o atual proprietário da herdade do Zambujal.

Além da herdade/ monte do Zambujal é também proprietário da herdade da Francelheira e da herdade da Comenda. As duas localizam-se no distrito de Évora.¹⁵⁰

Quanto à hipsometria a herdade do Zambujal varia de 150 a 280 metros de altitude.

A zona menos elevada é onde passa evidentemente a ribeira Malk-Abraham, a principal linha de água com mais expressão e que delimita a herdade do Zambujal.

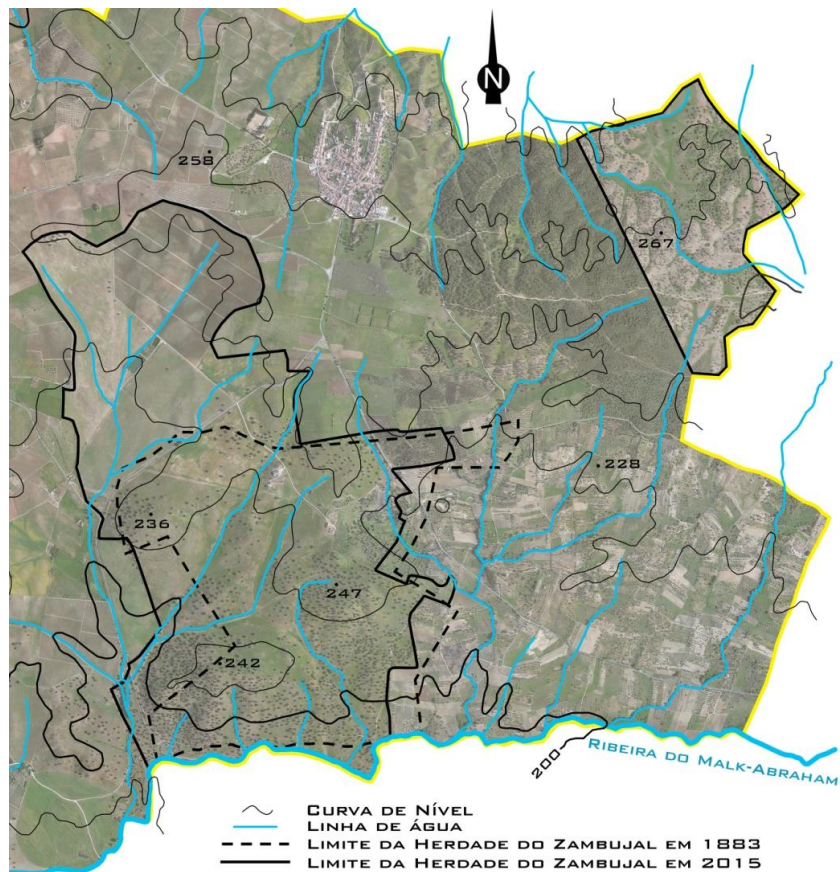


Figura 4.6- Herdade do Zambujal: curvas de nível e linhas de águas.

A principal atividade é atualmente a criação de gado bovino.

O gado bovino foi introduzido na herdade do Zambujal quando a D^a Joaquina e o Sr. Veríssimos foram trabalhar para o monte do Zambujal.

Antes desta introdução, além de animais domésticos e animais para consumo próprio, existia só gado ovino e gado suíno e estavam a cargo da D^a Alzira e do Sr. Virgílio

Alem da criação de gado, eram realizadas também outras atividades. Estas eram/ são realizadas em diferentes épocas do ano, assim quando a cultura exigia, como por exemplo a apanha da azeitona, a extração de cortiça e mais recentemente, com a implementação da vinha, a vindima.¹⁵¹

¹⁵⁰ Ver anexo IV (Questionário)

¹⁵¹ Ver anexo II e III (Questionário)



Figura 4.7- Sr. Veríssimos na herdade do Zambujal (Foto cedida pela D^a Joaquina).

A herdade do Zambujal até hoje teve diferentes proprietários e segundo a D^a Alzira, a D^a Joaquina e a D^a Graça nenhum deles habitou no monte.¹⁵²

Segundo a D^a Alzira, a primeira vez que foi trabalhar para o monte, este pertencia à "casa Capas". A segunda vez que voltou, os proprietários eram os trabalhadores agrários que derivado à revolução agrária levou à expropriação da herdade.

A terceira vez, o monte estava "nas mãos" do Sr. António Capas e Sousa (irmão do Sr. José Capas e Sousa) e por ultimo o proprietário era o Sr. António Miguel Correia Tira-Picos, atual proprietário e filho do senhor que comprou a herdade à família Capas e Sousa.¹⁵³

No tempo da D^a Alzira quem residia no monte além dela, era o seu marido (Sr. Virgílio) e viviam na casa de habitação do monte mais antigo. Posteriormente o Sr. José Viana e a sua família (esposa e filha) também foram morar para a herdade e ocuparam a casa de habitação junto à "malhada".¹⁵⁴

Quem trabalhava no monte/ herdade nesta altura (anos 70), além do Sr. Virgílio ("pastor") e da D^a Alzira ("ajudante"), era o Sr. José Viana que desempenhava as funções de "manajeiro", o Sr. Manuel Francisco que era o "porqueiro" e o Sr. Francisco Preto ("carreiro").¹⁵⁵

¹⁵² Ver anexo II e IV (Questionário)

¹⁵³ Ver anexo II (Questionário)

¹⁵⁴ Ver anexo II (Questionário)

¹⁵⁵ Ver anexo II (Questionário)

Porqueiro - "*s.m. Guardador de porcos.*"¹⁵⁶

Carreiro - "*s.m. Homem que conduz um carro de bois.*"¹⁵⁷

O Sr. Manuel Francisco e o Sr. Francisco Preto residiam em Vila Alva.

Quando a D^a Alzira e o Sr. Virgílio foram embora, a D^a Joaquina e o Sr. Veríssimos foram viver para o monte e ocuparam a mesma casa de habitação onde o anterior casal vivia.

O Sr. Veríssimos era o "vaqueiro" e a D^a Joaquina era a sua "ajudante".

Além deles, quem trabalhava também no monte era o seu filho João que trabalhava como "tratorista" e o Sr. João Alemão que desempenhava as funções de "pedreiro". Estes dois senhores residiam em Vila Ruiva.¹⁵⁸

Atualmente quem habita no monte do Zambujal é o Sr. Manuel, a D^a Graça e a sua filha Joana.

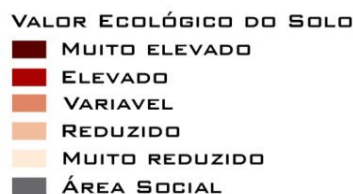
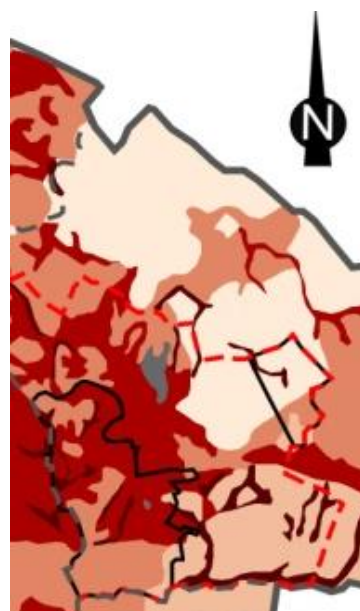


Figura 4.9- Extrato da carta agrícola-mineral do concelho de Cuba.

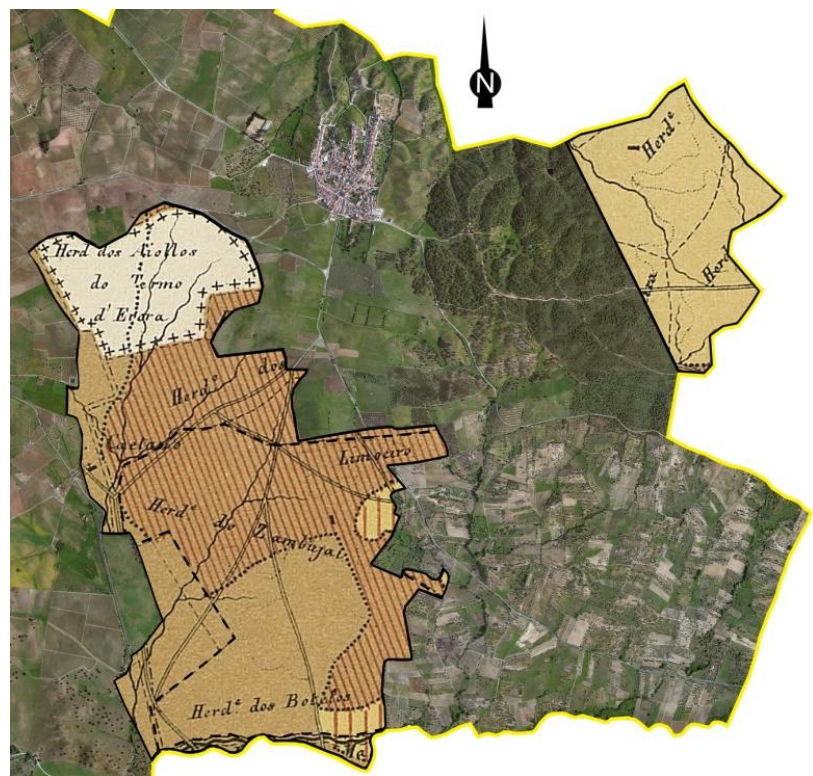


Figura 4.8- Extrato da carta de valor ecológico do solo: Concelho de Cuba.

CARTA AGRÍCOLA-MINERAL DO CONCELHO DE CUBA (GERARDO A. PERY - 1883)



Ao compararmos as figuras, verificamos que os solos argilosos (xistos argilosos e xistos metamórficos) são, respetivamente, classificados de elevado e variável em

¹⁵⁶ <http://www.dicio.com.br/porqueiro/>

¹⁵⁷ <http://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=carreiro>

¹⁵⁸ Ver anexo III (Questionário)

relação ao seu valor ecológico. Quanto aos xistos quartzosos, o seu valor ecológico varia entre as classes de muito reduzido, reduzido e variável.

Além destes ainda se verifica na herdade do Zambujal, duas áreas muito pequenas de solos granitos, sendo o seu valor ecológico reduzido.

Na carta de valor ecológico do solo podemos observar também pequenínissimas manchas classificadas de "muito elevado". Estas manchas correspondem a áreas onde passam determinadas linhas de água.

4.1.1. Culturas Agrícolas

CARTA AGRÍCOLA DO CONCELHO DE CUBA (GERARDO A. PERY - 1883)

-  CULTURAS ARVENSES
-  VINHAS
-  OLIVAIS
-  MONTADO DE AZINHO
-  MONTADO DE AZINHO E SOBRO
-  MONTADO DE SOBRO
-  HORTAS E POMARES
-  POUSIOS E PASTAGENS NATURAIS
-  CHARNECA
-  SOLO IMPRODUTIVO

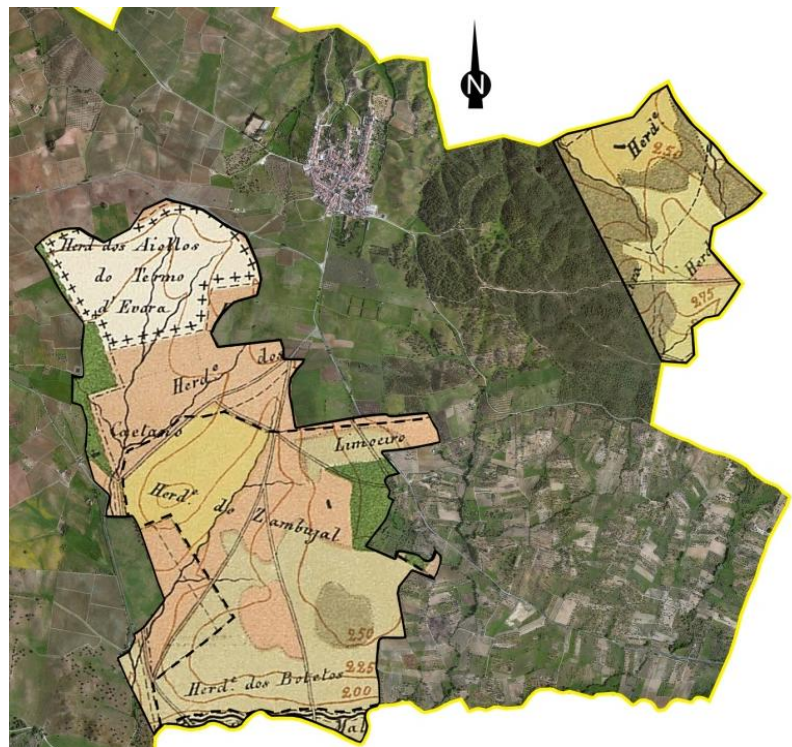


Figura 4.10- Extrato da carta agrícola do concelho de Cuba (Pery, 1883).

USO DO SOLO

-  EUCALIPTO
-  SOBREIRO
-  AZINHEIRA
-  PINHEIRO MANSO
-  CULTURAS NÃO IRRIGADAS
-  VINHA
-  OLIVAL / POMAR
-  PASTAGEM
-  MILHO
-  CHARCA
-  ÁREA CONSTRUÍDA
-  CANAL ARTIFICIAL DE ÁGUA

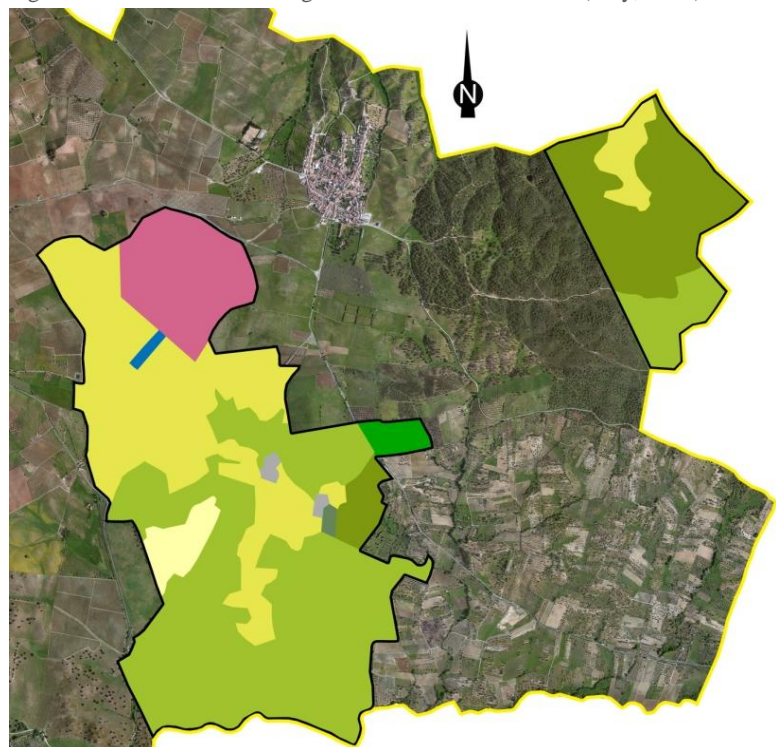


Figura 4.11- Extrato da carta do uso atual do solo.

Através dos usos do solo conseguimos perceber a transformação de uma paisagem ao longo do tempo. Com a ajuda da carta agrícola de Pery (1883), do Corine Land Cover, de trabalho de campo e dos questionários realizados ao longo do trabalho, conseguiu-se representar graficamente a transformação da paisagem da herdade do Zambujal.

As espécies arbóreas que predominam a herdade do Zambujal são a azinheira e o sobreiro e são bastante importantes. Outras áreas que também são muitíssimo importantes são as áreas de pastagem que servem para alimentar o gado.

Atualmente e segundo o Sr. Manuel (atual manajeiro e único trabalhador), a principal atividade da herdade é a criação de gado bovino.¹⁵⁹

Manajeiro - "sm 1 Maioral, capataz."¹⁶⁰

Relativamente ao uso do solo em 1883, verificam-se as culturas arvenses, o olival, pousios e pastagens naturais, o montado de azinho e o montado de azinho e sobreiro. Com base no limite da herdade representado na carta de Pery e segundo a representação gráfica das cultura, permitiu calcular as áreas que cada uma ocupava no território.

Verificámos que o montado de azinho era a cultura que predominava.

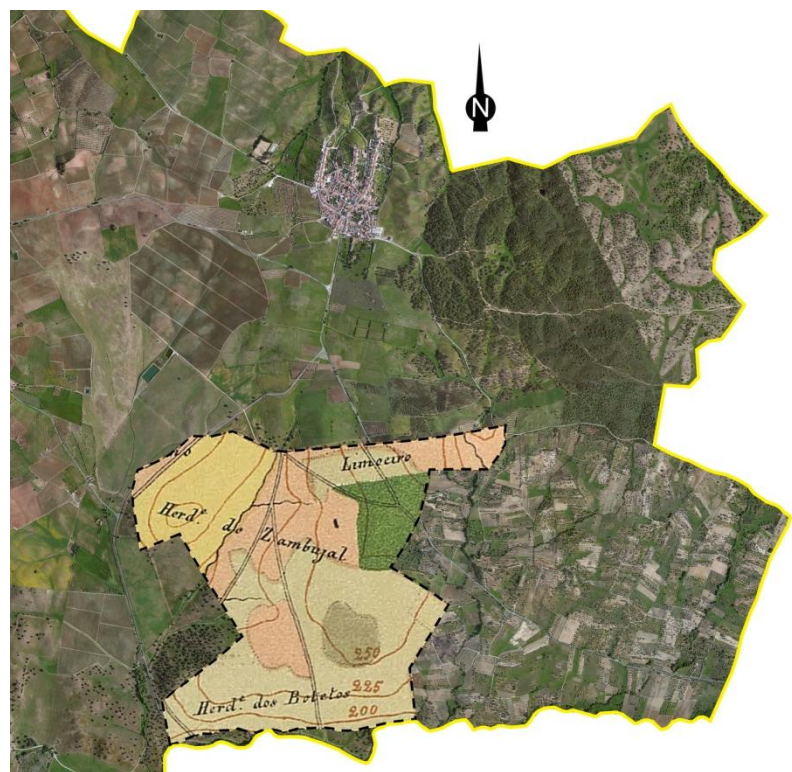


Figura 4.12- Extrato da carta agrícola de Pery (herdade do Zambujal em 1883).

- Montado de azinho: cerca de 105 ha;
- Olival: cerca de 19 ha;
- Pousios e pastagens naturais: cerca de 41 ha;
- Culturas arvenses: cerca de 65 ha;
- Montado de azinho e sobreiro: 10 ha.



¹⁵⁹ Ver anexo IV (Questionário)

¹⁶⁰ <http://www.dicio.com.br/manajeiro/>

Comparando a carta agrícola de Pery (1883) com a carta de uso atual do solo, observamos que houve a introdução de duas culturas na herdade: a vinha e o pinheiro manso.

Com os limites atuais, os usos do solo que se verificam (sem referir as áreas construídas) são os seguintes: vinha, olival, pinheiro manso, pastagem, azinheira, sobreiro, culturas não irrigadas e uma charca.

Quanto à área que ocupam:

- Olival: 1 ha
- Pinheiro manso: 7 ha
- Culturas não irrigadas: 12 ha
- Vinha: 49 ha
- Sobreiro: 79 ha
- Pastagem: 147 ha
- Azinheira: 221 ha.

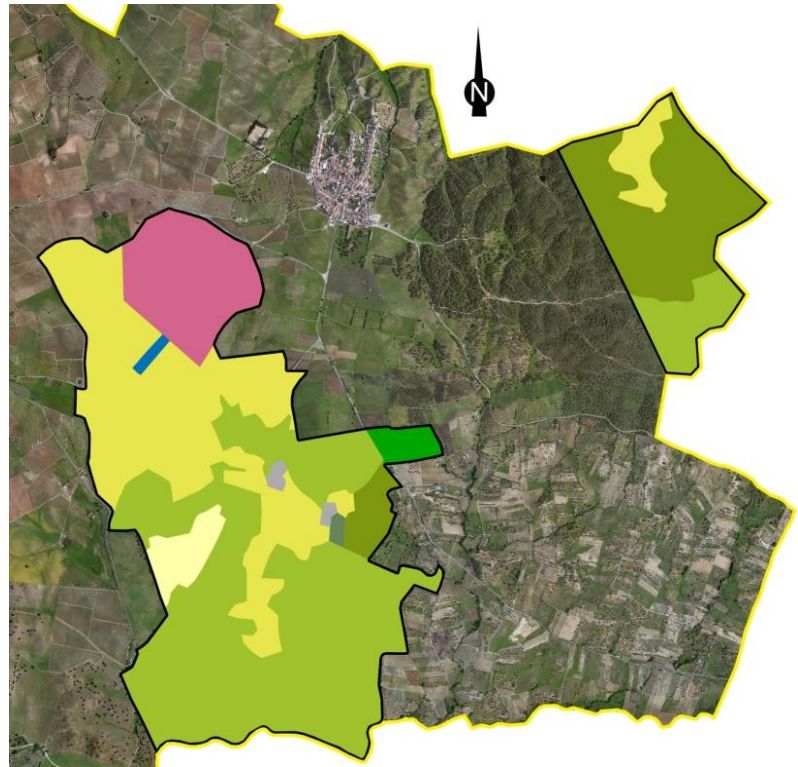
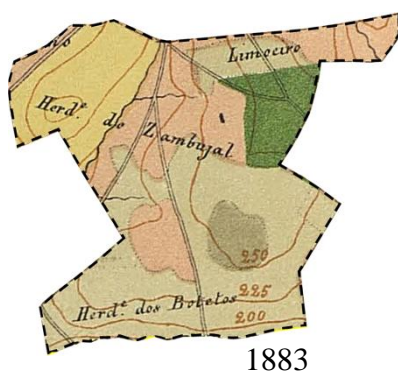


Figura 4.13- Extrato da carta do uso atual do solo.

A cultura que atualmente predomina é sem dúvida a azinheira. Já o olival foi a cultura que perdeu mais expressão com o passar do tempo.

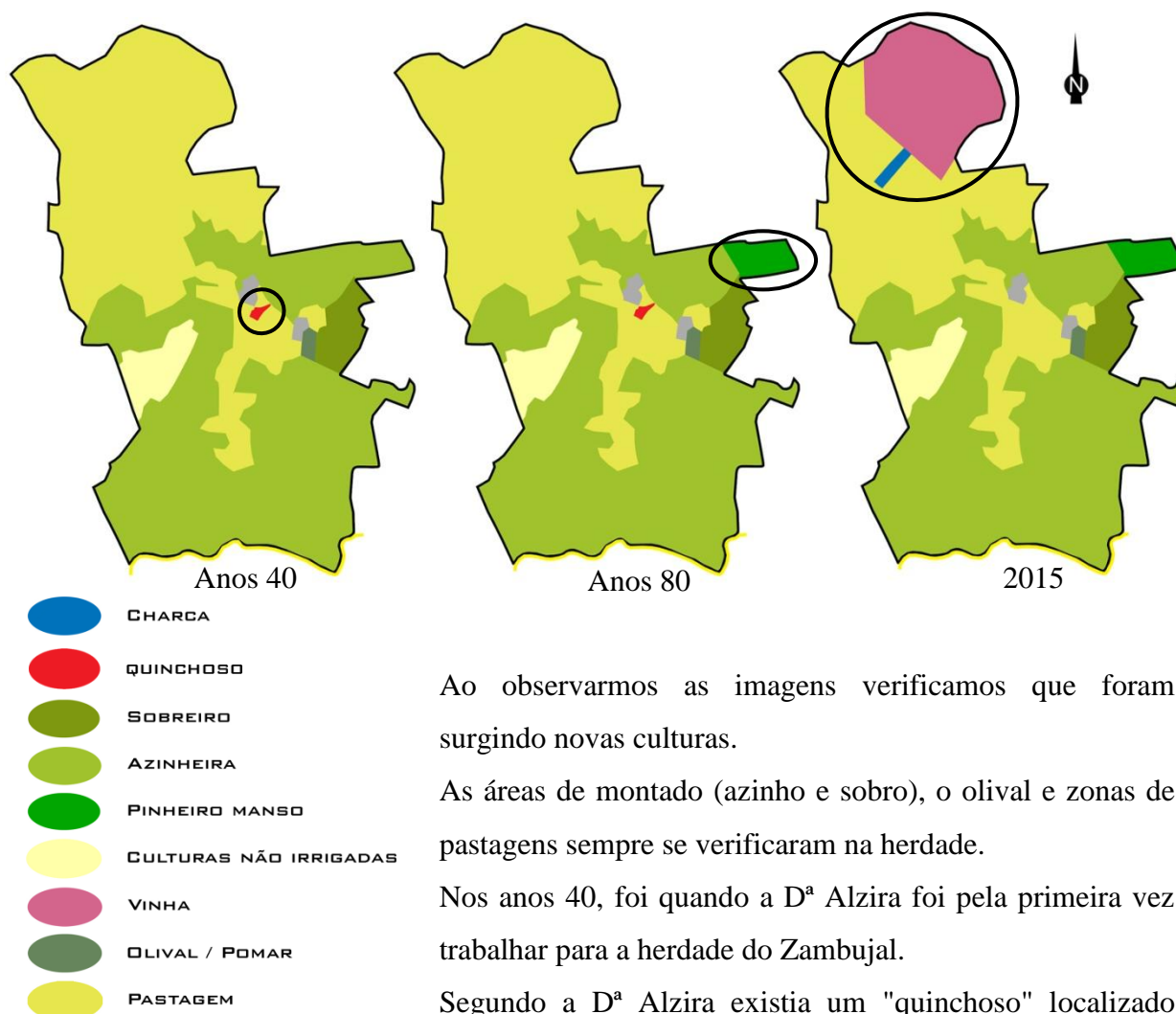
Relativamente à evolução da herdade, podemos já afirmar que houve uma transformação no que diz respeito à ocupação do território.



1883

A paisagem vai-se moldando continuamente, não é de um dia para o outro que tudo acontece, que tudo se transforma. Com os testemunhos orais é possível esboçar o aparecimento de diversas culturas ao longo do tempo.





Ao observarmos as imagens verificamos que foram surgindo novas culturas.

As áreas de montado (azinho e sobre), o olival e zonas de pastagens sempre se verificaram na herdade.

Nos anos 40, foi quando a D^a Alzira foi pela primeira vez trabalhar para a herdade do Zambujal.

Segundo a D^a Alzira existia um "quinchoso" localizado entre a "malhada" e o "monte" que atualmente já não existe.

Nesse "quinchoso" todas as pessoas que trabalhavam para a família Capas e Sousa (quer na herdade do Zambujal, quer noutra herdade da família) tinham uma porção de terreno para fazerem as suas plantações. Plantavam as suas "farturas" para consumo diário, ou seja, legumes, fruta e afins.

Este quinchoso ocupava uma área de cerca de meio ha. *"Por qualquer destes nomes se designa o cercado hortícola e pomífero, que produz hortaliças e frutas para consumo do monte. (...) Quando o hortejo se reduz a proporções mínimas toma o nome de quinchoso."*¹⁶¹

Nos anos 80, mais concretamente em 1989, foi quando a D^a Joaquina foi trabalhar para a herdade. Com o seu testemunho ficamos a saber que já tinha sido introduzido o pinheiro manso.

¹⁶¹ PICÃO, 1947: p. 23.

A cultura mais recente a ser introduzida na herdade é a vinha. Esta ocupa cerca de 49 ha e está localizada exatamente onde era antigamente a Herdade dos Aiollos do Termo d' Évora (ver carta agrícola de Pery) .



Figura 4.15- Vinha da herdade do Zambujal (João Santos).



Figura 4.14- Extrato da carta agrícola do Concelho de Cuba (Pery, 1883).

Na carta agrícola de Pery é observável uma área bastante peculiar. Verifica-se uma particularidade na área de estudo, mais concretamente na herdade do Zambujal.

Esta tratava-se da Herdade dos Aiollos do Termo d' Évora que atualmente pertence à herdade do Zambujal. Como o seu nome indica era uma herdade que pertencia ao concelho de Évora. *"Consiste esta singularidade, em haver dentro do concelho de Cuba uma porção de terreno que lhe não pertence, nem mesmo ao districto de Beja. É uma herdade denominada dos Ayollos, com a superficie de 78 hectares, situada entre Villa Alva e Villa Ruiva, no limite d' estas duas freguezias, e que pertence á freguezia de S. Bento de Pomares do concelho e districto de Evora. É uma ilha que o districto de Evora possui dentro do districto de Beja."*¹⁶²

4.1.2. Vistas da Herdade do Zambujal (zona do Monte)



Figura 4.16- Herdade do Zambujal: zona edificada.

¹⁶² PERY, 1883: p. 7.



Figura 4.17- Vista sobre o olival.



Figura 4.18- Vista sobre o edifício antigo.



Figura 4.20- Vista sobre as azinheiras.



Figura 4.19- Vista sobre a herdade.



Figura 4.22- Vista sobre as azinheiras.



Figura 4.21- Vista sobre a manjedoura.



Figura 4.24- Vista sobre as azinheiras.



Figura 4.23- Vista sobre as azinheiras. (A branco é comida embalada para o gado).

4.2. Monte do Zambujal

O monte do Zambujal localiza-se a cerca de 4,15 km da aldeia de Vila Ruiva e a cerca de 2,20 km da aldeia de Vila Alva.

Ao longo da sua história, como todos os montes alentejanos, sofreu várias mudanças, impostas por transformações económicas, políticas e sociais.

À priori, comparando a paisagem de hoje com a carta de Pery, verificamos a existência de outras edificações que não existiam à 132 anos atrás.

A representação que é visível na carta de 1883 corresponde, evidentemente à primeira sede de lavoura da herdade do Zambujal, ou seja, à primeira edificação existente, designada de monte. Atualmente não se verifica uma só edificação na herdade mas sim três conjuntos de edificações. Por exclusão de partes conseguimos perceber a ordem de aparecimento dos elementos construídos na paisagem.

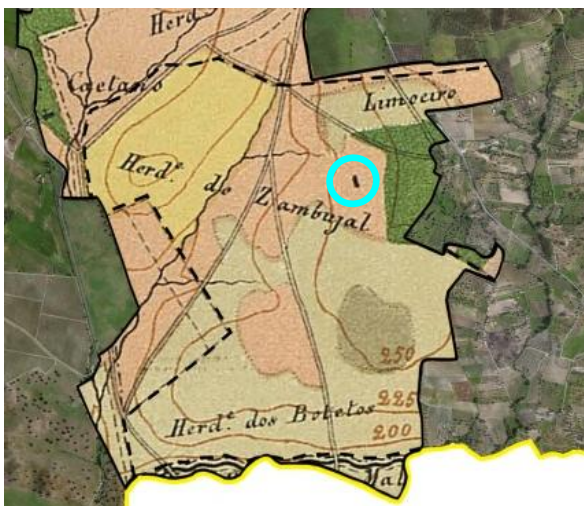


Figura 4.26- Extrato da carta agrícola do Concelho de Cuba. (Pery, 1883).

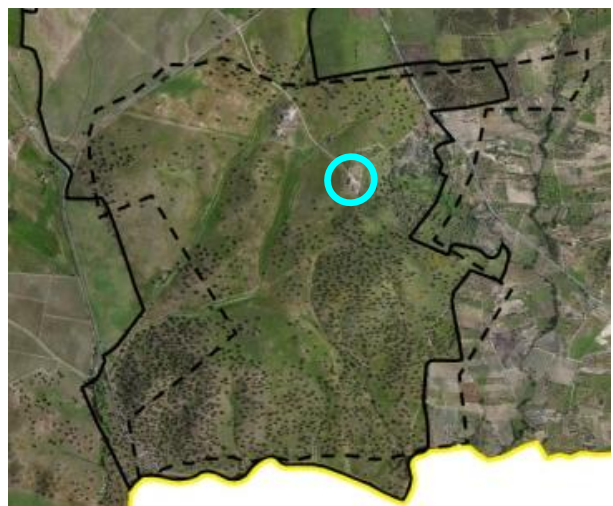


Figura 4.25- Limites da herdade do Zambujal.

Na carta agrícola do concelho de Cuba, datada de 1883 é visível só uma estrutura edificada na herdade do Zambujal. Esta coincide perfeitamente com a estrutura ainda existente (ver imagens acima, círculo azul claro). Pode-se afirmar que se trata do mesmo edifício independentemente da sua transformação e reestruturação ao longo do tempo e foi o primeiro edifício a surgir na herdade do Zambujal.

"As estruturas edificadas que se inscrevem no âmbito do sistema produtivo, transformação e atividade agrícola, são elementos que funcionam em harmonia com o território, integrando

outrora funções essenciais à sobrevivência do Homem, mas sobretudo, representam, do que ainda se conserva, uma cultura e uma identidade."¹⁶³

As estruturas edificadas nem todas são habitações mas são igualmente importantes. Por exemplo, a malhada e o curral não são habitações mas estão relacionadas com a habitação em si e desempenham um papel fundamental para a dinâmica da herdade.

A primeira estrutura edificada que surgiu na herdade do Zambujal localiza-se na parte mais elevada da herdade, permitindo assim observar sem problema toda a propriedade.

Segundo Picão, os montes erguiam-se no alto de qualquer colina ou então na vertente de uma encosta.¹⁶⁴

O monte do Zambujal surge associado a uma área agrícola com cerca de 259 ha (área delimitada a tracejado na figura anterior).

Hoje em dia verificamos que essa área se expandiu devido à adição de outros terrenos à herdade do Zambujal. Atualmente tem cerca de 433 ha.

Observando a planta do monte do Zambujal podemos tirar várias conclusões.

Segundo a classificação que Picão fez relativamente aos montes, o monte do Zambujal está inserido na quarta classe. "*Quarta: os de poucas casas ao rés-do-chão, em número restrito ao indispensável a uma lavoura relativamente pequena. Se possuem compartimentos para a residências do lavrador, são tão exíguos e diminutos que raríssimas vezes se destinam a tal uso.*"¹⁶⁵

Segundo a classificação do arquiteto Jorge Cruz Pinto o monte do Zambujal insere-se nas "*construções simples de carácter nuclear*".

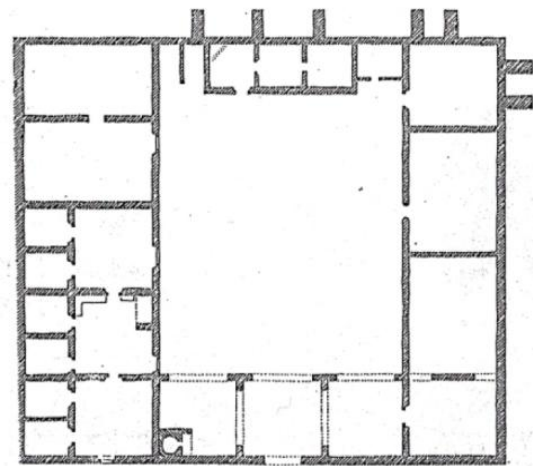


Figura 4.27- Construção simples de carácter nuclear, Monte da Quintinha, Vidigueira (Teles, 2013: p. 101).

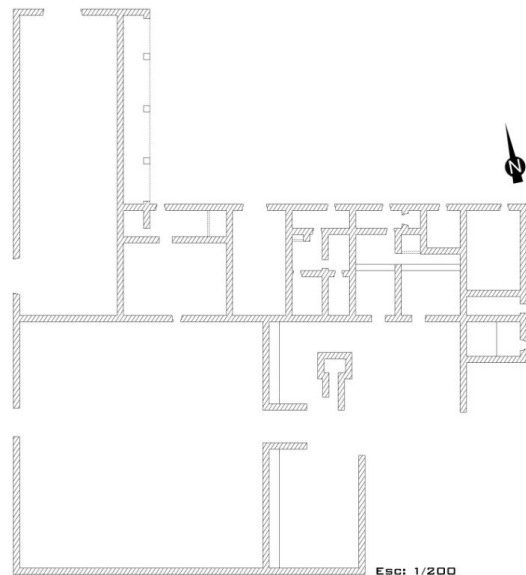


Figura 4.28- Planta do monte do Zambujal

¹⁶³ TELES, 2013: p. 103.

¹⁶⁴ PICÃO, 1947: p. 12.

¹⁶⁵ *Idem.*, 1947: p. 12.

O segundo edifício a surgir na paisagem foi a malhada dos porcos e a sua casa de apoio. Mais tarde a casa de apoio transformou-se numa casa de habitação. A D^a Alzira e o Sr. Virgílio ainda lá habitaram e atualmente é a casa de habitação da D^a Graça e da sua família.¹⁶⁶

Na figura ao lado, o círculo vermelho representa a malhada dos porcos e o círculo azul escuro é a casa de habitação referida anteriormente.

Por ultimo, a terceira edificação a surgir na paisagem foram os casões e estão representados através do círculo amarelo. Estes foram construídos, segundo o Sr. Manuel, muito recentemente por a sua chefia.

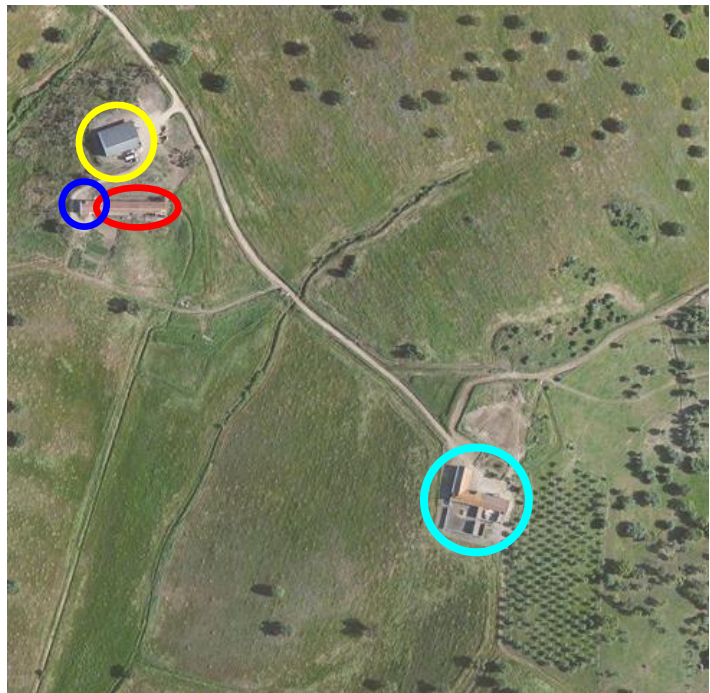


Figura 4.29- Edificações da herdade do Zambujal.

4.2.1. Estruturas mais recentes

Atualmente a casa de habitação é uma casa junto à malhada dos porcos. Quem habita na respetiva casa é o Sr. Manuel, manajeiro da Herdade, com a sua família (a D^a Graça e a sua filha Joana). Evidentemente a malhada dos porcos hoje em dia é um espaço que serve somente de arrecadação mas antes era um local onde era feita a criação de porcos.

As estruturas mais recentes são dois casões (um grande e outro mais pequeno) e foram construídos relativamente à cerca de 8 anos. Neles guardam-se materiais e máquinas agrícolas.

¹⁶⁶ Ver anexo III e IV (Questionário)

4.2.2. Vistas do Monte do Zambujal (exterior das estruturas mais recentes)



Figura 4.30- Estruturas mais recentes.



Figura 4.31- Casão grande.



Figura 4.32- Malhada dos porcos.



Figura 4.33- Atual casa de habitação da D^a Graça.



Figura 4.34- Estruturas mais recentes.

Na imagem ao lado, na área correspondente ao círculo azul localizam-se os casões. O casão de maior dimensão, além de ter um enorme espaço para armazenar/ guardar o que for necessário, é constituído por uma oficina e por uma sala de convívio.



Figura 4.36- Sala de convívio - interior.



Figura 4.35- Sala de convívio - Chaminé.



Figura 4.37- Oficina - utensílios e equipamentos.



Figura 4.38- Oficina - mesa de trabalho.



Figura 4.39- Casão grande - interior.



Figura 4.42- Casão grande - entrada da casa de convívio.



Figura 4.41- Casão grande - interior.



Figura 4.40- Casão grande - Interior.



Figura 4.44- Casão pequeno - entrada.



Figura 4.43- Casão pequeno - interior.



Figura 4.45- Estruturas mais recentes.

Na imagem ao lado, na área correspondente ao círculo vermelho localiza-se a atual casa de habitação da D^a Graça. O círculo amarelo corresponde à malhada dos porcos que tinha como função a criação de gado suíno. Segundo Picão, as malhadas eram "*Edificações rústicas, primitivas, de forma cónica, com os tectos de piorno, giesta e outros arbustos. Servem para a criação e dormida dos suínos, compreendendo-os também por esta designação da choça dos ganadeiros que os guardam - os porqueiros.*"¹⁶⁷

Estas edificações já são muito mais modernas comparadas com esta descrição (ver fotografias na página seguinte).

¹⁶⁷ PICÃO, 1947: p. 23.



Figura 4.46- Malhada dos porcos - exterior.



Figura 4.49- Exterior da malhada - entrada/ saída para os leitões.



Figura 4.48- Pormenor da entrada/ saída.



Figura 4.47- Exterior da malhada - bebedouros.



Figura 4.51- Malhada dos porcos - exterior.



Figura 4.50- Bebedouros- exterior da malhada com vista para as estruturas mais antigas.



Figura 4.53- Interior da malhada - Quartelha.



Figura 4.52- Interior da malhada - Quartelhas.

4.2.3. Estrutura mais antiga

Na imagem ao lado, podemos observar a estrutura mais antiga da herdade do Zambujal, independentemente das suas adições posteriores.

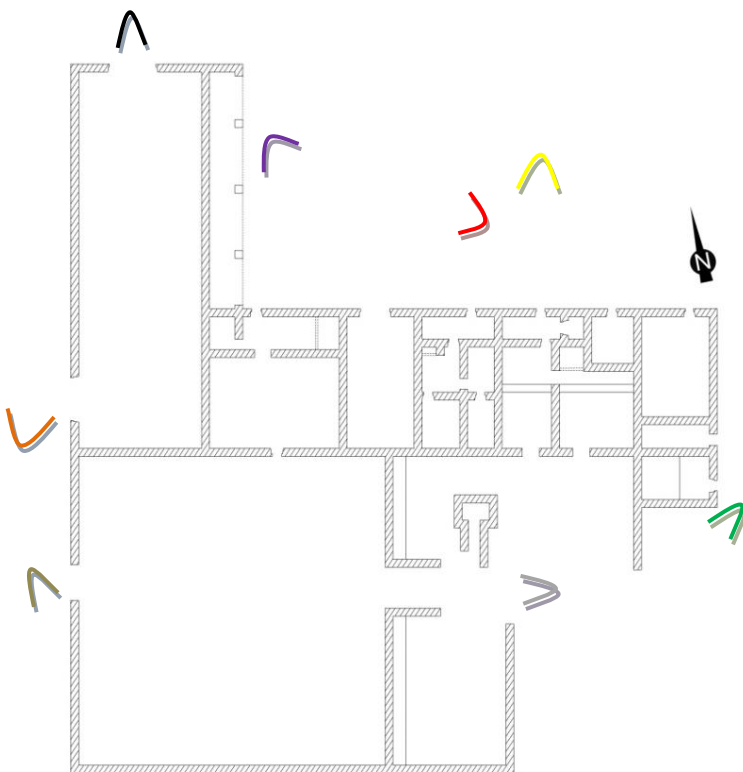


Figura 4.56- Planta do monte do Zambujal.

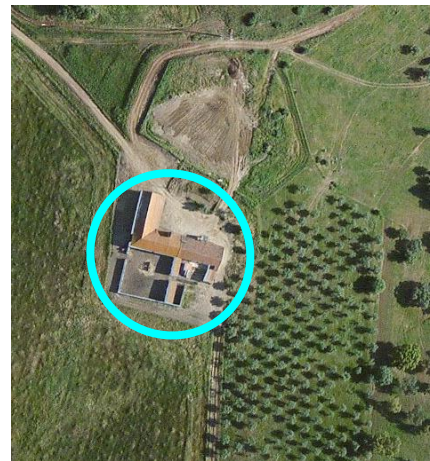


Figura 4.54- Estrutura mais antiga.



Figura 4.55- Entrada do palheiro com a filha da D^a Graça, a Joana.



Figura 4.57- Fachada principal do monte.



Figura 4.58- Neto da Dª Joaquina no monte do Zambujal (Foto cedida pela Dª Joaquina).



Figura 4.60- Palheiro - portão lateral.



Figura 4.59- Barracão.



Figura 4.62- Alpendurada.



Figura 4.61- Neto da Dª Joaquina no monte do Zambujal (Foto cedida pela Dª Joaquina).



Figura 4.66- Curral.



Figura 4.65- Curral - Entrada e saída.



Figura 4.64- D^a Joaquina e Sr. Veríssimos no monte do Zambujal (Foto cedida pela D^a Joaquina).



Figura 4.63- D^a Joaquina e Sr. Veríssimos em Vila Ruiva.



Figura 4.67 - Fachada principal do monte do Zambujal - depósito de água.

O depósito de água foi construído no tempo da D^a Joaquina e do Sr. Veríssimos. Como não havia água canalizada a água acumulada no depósito era utilizada para as lides domésticas, para consumo dos animais e para regar a pequena horta explorada pelo casal.¹⁶⁸



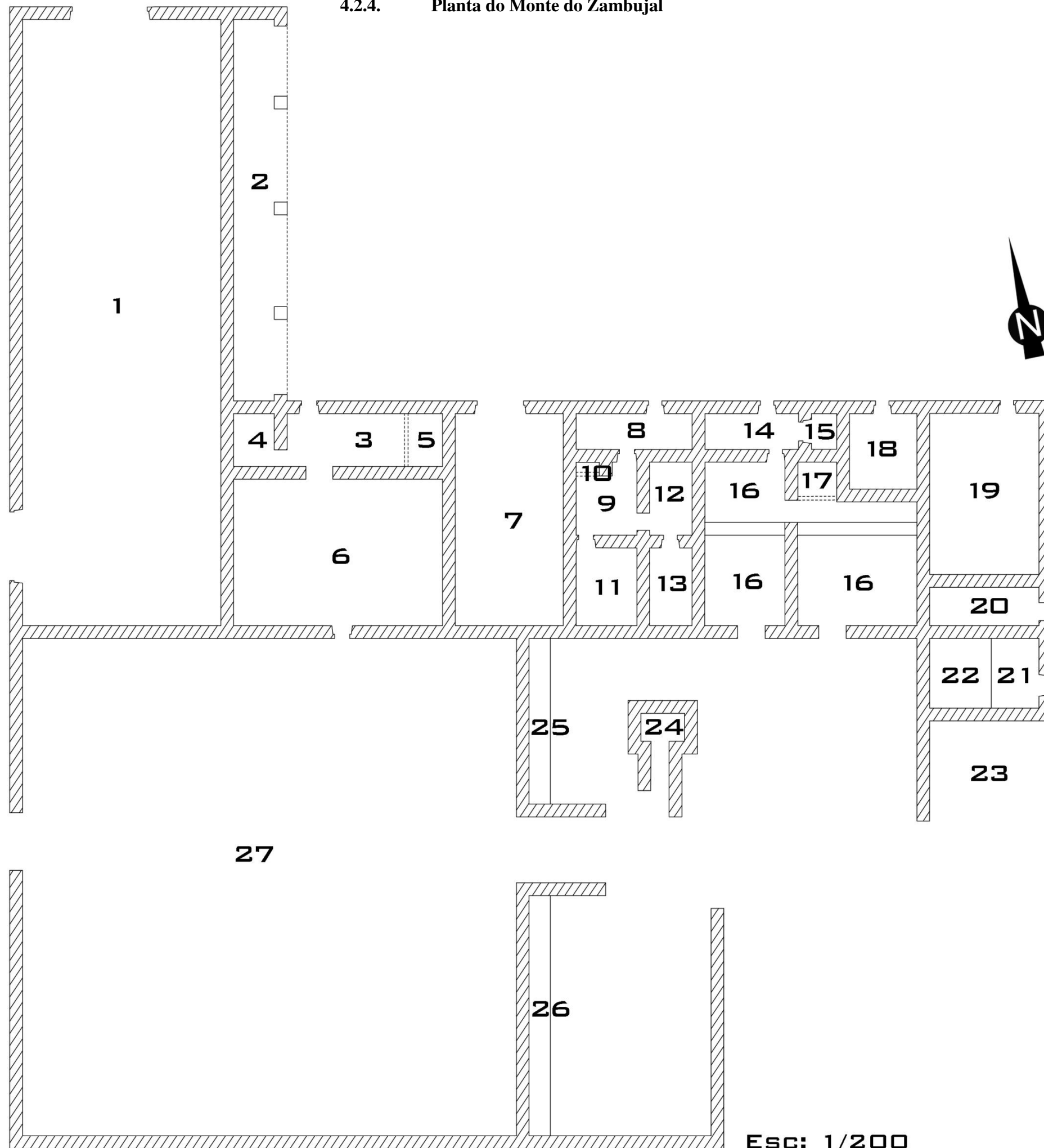
Figura 4.69- Sr. Veríssimos com um caçador (Foto cedida pela D^a Joaquina).



Figura 4.68- Sr. Veríssimos com uma amiga (Foto cedida pela D^a Joaquina).

¹⁶⁸ Ver anexo III (Questionário)

4.2.4. Planta do Monte do Zambujal



- 1. PALHEIRO
- 2. ALPENDURADA
- 3. CASA DO VAQUEIRO
- 4. QUARTO DO VAQUEIRO
- 5. CHAMINÉ
- 6. PALHEIRO
- 7. CASÃO (RAÇÃO / CARROS DE BURRO)
- 8. CASA DA MALTA
- 9. COZINHA
- 10. CHAMINÉ
- 11. DISPENSA
- 12. QUARTO
- 13. QUARTO
- 14. CORREDOR
- 15. QUARTO
- 16. CASA DAS BESTAS
- 17. CHAMINÉ
- 18. CAVALARIÇA
- 19. CASÃO (CONFEÇÃO DE CHOCALHOS)
- 20. GALINHEIRO
- 21. CASA DO FORNO
- 22. FORNO
- 23. BARRACÃO
- 24. CASA DE APOIO AO CURRAL
- 25. MANJEDOURA
- 26. MANJEDOURA
- 27. CURRAL

Figura 4.70- Planta do monte do Zambujal (1/200).

Esc: 1/200

4.2.5. Descrição dos compartimentos do Monte (estrutura mais antiga)

1. Palheiro - divisão bastante grande destinada ao armazenamento de palha.

Segundo Picão, o palheiro é uma acomodação agrícola e pecuária. "*Casa em que se armazena palha para o consumo imediato do gado cavalar, muar e asinino que pernoita recolhido.(...)*"¹⁶⁹

2. Alpendurada - é tipo um alpendre. É um espaço aberto coberto por um telhado. Basicamente é onde guardam diversos materiais agrícolas, protegendo-os da chuva e do sol.



Figura 4.72- Alpendurada.



Figura 4.71- Palheiro - entrada principal.

3. 4. 5. Casa do vaqueiro - segundo o Sr. Manuel era um espaço destinado ao vaqueiro. Este espaço é dividido em 3 partes: o hall de entrada, uma chaminé e um quarto. Atualmente este espaço não tem utilidade, somente o quarto serve de arrecadação para o que resta de um "carro de burro".

Vaqueiro - "*s.m. Pastor ou guardador de gado vacum.*"¹⁷⁰



Figura 4.75- Hall de entrada: casa do vaqueiro.



Figura 4.74- Quarto do vaqueiro.



Figura 4.73- Entulho.

¹⁶⁹ PICÃO, 1947: p. 17.

¹⁷⁰ <http://www.dicio.com.br/vaqueiro/>



Figura 4.76- Chaminé típica.

6. Palheiro - esta divisão, como o nome indica serve para armazenar a palha. Tem dimensões mais reduzidas comparativamente ao palheiro referido anteriormente.

7. Casão (ração/ carros de burro) - espaço relativamente grande que serve para armazenar equipamentos agrícolas e ração para os animais. Este casão era onde o Sr. Virgílio e o Sr. Veríssimos guardavam o "carro de burro".



Figura 4.77- Casão - interior.



Figura 4.80- Telhado.



Figura 4.79- Portão.



Figura 4.78- Utensílios agrícolas.

8. 9. 10. 11. 12. 13. Casa de habitação - hoje em dia não tem qualquer tipo de utilidade e é constituída por cinco divisões: a casa da malta (casa da entrada), a cozinha com chaminé, a dispensa e dois quartos. Segundo Picão, a casa de habitação era "*A que especialmente se destina ao lavrador e sua família compreende: casa de entrada, um indeterminado número de quartos, sala de jantar, dispensa, cozinha, amassaria, casa de pão, etc.*"¹⁷¹

Segundo o Sr. Manuel a casa da entrada era a casa da malta, onde o pessoal quando chegava repousava as suas coisas e confraternizava.



Figura 4.81- Casa da malta

¹⁷¹ PICÃO, 1947: p. 13.



Figura 4.82- Chaminé



Figura 4.83- Cozinha.



Figura 4.85- Dispensa - bancada.



Figura 4.84- Dispensa.



Figura 4.87- Quarto - janela.



Figura 4.86- Quartos.

14. 15. 16. 17. Casa das bestas - divisão onde antigamente permaneciam os animais que eram utilizados para as lides agrícolas. É composta por dois espaços distintos: um espaço tem duas manjedoura e uma chaminé. O outro espaço tem um quarto e um corredor onde eventualmente serviria para acolher algum trabalhador.

Atualmente o espaço não tem qualquer utilidade, somente a zona junto às manjedouras serve de arrecadação.

Segundo a descrição que Picão faz das cavalariças, a chamada "casa das bestas" pelo Sr. Manuel parece que também era uma cavalariça.

Cavalariças: *"Costumam ser duas ou três, de mangedouras de alvenaria e piso de calçada.(...) As cavalariças servem também para depósitos dos aprestos das cavalgaduras e dos homens que com elas trabalham: carreiros ou almocreves, paquetes, cavalista, lançarote, etc."*¹⁷²



Figura 4.89- Quarto.



Figura 4.88 - Corredor.



Figura 4.92- Manjedoura fixa.



Figura 4.90- Manjedoura móvel.



Figura 4.91- Casa das bestas.

¹⁷² PICÃO, 1947: p. 17.

18. Cavalaria - local onde o Sr. Vergílio e o Sr. Veríssimos colocavam os seus burros. Estes animais eram utilizados, ajustados a um carro de madeira, como meio de transporte. Eram os chamados "carros de burros". Hoje em dia já não são muito usados mas ainda há quem os utilize. Atualmente a cavalaria não tem qualquer utilidade.



Figura 4.93- Cavalaria - interior.

19. Casão (confeção de chocalhos) - antigamente este espaço era utilizado para a confeção de chocalhos. Hoje em dia serve para guardar sobretudo medicamentos e outros objetos para o tratamento do gado (vacas).



Figura 4.94- Casão - interior.



Figura 4.97- Casão - medicamentos para o gado.



Figura 4.96- Casão - medicamentos para o gado.

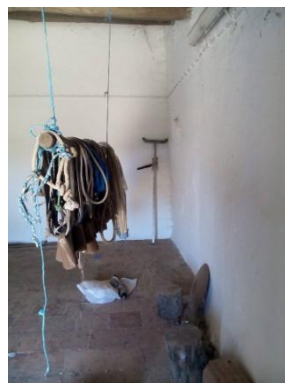


Figura 4.95- Casão - chocalhos.



Figura 4.98- Casão - biberão para os bezerros.

Segundo Picão, o galinheiro era "Uma casa qualquer, em que pernoitam e põem as aves domésticas do monte (...) O galinheiro é provido de poleiros suficientes para repouso dos bicos, e de casinholas ou cestos para a postura dos ovos.(...) De noite ali se recolhem dezenas ou centenas de aves diferentes, que se soltam ao aclarar do dia..."¹⁷³

20. Galinheiro - divisão bastante pequena que como o nome indica era o lugar onde criavam galinhas para consumo próprio.

Atualmente serve de arrecadação para a associação de caçadores armazenar bidons. Esses bidons contem comida para a caça (perdizes e codornizes) e em determinadas alturas são distribuídos por toda a herdade.



Figura 4.99- Galinheiro - interior.



Figura 4.102- Galinheiro - porta (vista exterior).



Figura 4.101- Galinheiro - porta (vista interior).



Figura 4.100- Galinheiro - entrada e saída para as galinhas).

¹⁷³ PICÃO, 1947: p. 21.

21. 22. Casa do forno - como o nome indica é um espaço que contém um forno. Servia para cozer os mais variados alimentos.

Segundo Picão, o forno de cozer pão era uma "*Edificação tosca e grosseira, nada notável quanto à sua aplicação principal.*"¹⁷⁴



Figura 4.105- Local para armazenar a lenha e as pás (pormenor).



Figura 4.104- Local para armazenar a lenha e as pás.



Figura 4.103- Forno.

23. Barracão - é um espaço bastante recente, construído pelo Sr. Manuel. Basicamente só anexaram um telhado às paredes exteriores.



Figura 4.106- Barracão.

24, 25, 26, 27. Curral - área onde o gado bovino permanece enquanto não anda a pastar. Normalmente o gado recolhe durante a noite e quando existe alguma cria para ser alimentada por a progenitora. O curral é composto por três manjedouras e uma casa de apoio.



Figura 4.109- Curral - "manga" (serve para vacinar e colocar brincos ao gado).



Figura 4.108- Curral - entrada e saída.



Figura 4.107- Curral - casa de apoio..

¹⁷⁴ PICÃO, 1947: p. 16.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"a fauna e flora selvagens, as paisagens naturais ou modificadas pelo homem, as aldeias e montes que apresentam múltiplas especificidades históricas e arquitectónicas, sob a forma de edifícios mas também de outras obras, como pontes, moinhos de vento ou muros de pedra solta, assim como todo um conjunto de elementos (lavadouros, calvários, etc.) agrupados no termo «pequeno património». A este património físico e construído junta-se tudo o que a história transmitiu, a cultura na sua dimensão imaterial: língua, costumes, folclore, tradições musicais e artísticas, danças, produtos caseiros, especialidades culinárias, sem esquecer evidentemente o artesanato, os ofícios e os antigos "saber-fazer". Esta diversidade tem também uma dimensão territorial: cada «região» possui o seu carácter próprio, uma «alma» que faz muitas vezes o orgulho dos habitantes e atrai o visitante exterior"¹⁷⁵

A paisagem alentejana resulta de processos históricos, económicos e culturais que acabaram por conduzir à formação e preponderância das grandes propriedades latifundiárias.¹⁷⁶ O principal fator de alteração da paisagem rural, ao longo do tempo, tem por base os diferentes ciclos de produção agrícola. A relação entre o homem e a natureza foi sofrendo modificações que se acentuaram significativamente nas últimas décadas.

Para além dos fatores específicos deste território, deverão ser considerados os fatores relacionados com a globalização e com os progressos tecnológicos que contribuíram para esta transformação. *"Para além da globalização de modelos e valores e da transformação das sociedades, também o progresso tecnológico em várias frentes (fatores de produção, transportes e comunicações, entre outros) levaram a que se mudassem práticas e vivências.(...) Deste modo, as características que asseguram o carácter de uma determinada paisagem foram desaparecendo progressivamente, numa tendência geral para a simplificação e homogeneização das paisagens e para a perda das suas características intrínsecas."*¹⁷⁷

A mecanização nos meios de produção levou à redução de mão de obra e consequentemente ao aumento do desemprego e dos conflitos sociais. A Reforma Agrária, com a tomada de

¹⁷⁵ Michael Dower citado por João Emílio Alves in *Cidades- Comunidades e Territórios*, 2004: p. 43.

¹⁷⁶ TELES, 2013: p. 178.

¹⁷⁷ PINTO-CORREIA, 2004: p. 8.

terras privadas e com a criação das UPC (Unidades Coletivas de Produção), viria a ser a esperança das classes baixas. *"A contra- Reforma Agrária iria por sua vez por fim às UCP, e a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (1986), aplicou a Política Agrícola Comum, que atribuiu subsídios desligados do ato de produzir, maximizando a renda fundiária e sem qualquer finalidade produtiva."*¹⁷⁸

Tudo se vai transformando ao longo do tempo, inclusive a paisagem e todas as expressões que lhe são subjacentes. O monte alentejano não foge a esta regra, encontrando-se intrinsecamente ligado à vida rural, ou seja, à vida no campo, e fazendo parte do património rural, mais concretamente do património rural vernáculo. Relativamente ao património rural vernáculo, tal como o nome indica¹⁷⁹ trata-se de um património rural autêntico mas que, infelizmente, tende em desaparecer. *"A perda deste património corresponde a um empobrecimento etnográfico, já que ele permite evocar o modo de vida nesses habitats das sociedades comunitárias do passado, devendo pois tais estruturas ser encaradas como locais de memória"*¹⁸⁰

Os montes, dispersos pela vasta paisagem alentejana estão implementados estrategicamente no território e são elementos arquitetónicos singulares das herdades. É necessário a sua salvaguarda material e cultural para entender estas paisagens.¹⁸¹ É muito provável que os montes alentejanos, conforme os conhecemos hoje, entrem em vias de extinção. *"O desaparecimento quase inexorável de um património rural que correspondia a um modo de vida, a uma forma de ver a paisagem e utilizar o território que se vai tornando cada vez mais rara, porque, como se referiu, se vai transformando."*¹⁸²

Esta alteração é evidente, por exemplo, no monte que constituiu o caso de estudo que foi abordado neste trabalho, já que se não fossem os importantes testemunhos orais e os questionários elaborados, pouco ou nada se sabia sobre a história do lugar, mais concretamente sobre algumas das vivências que marcaram a existência do monte do Zambujal.

¹⁷⁸ TELES, 2013: p. 179.

¹⁷⁹ Vernáculo: "adj. Particular ou característico de um país, uma nação, de uma região etc.: idioma vernáculo; hábitos vernáculos." <http://www.dicio.com.br/vernaculo/>

¹⁸⁰ CHÂTELAIN *et al.*, citado por MASCARENHAS *et al.*, in O monte alentejano na encruzilhada do tempo, 2014: p.6.

¹⁸¹ TELES, 2013: p. 181.

¹⁸² MESTRE, 2009: p. 6.

Esta abordagem adquire uma importância significativa já que "*As memórias desse modo de viver e interagir vão-se apagando e desaparecendo, apesar de todos concordarem que encerram valores patrimoniais de grande interesse. Desta mudança decorrem os problemas patrimoniais que nos interessam*"¹⁸³

Como se verificou no monte do Zambujal, o património construído está, em grande parte dos casos, a degradar-se com o passar dos anos, constituindo um exemplo para o que está a acontecer à maior parte dos montes. A este propósito poderemos averiguar a situação dos montes que foram abordados na área de estudo:

- ou estão em ruínas, como é o caso do Monte da Delicada e do Monte da Granja;
- ou existe o edifício e já não habita lá ninguém (encontrando-se em processo de degradação por falta de manutenção) ou os proprietários vão lá muito raramente;
- ou existe o edifício e somente serve para dependência agropecuária e/ou local de residência onde mora lá basicamente o encarregado e a sua família.

A degradação dos conjuntos edificados das herdades resulta, por vezes, da falta de interesse em recuperar o património e, outras vezes, de questões económicas e da falta de apoio para o investimento e conservação dos montes. Em muitos casos, os proprietários não reconhecem a importância patrimonial destes conjuntos, preocupando-se somente com o seu negócio associado à herdade, à criação de gado e à exploração agrícola.

A questão das "heranças" e "partilhas" também está relacionada com o abandono de terras e consecutivamente do património. Muitas vezes os herdeiros não desenvolvem qualquer atividade na propriedade mas também não a vendem. O património construído está em muitos casos abandonado como ocorre, na área de estudo, e para além dos montes, com os moinhos de vento, quintas e lagares de azeite. Infelizmente esta situação tem levado à degradação e automaticamente à ruína, neste caso, de estruturas que fizeram parte da história daquele povo, ou seja, elementos que fazem parte da identidade cultural. Noutros casos, alguns novos proprietários não têm o mínimo conhecimento do mundo rural e acabam por não explorar de forma correta e sustentável as suas terras e o património.

Por outro lado, o que acontece várias vezes quando existe uma intervenção em determinados montes, é que a sua estrutura é alterada sem consideração da sua importância histórica ou do

¹⁸³ MESTRE, 2009: p. 5.

seu valor patrimonial, com adulteração expressiva do seu passado e das suas construções originárias. Não são apenas os valores arquitetónicos do monte que são muitas vezes alterados, existindo inúmeros casos onde a herdade também sofre transformações. As principais alterações, são claramente, ao nível do uso do solo, alterando a paisagem tradicional, por exemplo substituindo uma cultura de sequeiro por uma cultura de regadio.

Há que encontrar soluções consistentes e eficazes para recuperar, preservar e transformar o monte alentejano e tudo aquilo que lhe está subjacente como é o caso, evidentemente, do território e consecutivamente de toda a paisagem.

*"Em termos patrimoniais o turismo rural será, porventura, aquele que melhor responde à preservação da identidade local enquanto unidade sociocultural produtiva. A permanência da família e de parte das ancestrais atividades, reforçadas por investimentos no domínio das explorações agrícolas modernas incorporando novos produtos e novas tecnologias, serão o elo da continuidade que faltará para a devida conservação e valorização de alguns montes. Um novo ciclo na vida dos Montes está em curso. Importará estabelecer um elo profundo entre estes e a defesa e valorização da unidade paisagística enquanto moldura indissociável da sua permanência."*¹⁸⁴

Tem que se ter presente que para recuperar o património ou até implementar um determinado projeto, tem que haver evidentemente, conhecimento dos envolvidos sobre o assunto porque uma coisa é certa, é importantíssimo preservar bem o património rural e o património paisagístico. Está em causa a identidade de um povo, a identidade cultural.

Com este estudo pretende-se reconhecer a importância do monte alentejano procurando contribuir para a sua salvaguarda. Deste modo, é proposto no âmbito deste estudo, um conjunto de medidas que possam contribuir para a preservação do património da área de estudo, a saber:

- 1) Criação de equipa técnica para desenvolver um plano de ação, envolvendo entidades públicas, parceiros privados e comunidades locais, perspetivando o desenvolvimento integrado e a salvaguarda do património;
- 2) Criação de um projeto de investigação intitulado de PISMA - Programa de Investigação e Salvaguarda do Monte Alentejano, atuando em espaço público e privado nos domínios da investigação, registo, salvaguarda e divulgação.

¹⁸⁴ MESTRE, 2009: p. 11.

- 3) Levantamento da rede de caminhos tradicionais, das redes de ligações entre aglomerados, montes e herdades.
- 4) Interpretação da evolução da paisagem, com recurso a cartografia antiga e outras fontes, leitura da transformação de cada exploração agrícola associada aos diversos montes e inventariação do património construído.
- 5) Estabelecimento de programa estratégico e de plano de recuperação do património construído com envolvimento das instituições públicas, das instituições de financiamento, dos proprietários e das comunidades locais.

É importantíssimo que o Governo tome também medidas neste sentido procurando novas estratégias que consigam de algum modo integrar estes elementos rurais nas suas propostas/projetos.

À semelhança de outras paisagens agrárias, como a Paisagem Vinhateira do Alto Douro e a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, a paisagem alentejana poderia vir a ser estudada para uma possível candidatura à UNESCO, já que se trata de uma paisagem cultural com características muito particulares¹⁸⁵, considerando, por exemplo, a importância do montado e da sua paisagem, para a qual poderá ser vantajoso a proteção e também o reconhecimento internacional, dada a sua relevância em termos ambientais, biológicos e socioeconómicos.¹⁸⁶

¹⁸⁵ TELES, 2013: p. 183.

¹⁸⁶ LECOQ, 2014: p. 255.

BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas

- ALVES, João Emílio - *Sobre o "Património Rural" - Contributos para a Clarificação de um Conceito*. Cidades - Comunidades e Territórios nº 8. Lisboa: Edição Centro de Estudos Territoriais/ISCTE, 2004.
- AMARAL, Monteiro do - *O Alentejo na sua Vida e sua História*. [s.l.]: [s.n.], 1941.
- ANDRADE, Garibaldi de - *Vila Branca*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1994.
- ABASCAL, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosario - *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2009.
- BISPO, Maria Teresa [et al.] - *PISAL: Programa de Investigação e Salvaguarda do Azulejo de Lisboa*. Lisboa: Relatório Final, 2011.
- BORGES, Emília Salvado - *O Concelho de Cuba - Subsídios para o seu inventário artístico*. 2ª Edição revista. Cuba: Edição da Câmara Municipal de Cuba, 1990.
- BORGES, Emília Salvado - *O Concelho de Cuba - Subsídios para o seu inventário artístico*. 3ª Edição revista e aumentada. Lisboa: Edições Colibri, 1999.
- CALDEIRA CABRAL, Francisco - *Fundamentos da Arquitetura Paisagista*. 2ª Edição. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 2003.
- CALDEIRA CABRAL, Francisco; TELLES, Gonçalo Ribeiro - *A Árvore em Portugal*. 2ª Edição. Lisboa: Assírio & Alvim. 2005.
- CANCELA D'ABREU, Alexandre D'Orey - *Paisagem e Ordenamento do Território*. Lisboa: Inforgeo, revista da Associação Portuguesa de Geógrafos, 2007.

- CANCELA D'ABREU, Alexandre D'Orey; PINTO-CORREIA, Teresa; e OLIVEIRA, Rosário - *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. I volume. Coleção Estudo 10. Lisboa: Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004.

- CANCELA D'ABREU, Alexandre D'Orey; PINTO-CORREIA, Teresa; e OLIVEIRA, Rosário - *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. V volume. Coleção Estudo 10. Lisboa: Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004.

- CANCER, Luis - *Geographicalia*. Aproximacion critica a las teorías mas representativas de la ciencia del paisaje. Zaragoza: Departamento de Geografía y Ordenación del Territorio Universidad de Zaragoza, 1994.

- CARAPINHA, Aurora - *Escrita na Paisagem - Festival de Performance e Artes da Terra*. Évora: Coleção B, Mimesis, 2005.

- CARVALHO, Eusebio Feliciano Ferreira Nobre de - *O Passado, o Presente e o Futuro dos Montados (Estudos economico-agricola no districto de Beja)*. Tese apresentada e defendida no Instituto Geral de Agricultura. Lisboa, 1870.

- COSTA, Miguel Reimão Lopes da - *Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve*. Forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2008.

- FIALHO D'ALMEIDA, José Valentim - *Estancias d'Arte e de Saudade*. Lisboa: Livraria Classica Editora, 1921.

- GROAT, Linda; WANG, David - *Architectural Research Methods*. 2ª Ed. New Jersey: Wiley, 2013.

- HENRIQUES, Magda - *Escrita na Paisagem - Festival de Performance e Artes da Terra*. Évora: Coleção B, Mimesis, 2005.

- LECOQ, Nuno Joaquim Costa Cara De Anjo - *A Herdade da Contenda . Uma Paisagem Única como Paisagem de Referência*. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Gestão Interdisciplinar da Paisagem. Universidade de Évora, 2014.

- MAGALHÃES, Manuela Raposo - *Paisagem - Perspetiva da Arquitetura Paisagista*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia e Instituto Superior Técnico, 2007.

- MAGALHÃES, Manuela Raposo [et al.] - *O Valor Ecológico do Solo no Contexto da Estrutura Ecológica Nacional*. Lisboa: Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral" (CEAP-PCC), 2008.

- MASCARENHAS, José Manuel de; BARATA, Filipe Themudo; CAPELO, Sofia - *O Monte Alentejano na Encruzilhada do Tempo*. VIII Congresso Português de Sociologia - 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas. Évora: Universidade de Évora, 2014.

- MESTRE, Victor - *O Monte Alentejano, uma Identidade de Raízes Ancestrais - contributos para o seu conhecimento e permanência*. Lisboa: VMSA arquitectos, 2009.

- MOEDAS, Sofia - *Vila de Cuba - Evolução Urbana e Estudo de um Ensanche*. Tese apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do Grau de Mestre. Porto: 2012.

- PERY, Gerardo Augusto - *Carta Agrícola do Concelho de Cuba*. 1883.

- PERY, Gerardo Augusto - *Carta Agrícola-Mineral do Concelho de Cuba*. 1883.

- PERY, Gerardo Augusto - *Estatística Agrícola do Districto de Beja (Parte II Concelho de Cuba)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1884.

- PICÃO, José Da Silva - *Através dos Campos - Usos e costumes agrícola - alentejanos (Concelho de Elvas)*. 2ª Ed. Lisboa: Editora Neogravura, 1947.

- PORTAS, Carlos A. Martins - *Estudos Eborenses*. III volume. Évora: Instituto de Estudos Superiores de Évora, 1967.
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann; DAVEAU, Suzanne - *Geografia de Portugal*. III volume: O Povo Português. 3ª Ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999.
- RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1945.
- RIBEIRO, Vitor [et al.] - *Materiais, Sistemas e Técnicas de Construção Tradicional: Contributo para o Estudo da Arquitetura Vernácula da Região da Serra do Caldeirão*. Faro: Edições Afrontamento e CCDR Algarve, 2007.
- SIMÕES, Paula Maria da Silva - *Guardiões da Paisagem - Os montes alentejanos. Lugares de Memória*. Tese apresentada à Universidade de Évora para a Obtenção do Grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem. Universidade de Évora, 2015.
- TELES, Daniel Joaquim Andrade - *Elementos Estruturantes e Morfologia Urbana: As diferentes formas urbanas em três núcleos de Santa Marta de Penaguião*. Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Fernando Pessoa, 2011.
- TELES, Sílvia - *Habitar a Paisagem Alentejana - A Particularidade do Monte*. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Universidade de Évora, 2013.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro - *Recuperação do património e valorização da paisagem rural*. Lisboa : Pessoas e Lugares N°16, 2004.
- VIEIRA DE SÁ, Mario - *O Alentejo - Sua descrição geral, Principais produções e Projeto de irrigação*. Dissertação inaugural apresentada ao Conselho Escolar do Instituto Superior de Agronomia. Lisboa, 1911.

Sitiografia

- BDA - Biblioteca Digital do Alentejo - [em linha]. Évora: 2005 - [Consult. 6 Fevereiro 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.bdalentejo.net/>>.
- CMC - Câmara Municipal de Cuba (Município de Cuba) - [em linha]. Cuba: 2015 - [Consult. 9 Janeiro 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.cm-cuba.pt/>>.
- DGADR - Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural - dgadr.mamaot.pt [em linha]. Lisboa: 2015 - [Consult. 7 Janeiro 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.dgadr.mamaot.pt/>>.
- DGT - Direção - Geral do Território - dgterritorio.pt [em linha]. Lisboa: 2015 - [Consult. 11 Abril 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.dgterritorio.pt/>>.
- DGT - Direção - Geral do Território - Informação Geográfica - igeo.pt [em linha]. Lisboa: 2015 - [Consult. 20 Maio 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.igeo.pt/>>
- EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva - Alqueva - Uma nova terra de água - alqueva.com.pt [em linha]. Beja: 2015 - [Consult. 1 Setembro 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.alqueva.com.pt/pt/>>
- ESPORÃO - esporao.com [em linha]. Reguengos de Monsaraz - [Consult. 17 Agosto 2015]. Disponível na WWW: <URL:<http://esporao.com/>>.
- ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas - icnf.pt [em linha]. Lisboa: 2015 - [Consult. 14 Maio 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.icnf.pt/portal>>.
- IGeoE - Instituto Geográfico do Exército - Centro de Informação geoespacial do Exército - igeoe.pt [em linha]. Lisboa: 2013 - [Consult. 23 Março 2015]. Disponível na WWW: <<https://www.igeoe.pt/>>.

- IHRU - Instituto da Habilitação e da Reabilitação Urbana - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico - monumentos.pt [em linha]. Lisboa: 2001-2006 - [Consult. 27 Junho 2015]. Disponível na WWW: < <http://www.monumentos.pt/>>.

- ISA - Instituto Superior de Agronomia - Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral" - epic webgis portugal (Ecological planning, investigation and cartography) [em linha]. Lisboa: 2013 - [Consult. 8 Maio 2015]. Disponível na WWW: <URL:<http://epic-webgis-portugal.isa.utl.pt/>>.

- INE - Instituto Nacional de Estatística [em linha]. Lisboa: 2015 - [Consult. 7 Outubro 2015]. Disponível na WWW: <<https://www.ine.pt/>>.

- OAPIX - Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa [em linha]. Lisboa: 2011 - [Consult. 27 Janeiro 2016]. Disponível na WWW: <<http://www.oapix.org.pt/>>.

- PLANTAR UMA ÁRVORE - Associação Plantar uma Árvore [em linha]. Monsanto: 2012 - [Consult. 23 Janeiro 2016]. Disponível na WWW: < <http://www.plantarumaarvore.org/>>.

- QUERCUS - Associação Nacional de Conservação da Natureza [em linha]. Lisboa: 2015 - [Consult. 10 Outubro 2015]. Disponível na WWW: < <http://www.quercus.pt/>>.

- 7GRAUS - Dicionário Online de Português - dicio.com.br [em linha]. Matosinhos: 2009-2015 - [Consult. 29 Agosto 2015]. Disponível na WWW: <<http://www.dicio.com.br/>>

ANEXOS

Anexo I - Questionário Tipo

Nome:

Idade:

Economia tradicional

- 1) Quais eram as atividades ou trabalhos desempenhados nos montes (os diferentes trabalhos por temporada ao longo do ano, em cada mês)?
- 2) Como se designavam os criados responsáveis por cada uma das tarefas descritas (almocreve, abegão, moiral, criada, etc)?

Monte / herdade

- 1) Em que monte/ herdade trabalhou?
- 2) Quem era o proprietário e quantos montes/ herdades tinha o proprietário do monte em que trabalhou?
- 3) Onde residia o proprietário?
- 4) Quantas pessoas trabalhavam/ trabalham no monte?
- 5) Quem residia no monte (identificação do tipo de criados)?
- 6) Quem residia em Vila Ruiva e trabalhava no monte (identificação do tipo de criados)?
- 7) Como eram os diferentes tipos de contratação dos criados?
- 8) Como estava organizada a herdade (folhas, montado, olival etc em planta)?
- 9) Quais eram/ são as culturas que predominavam/ predominam no monte?
- 10) Quais eram/ são os animais que existiam/ existem no monte?

Edifício

- 1) Quantas habitações havia na herdade e quais eram os seus compartimentos (designações tradicionais)?
- 2) Quais eram as dependências ou compartimentos não habitacionais (celeiro, palheiro, arrecadação, cabana, abegoaria, etc) e para que serviam?
- 3) Que atividades realizavam no espaço exterior do monte?
- 4) Conhece algum monte com capela? Qual?
- 5) Quais eram os montes mais ricos?
- 6) Que tipos de montes havia?

Anexo II - Questionário 1 (D^a Alzira Júlia Fragoso Pinto)

Nome: D^a Alzira Júlia Fragoso Pinto

Idade: 76 anos

Economia tradicional

- 1) A atividade que era realizada durante todo o ano é a criação de gado ovino. Quando necessário também era feita a extração de cortiça e a apanha da azeitona.
- 2) O Sr. Vergílio António Marques Plácido (esposo de D^a Alzira) era o "pastor" e a D^a Alzira era a sua "ajudante".

Monte / herdade

- 1) Trabalhou no monte da Sr^a de Aires, monte do Zambujal, monte Novo, monte do Gamito, monte da Pantoja, monte das Cortes, monte Acima, monte da Blorina e monte do Surtão.
- 2) A D^a Alzira e o Sr. Virgílio trabalharam quatro vezes no monte do Zambujal. A primeira vez que foram para o monte o proprietário era a família Capas e Sousa. Esta família possuía bastante montes/ herdades no Alentejo. A segunda vez que voltaram ao monte, os proprietários eram os trabalhadores agrários. A terceira vez que voltaram a trabalhar no monte do Zambujal o proprietário era o Sr. António Capas e Sousa. Por fim, a última vez que voltaram a trabalhar no monte já pertencia à família Tira Picos.
- 3) A família Capas residia em Vila Ruiva. O Sr. António Tira-Picos residia e reside em Évora.
- 4) Trabalhavam no monte/ herdade do Zambujal o Sr. Virgílio ("pastor") e a D^a Alzira ("ajudante"), o Sr. José Viana ("manajeiro"), o Sr. Manuel Francisco ("porqueiro") e o Sr. Francisco Preto ("carreiro"- andava com as bestas).
- 5) Quem residia no monte era o Sr. Virgílio e a D^a Alzira. Posteriormente o Sr. José Viana e a sua família também foram morar para a herdade (casa de habitação junto à "malhada").
- 6) O Sr. Manuel Francisco ("porqueiro") e o Sr. Francisco Preto ("carreiro") residiam em Vila Alva.
- 7) --
- 8) Existia um pequeno olival e o montado (azinheiras e sobreiros).
- 9) Azinheira.
- 10) Quais eram/ são os animais que existiam/ existem no monte? Existiam no monte/ herdade ovelhas, borregos e alguns porcos que eram do proprietário. Havia também galinhas que eram para consumo do casal.

Edifício

- 1) Quantas habitações havia na herdade e quais eram os seus compartimentos (designações tradicionais)?

Existiam duas casas de habitação. A casa de habitação junto à "malhada" que foi a casa de habitação do Sr. José Viana e da sua família e a casa de habitação do edifício velho (antigo "monte") que era onde a D^a Alzira e o Sr. Virgílio residiam. Esta tinha cinco compartimentos: a "casa da malta" que é a "casa de entrada", um corredor, a cozinha com chaminé, a arrecadação da cozinha ("dispensa") e dois quartos.

- 2) Além da casa de habitação, existia uma "alpendurada" para guardar utensílios agrícolas e afins. Existia um "palheiro" para guardar fardos de palha. Existia um casão onde o Sr. Vergílio guardava o "carro de burro". Existia uma "cavalariça" onde o burro residia. Existia uma "casa das bestas" com duas manjedouras e uma chaminé. Existia um galinheiro onde a D^a Alzira tinha as suas galinhas e existia a casa do forno, onde era cozinho o pão. Existia o "curral" com duas manjedouras. Na herdade também se pode encontrar a "malhada" onde se encontravam os porcos.
- 3) Além dos trabalhos agrícolas (apanha da azeitona e extração de cortiça) a principal atividade é o pastoreio. Existia também uma "quinchoso" entre a "malhada" e o "monte" (edifício antigo). Todas as pessoas que trabalhavam para a família Capas e Sousa (quer na herdade do Zambujal, quer noutra herdade da família) tinham uma porção de terreno para fazerem as suas plantações. Esse espaço era designado de "quinchoso". O meu avó, o Sr. Manuel Flávio Caeiro e a sua irmã, a minha tia D^a Mariana Algarvio, como trabalhavam para a família Capas e Sousa, na Herdade do Monte Capas, também tinham uma porção de terra ao seu dispor.
- 4) Não.
- 5) Monte do Zambujal e Monte da Sr^a de Aires (Viana do Alentejo).
- 6) --

Anexo III - Questionário 2 (D^a Joaquina Teresa Nunes Viana Seco)

Nome: D^a Joaquina Teresa Nunes Viana Seco

Idade: 79 anos

Economia tradicional

- 1) A atividade que é realizada durante todo o ano era a criação de gado bovino. Quando necessário também era feita a extração de cortiça e a apanha da azeitona.
- 2) O Sr. Veríssimos Seco (esposo de D^a Joaquina) era o "vaqueiro" e a D^a Joaquina era a sua "ajudante".

Monte / herdade

- 1) Monte/ herdade do Zambujal.
- 2) O proprietário é o Sr. António Miguel Correia Tira-Picos. É dono também da herdade da Francelheira e da herdade da Comenda
- 3) Em Évora.
- 4) Na herdade/ monte trabalhava o Sr. Veríssimos Seco (vaqueiro), a D^a Joaquina Seco (ajudante) e o Sr. João Alemão (pedreiro). Por uma temporada (sensivelmente de 3 a 4 meses) o filho do Sr. Veríssimos e da D^a Joaquina trabalhou como tratorista.
- 5) Quem residia no monte era o Sr. Veríssimos e a D^a Joaquina.
- 6) Quem residia em Vila Ruiva e trabalhava no monte era o Sr. João Alemão e o Sr. João Carlos (filho do casal residente no monte).
- 7) O contrato do Sr. Veríssimos e da D^a Joaquina era a tempo inteiro. Os restantes contratos eram feitos quando as atividades assim o exigissem.
- 8) Existia na herdade: montado, olival e pinhal.
- 9) Azinheira e sobreiro.
- 10) Existiam vacas, bois e bezerros que eram do proprietário. Além destes, existiam animais domésticos (cães) e animais para consumo do casal (como é o caso de porcos, galinhas e patos).

Edifício

- 1) Existiam duas casas de habitação. A casa de habitação junto à "malhada" que é neste momento a casa do Sr. Manuel e da família e a casa de habitação do antigo "monte" que era onde a D^a Joaquina e o Sr. Veríssimos moravam. Esta tinha cinco compartimentos: a "casa da malta" que é basicamente um corredor, a cozinha com chaminé, a arrecadação da cozinha ("dispensa") e dois quartos.

- 2) Além da casa de habitação, existia uma "alpendurada" para guardar utensílios agrícolas e afins. Existia um "palheiro" para guardar fardos de palha. Existia um casão onde o Sr. Verísimos guardava o "carro de burro". Existia uma "cavalariça" onde o burro residia. Existia uma "casa das bestas" com duas manjedouras e uma chaminé. Existia um galinheiro onde a D^a Joaquina tinha as suas galinhas e existia a casa do forno, onde era cozinho o pão. Existia o "curral" das vacas com duas manjedouras. Na herdade também se pode encontrar a "malhada", uma vez que não existe porcos, a "malhada" serve de "arrecadação".
- 3) Além dos trabalhos agrícolas (apanha da azeitona e extração de cortiça) a principal atividade é o pastoreio. Existia também uma "horta" entre a "malhada" e o "monte" onde o casal fazia as suas plantações (para consumo próprio).
- 4) Não.
- 5) Monte do Zambujal.
- 6) Existia o Monte da Ponte, próximo da ponte romana, que tinha um moinho de água. Era bastante bonito.

Anexo IV - Questionário 3 (D^a Maria da Graça Fialho Sota)

Nome: D^a Maria da Graça Fialho Sota

Idade: 43 anos

Economia tradicional

- 1) A atividade que é realizada durante todo o ano é a criação de gado bovino. Em Setembro é a altura da vindima e a poda, (cortar e/ou aparar os ramos da videira), é realizada de Dezembro até ao fim de Janeiro. Quando necessário também é feita a extração de cortiça e a apanha da azeitona.
- 2) Só existe uma pessoa a trabalhar na herdade. É o Sr. Manuel Luz que é o encarregado geral (manajeiro). A D^a Maria da Graça (sua esposa) por vezes ajuda-o no que for necessário. Relativamente à vindima e à poda, geralmente para fazerem esses trabalhos é convocado o pessoal que trabalha em outras herdades do mesmo proprietário.

Monte / herdade

- 1) Monte/ herdade do Zambujal.

- 2) O proprietário é o Sr. António Miguel Correia Tira-Picos. É dono também da herdade da Francelheira e da herdade da Comenda.
- 3) O proprietário reside em Évora.
- 4) Trabalha apenas o Sr. Manuel.
- 5) Quem reside no monte é o Sr. Manuel, a D^a Maria da Graça (esposa) e a Joana (filha).
- 6) ---
- 7) Neste caso o Sr. Manuel está contratado a tempo inteiro.
- 8) A maior parte da herdade é montado. Recentemente foi plantada a vinha que ocupa uma área significativa da herdade (menor que a área do montado). Existe também um pequeno olival.
- 9) A cultura que predomina no monte é a azinheira e a vinha. Em tempos semeavam bastante trigo, cevada e girassol.
- 10) Existem vacas, bois e bezerros que são do proprietário. Além destes, existem animais domésticos (cães e gatos) e animais para consumo do Sr. Manuel e da família (como é o caso de porcos e galinhas).

Edifício

- 1) Existe a casa de habitação do Sr. Manuel e da família e perto desta existe o verdadeiro "monte" (neste momento não habita lá ninguém).
- 2) Existe um "casão da palha" que como o nome indica serve para guardar palha. Existe uma "alpendurada" para guardar a maquinaria e afins. Existe um "palheiro" para guardar a palha e existe um casão para guardar de Inverno a ração. Existe um casão onde o Sr. Manuel guarda material para tratar do gado bovino, como por exemplo os medicamentos. Onde era o antigo galinheiro, agora serve para os caçadores guardarem as estruturas para alimentar os animais de caça, como por exemplo, perdizes e codornizes. Existe o "curral" das vacas onde se pode encontrar três manjedouras (duas fixas e uma móvel) e uma casa de apoio. Na herdade também se pode encontrar a "malhada", uma vez que não existe porcos, a "malhada" serve de "arrecadação". Perto desta também se encontra um "casão" que serve para guardar as máquinas agrícolas. Dentro do "casão" está também uma "oficina" e uma "casa do pessoal" - casa de convívio com chaminé.
- 3) Além dos trabalhos agrícolas (vindima, poda, apanha da azeitona e extração de cortiça) a principal atividade é o pastoreio.
- 4) O monte de Água de Peixes.
- 5) ---
- 6) ---

Anexo V - Carta Agrícola do Concelho de Cuba. Pery, 1883

CARTA
AGRICOLA

do
DISTRICTO DE BEJA

2ª parte














CONCELHO DE CUBA

por

Gerardo A. Pery

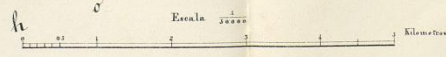
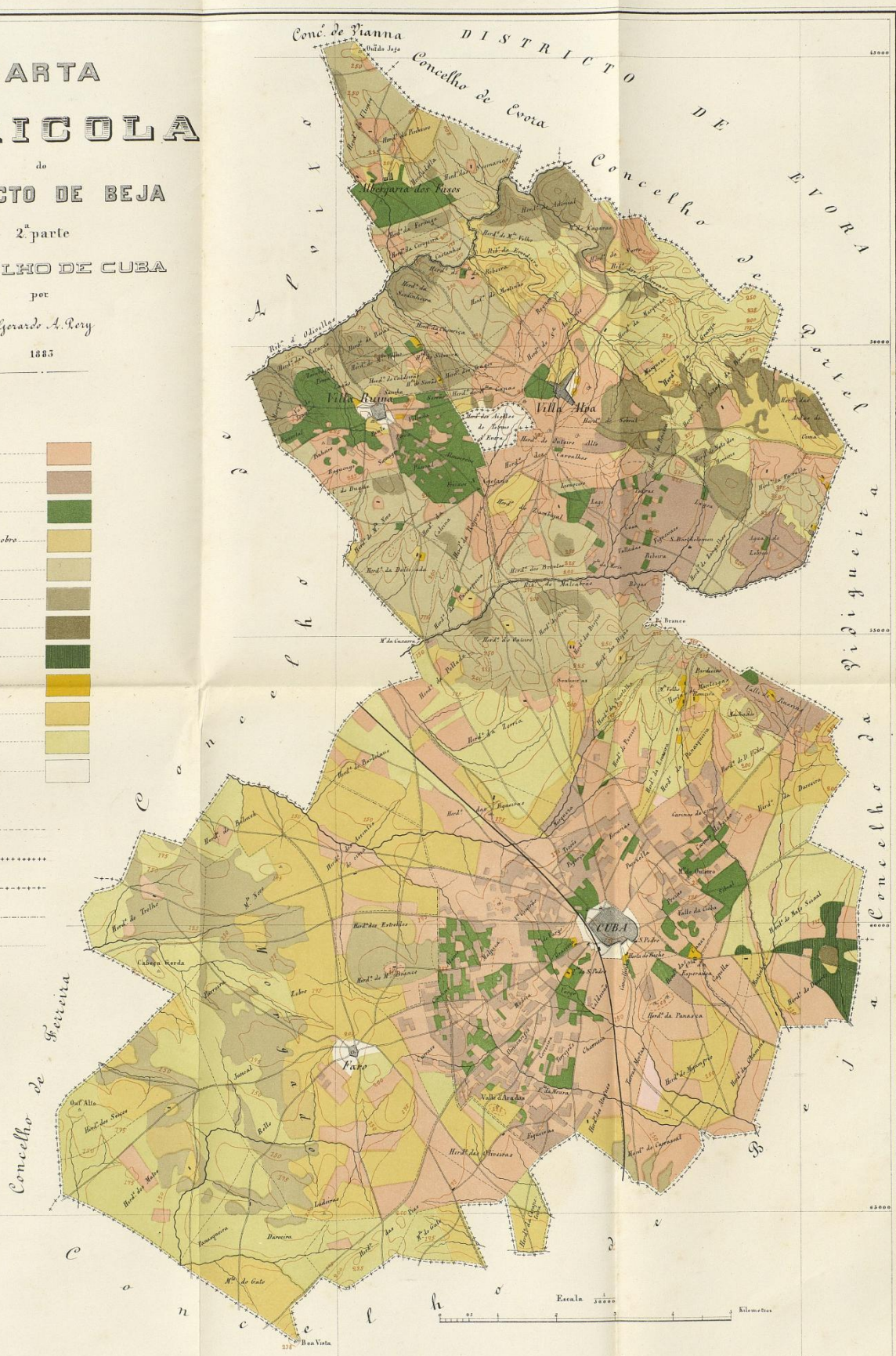
1883

Convenções

Culturas arborescentes	
Vinhas	
Olivais	
Chaparral d'az'cu sobre	
d'azinho	
Montado	
d'azinho e sobre	
de sobre	
Pinhais	
Montes e prumares	
Pousios e pastagens naturais	
Charneca	
Solo improductivo	

Limites de herdades

de districto	
de concelho	
de freguesia	
de culturas	



Anexo VII - Fotos do património edificado



Igreja de Nossa Senhora da Encarnação (Vila Ruiva)- 1943 (SIPA)



Igreja de Nossa Senhora da Encarnação (Vila Ruiva)- 1973 (SIPA)



Igreja de Nossa Senhora da Encarnação (Vila Ruiva)- 2015



Igreja de Nossa Senhora da Encarnação (Vila Ruiva)- 1979 (SIPA)



Igreja da Misericórdia em Vila Ruiva: ~1971 (Foto cedida pelo Sr. Aníbal Costa) .



Igreja da Misericórdia em Vila Ruiva: 2014 (José Messias).



Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva (SIPA).



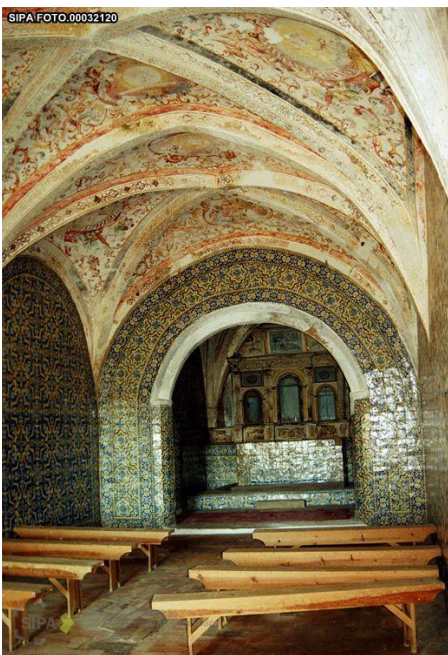
Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva (SIPA).



Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva: casa dos romeiros (SIPA).



Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva: vista lateral e casa dos romeiros (SIPA).



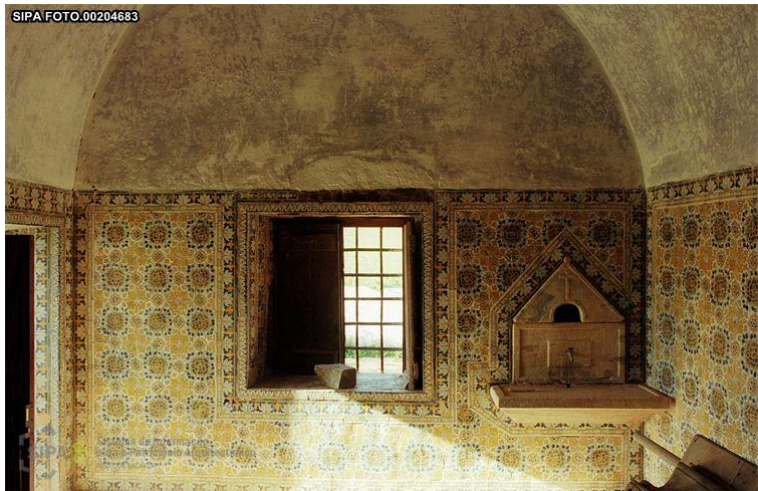
Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva: igreja (SIPA).



Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva: pinturas de fresco (SIPA).



Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva: púlpito (SIPA).



Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva: sacristia (SIPA).



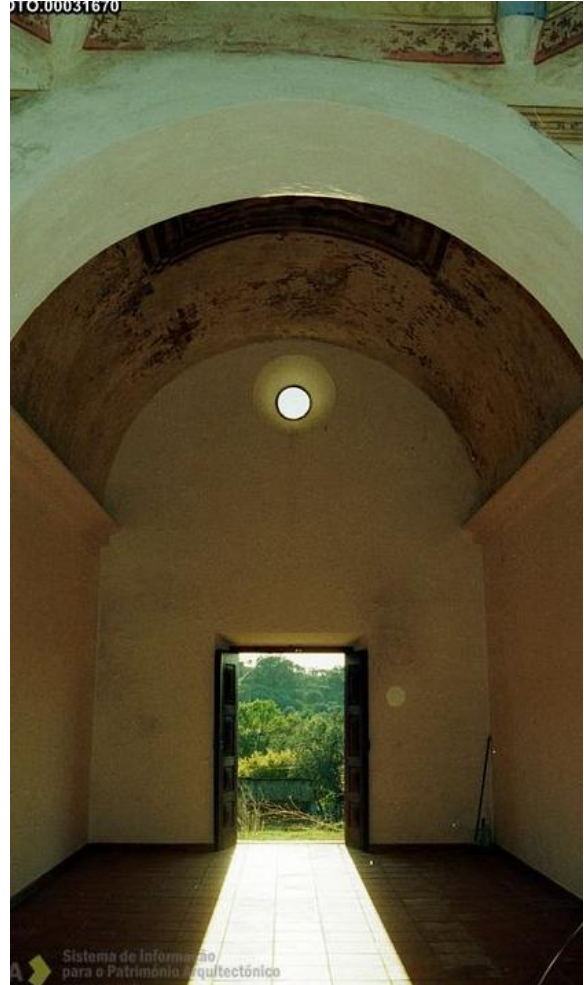
Ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva: pormenor manuelino (SIPA).



Imagem de Nossa Senhora da Represa.



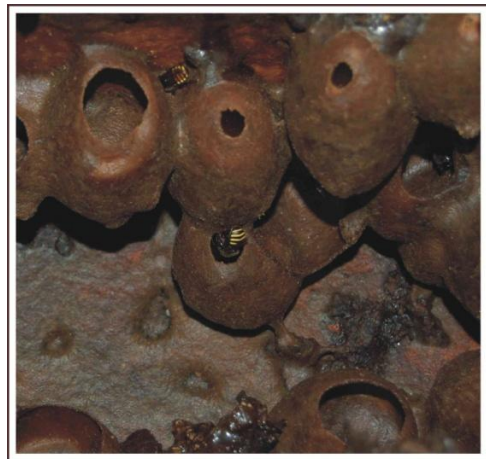
Interior da ermida de São Sebastião em Vila Ruiva (SIPA).



Interior da ermida de São Sebastião em Vila Ruiva (SIPA).



Insectozoo em Vila Ruiva- colónia de formigas (<http://www.cappas-insectozoo.com.pt/>).



Insectozoo em Vila Ruiva- Os famosos potes de cerume onde os meliponíneos armazenam o mel (<http://www.cappas-insectozoo.com.pt/>).



Porta da Igreja da Misericórdia em Vila Ruiva: ~1970 (Foto cedida pelo Sr. Manuel Fragoso).



Porta da Igreja da Misericórdia em Vila Ruiva (SIPA).



Interior da igreja da Misericórdia em Vila Ruiva (SIPA).



Interior da igreja da Misericórdia em Vila Ruiva (SIPA).



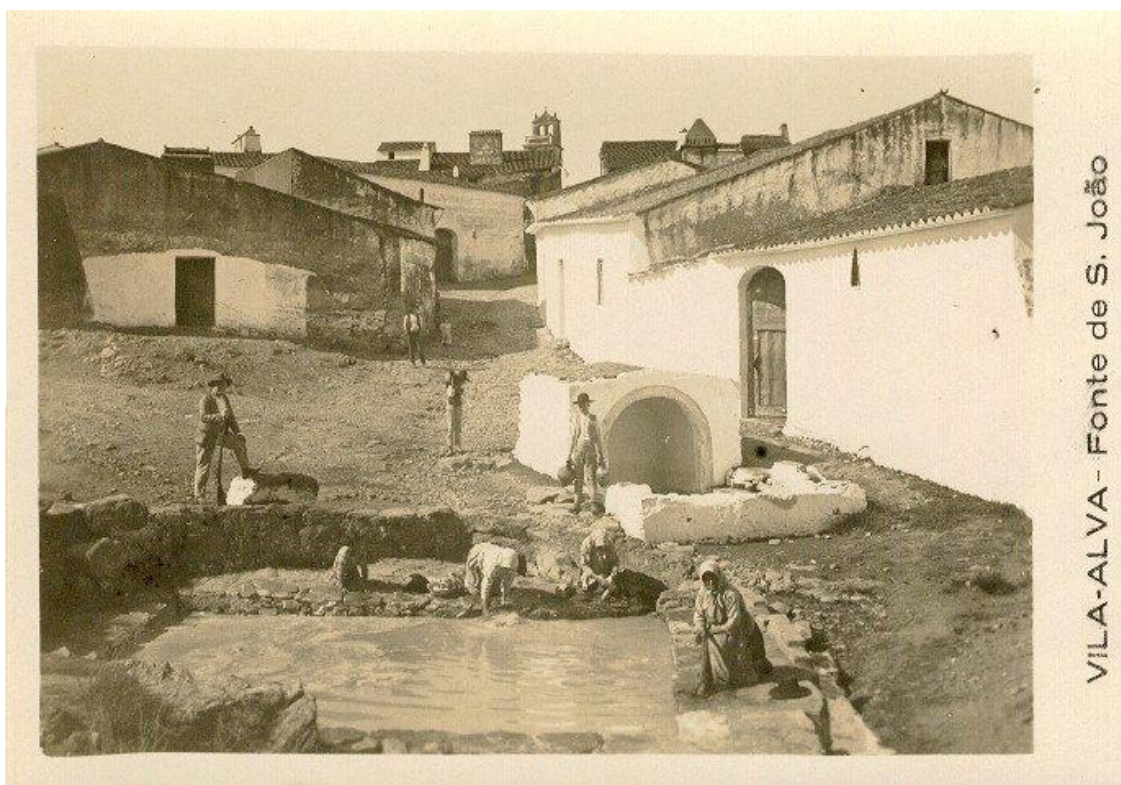
Interior da igreja de Nossa Senhora da Visitação em Vila Alva (SIPA).



Interior da igreja da Misericórdia em Vila Alva (SIPA).



Interior da igreja da Misericórdia em Vila Alva (SIPA).



Fonte de São João em Vila Alva (data desconhecida- <http://vilaalva.blogspot.pt/>).



Fonte de São João em Vila Alva (<http://vilaalva.blogspot.pt/>).



Tanque de Vila Alva: 1955 (<http://www.oapix.org.pt/>).



Tanque de Vila Alva: 2016.



Largo Luís de Camões, antigo Largo da Fonte em Vila Alva (Data desconhecida- <http://vilaalva.blogspot.pt/>).



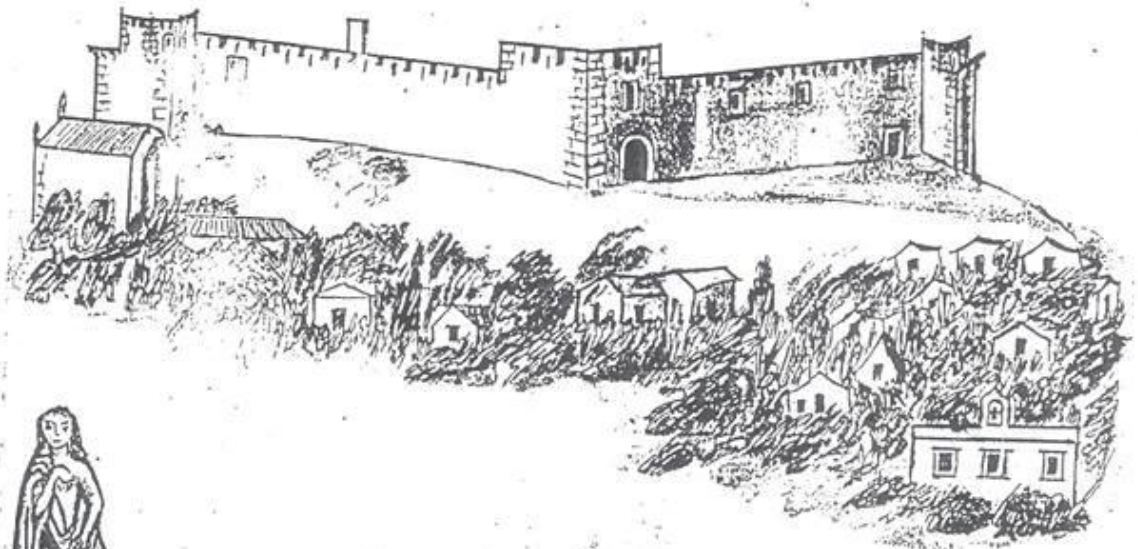
Largo Luís de Camões, antigo Largo da Fonte em Vila Alva (<http://vilaalva.blogspot.pt/>).



Antiga escola primária em Vila Alva (Data desconhecida- <http://vilaalva.blogspot.pt/>).



Antiga escola primária em Vila Alva (<http://vilaalva.blogspot.pt/>).



Núm. 5.

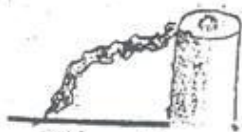
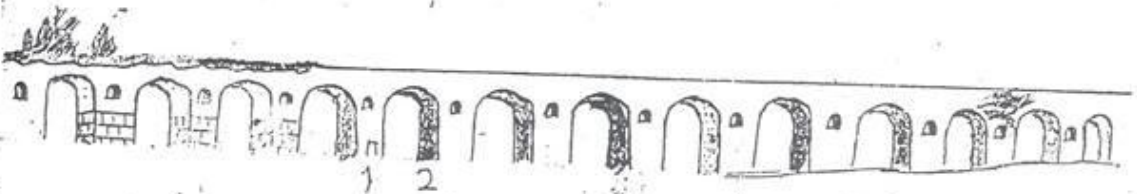
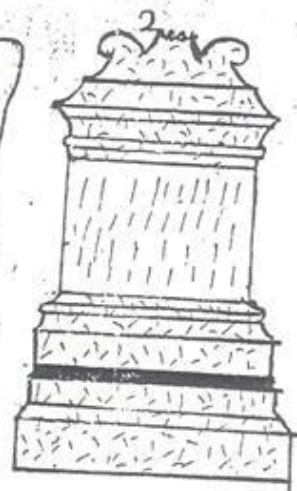


Figura 3.

ANNIVS
ARCONIS
HEIC SITV



Representação gráfica do castelo de Vila Ruiva e da ponte romana (Documento cedido pelo Sr. Claudino Seco e existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora).

O Castello de Villa Ruiva he quadrado, e tem de comprimento em cada lado 49. varas incluída a torre que tem 6. varas. Sahe fora do muro 4. varas

A altura do muro he de 9 varas e meia, a que as torres exceedem huã vara.

Do Poente está sobre huã janella a figura do Num.º 4. Tem duas portas: a principal ao Nascente, e outra ao Norte. Sua obra, e repartição he grande, e debôas serventias; porém maior q. tudo he a sua irremediavel ruina.



Ponte.

Junto desta amoenissima Villa ha huã ponte de terra de 15 varas e meia de cumprimento, e 5 varas de largura. Os seus arcos maiores são 44. dos quaes trez tem seus pilares de cantaria do tempo dos Romanos. No arco 5.º está nelle introduzidas as pedras do Num.º 4. e 2. Sepulchro do Num.º 2. está toda picada, e pelas extremidades se conhece ser sepulchral com este feitiço.

A altura da ponte he de 5 varas e meia com differença de mais e menos, e com a mesma são a altura e largura dos arcos cada huã de 5 varas, e a distancia d'elles de 3. varas. Adiante da ponte ha huma obra mais alta que hum homem da Figura do Num.º 3 com hum buraco no meio, em q.º cabe hum homem, mas está cheio de terra.